

PERIÓDICO DE DIVULGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO DE SURDOS

EDUCAÇÃO DE SURDOS: DESAFIOS, AÇÕES E SUPERAÇÕES



TECNOLOGIAS DIGITAIS NO
ENSINO PARA SURDOS

ANÁLISES DE DISCURSOS
DE/SOBRE SURDOS

ENSINO PARA SURDOS E
MUSICALIDADE

YOUTUBE E ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA

MÍDIAS SOCIAIS E
EDUCAÇÃO DE SURDOS

TRADUÇÃO-INTERPRETAÇÃO
LIBRAS E LP

LIBRAS E LP ESCRITA | TECNOLOGIAS DIGITAIS | ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS



Fotografia de alunos copiando matéria de Língua Portuguesa de quadro-negro em cadernos. Atividade em sala de aula com a presença de professor, 1946. Acervo Histórico INES.

R E V I S T A

Arqueiro

PERÍODICO DE DIVULGAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS
EM EDUCAÇÃO DE SURDOS

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



REVISTA ARQUEIRO
ISSN 1518-2495

GOVERNO DO BRASIL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Jair Messias Bolsonaro

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Abraham Weintraub

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
DE SURDOS

DIRETOR GERAL DO INES
Paulo André Martins de Bulhões

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO
HUMANO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
Andreza da Silva Gonçalves Raphael

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E
TECNOLÓGICOS
Ramon Santos de Almeida Linhares

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Jean Fuglino de Paiva

PUBLICAÇÕES INES
COORDENAÇÃO EDITORIAL DDHCT/INES
Andreza da Silva Gonçalves Raphael
Ramon Santos de Almeida Linhares

SECRETÁRIO
Jean Fuglino Paiva

COMISSÃO DE TRADUÇÃO
Alessandra Scarpin Moreira Delmar
Fabiola de Vasconcelos Saudan
Lenildo de Souza Lima

EDITORES ARQUEIRO
Dra. Marisa da Costa Gomes
Dra. Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz
Dr. Ricardo de Souza Janoario

CONSELHO DE PARECERISTAS
Aline Cristine Xavier da Silva Castro
Ana Luísa Antunes
Ana Teresa Andrade
Cássia Gečiauskas Sofiato
Eder Barbosa Cruz
Huber Kline Lobato
Laura Jane Messias Belém
Lia Abrantes A. Soares
Marcia Moraes
Mária Carmem Euler
Priscilla Fonseca Cavalcante
Rita de Cássia de Oliveira e Silva
Roberta Savedra Schiaffino

PROJETO GRÁFICO
Ramon Santos de Almeida Linhares

PRODUÇÃO GRÁFICA
Partners Comunicação Integrada

COORDENAÇÃO GERAL
Samuel Costa

SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO
Lais de Oliveira Rodrigues

COORDENAÇÃO DE DESIGN
Marie Azambuja

DIAGRAMAÇÃO
Pablo Quezada

REVISÃO
Islene Santos

FOTO DA CAPA

Fotografia de alunos copiando matéria de Língua
Portuguesa de quadro-negro em cadernos.
Atividade em sala de aula com a presença de
professor. Seleção da imagem: Osilene Cruz e
Jean Fuglino. Fonte: Acervo Histórico do INES.

Rua das Laranjeiras, nº 232 – 3º andar
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-003
Telefax: (21) 2285-7284 / 2205-0224
E-mail: revistaarqueiro.ines@gmail.com

• SUMÁRIO •

**ENTREVISTA:
COM CÁSSIA
SOFIATO**

08

**ENTREVISTADORES
EDITORES DA
REVISTA ARQUEIRO
OSILENE CRUZ**

**REPRESENTAÇÕES
SOBRE O ALUNO SURDO
NA REVISTA “NOVA
ESCOLA”: UM ESTUDO
PILOTO**

14

**FERNANDA CARICARI
DE MORAIS E
GEOVANI BRITO**

**DISCURSO DE MICHELLE
BOLSONARO À LUZ DA
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-
FUNCIONAL E DA
AVALIATIVIDADE: SENTIDOS
EM LIBRAS E EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

28

**ALANA MENDONÇA,
MAIELY DIAS E
OSILENE CRUZ**

**YOUTUBE NO ENSINO DE
LÍNGUA ESTRANGEIRA
PARA OS SURDOS: UMA
PROPOSTA DE USO DO
VIDEOCLÍPE SEE YOU
AGAIN**

44

**PHILLIPE DAVID
RODRIGUES ALVES**

**O SUJEITO SURDO
E A MUSICALIDADE:
PANORAMA SOBRE
A INTERAÇÃO
ENTRE MÚSICA E
SURDEZ**

60

**DAIANE DE OLIVEIRA
PIERGIORGE E
LETÍCIA GONÇALVES
RICARDO**

**AO ALCANCE
DA CIDADANIA
COMUNICATIVA:
REDE SOCIAL
FACEBOOK
ASUGOV GV**

68

**SONIA MARIA
QUEIROZ DE OLIVEIRA E
JIANI ADRIANA BONIN**

**MÍDIAS SOCIAIS:
ANÁLISE DO
CERTAME
DIÁRIO COMO
POSSIBILIDADE DE
APRENDIZAGEM
DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

82

**CRISTIAINE SILVA
RIBEIRO E
LUDMILA VEIGA FARIA
FRANCO**

Arqueiro / Instituto Nacional de Educação de Surdos. – Vol. 1 (jan/jun 2000) –
Rio de Janeiro : INES – v. : il. ; 28cm

Vol. 40 (jul-dez, 2019), Semestral – ISSN-1518-2495.

1. Surdos – Educação. I. Instituto Nacional de Educação de Surdos
(Brasil).


COD-371.912




EDITORIAL

Prezad@ leitor@

Com imenso prazer, apresentamos mais uma edição da Revista Arqueiro. Como de praxe, a Revista traz uma entrevista e seis artigos!




A entrevista deste volume traz a pesquisadora Cássia Sofiato, que presenteia o leitor com informações sobre sua trajetória na educação de surdos e apresenta reflexões importantes sobre formação de professor, atual situação da Comunidade Discente Surda frente à pandemia causada pelo coronavírus e desperta a nossa atenção também sobre políticas públicas, como a Política Nacional de Educação Especial, via decreto 10.502/2020, que atende à Comunidade Surda, mas não contempla uma comunidade maior, sendo suspensa por esse motivo. No to-



cante ao interesse dos alunos surdos, a pesquisadora destaca o número de ocorrências relativas ao Público Surdo, em detrimento aos demais públicos da Educação Especial.

E por falar em ocorrências discursivas, a Revista Arqueiro, nesta edição, traz dois artigos com foco em análises de textos sobre a Comunidade Surda. No artigo intitulado *Representações sobre o aluno surdo na revista "Nova Escola": um estudo piloto*, os autores Fernanda Caricari de Moraes e Geovani Brito apresentam uma análise linguística baseada na Linguística Sistêmico-Funcional, idealizada por Halliday (1994) e revisitada por Halliday e Matthiessen (2004), teoria que se baseia em textos e contextos como propulsores de pesquisas muito interessantes. Os autores mostram o estudo de uma notícia publicada na revista Nova Escola, em que a representação de discentes surdos é trazida à tona por professores que atuam no contexto regular com salas inclusivas. Por se tratar de uma pesquisa baseada na Linguística, o leitor tem acesso ao que está explícito e implícito em um texto que deveria prezar pela efetiva valorização e reconhecimento do discente surdo.



Seguindo a mesma vertente teórico-metodológica sistêmico-funcional de Halliday (1994), com um viés do Sistema de Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005), no artigo *Discurso de Michelle Bolsonaro à luz da Linguística Sistêmico-Funcional e da Avaliatividade: sentidos em Libras e em Língua Portuguesa*, as autoras Alana Mendonça, Maiely Dias e Osilene Cruz apresentam uma análise comparativa entre dois discursos (aparentemente iguais), realizados pela Primeira-Dama Michelle Bolsonaro, em Libras, e vocalizado pela Tradutora Intérprete de Libras e Língua Portuguesa, no dia da posse do presidente Bolsonaro, em 2019. Trata-se de uma análise discursiva sem viés político-partidário, mas com a intenção de mostrar a evidência da Libras, da Comunidade Surda e do seu uso em vários meios sociais e culturais, entre eles o discurso na posse presidencial.

O autor Phillippe David Rodrigues Alves mostra sua preocupação com estratégias e recursos de ensino-aprendizagem voltadas para o aluno surdo em tempos de pandemia e apresenta, no artigo intitulado *Youtube no ensino de língua estrangeira para os surdos: uma*

proposta de uso do videoclipe See you Again, provocações sobre novas metodologias de ensino, como o acesso ao youtube, plataforma utilizada por muitos professores, embora ainda haja alguns preconceitos ou inabilidades para seu uso. É importante que o professor se volte para outras tecnologias interessantes para o aprendiz surdo, sobretudo aquele que está diante de uma língua estrangeira, como é o caso da Língua Inglesa, abordada no artigo em tela.

As autoras Daiane de Oliveira Piergiorgio e Letícia Gonçalves Ricardo, no artigo *O Sujeito Surdo e a Musicalidade: Panorama sobre a Interação entre Música e Surdez*, rompem com um estigma de que surdez e musicalidade não deveriam se articular. Nessa proposta, buscam contribuir com uma reflexão sobre como abordar a musicalidade nos contextos educacionais frequentados também por surdos, já que o ensino dessa temática se tornou obrigatório a partir de 2008, através da Lei nº 11.769. Sendo assim, é preciso buscar formas de atender às especificidades do aluno surdo, sem que ele perca sua identidade linguística e sua cultura.

No artigo *Ao alcance da cidadania*



comunicativa: rede social Facebook Asugov GV, Sonia Maria Queiroz de Oliveira e Jiani Adriana Bonin defendem que o uso de redes sociais como o Facebook pode contribuir para a constituição de sua cidadania, a partir de um estudo realizado na página do Facebook frequentada por membros da Associação de Surdos de Governador Valadares/MG – Asugov. As autoras consideram que a afinidade e a proximidade com a Libras tornam a plataforma mais acessível para o usuário surdo, que pode se sentir mais próximo de sua cultura, voltada para aspectos da visualidade e da Semiótica, portanto, deve fazer sentido ao sujeito surdo.

Por fim, buscando dialogar com o artigo anterior, as autoras Cristiane Silva Ribeiro e Ludmila Veiga Faria Franco apresentam em *Mídias sociais: análise do certame diário como possibilidade de aprendizagem da Língua Portuguesa* a partir de análise de conversas realizadas em plataformas digitais, como *Whatsapp, Facebook e Instagram*, como formas de possibilitar o ensino da Língua Portuguesa escrito de forma mais leve e prazerosa para o aprendiz surdo. Para isso, o leitor terá acesso a impor-

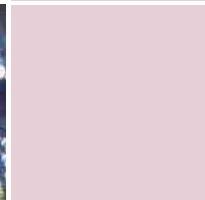
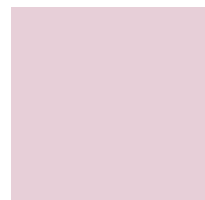
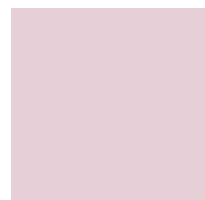
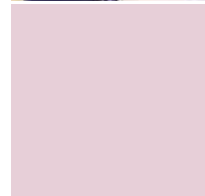
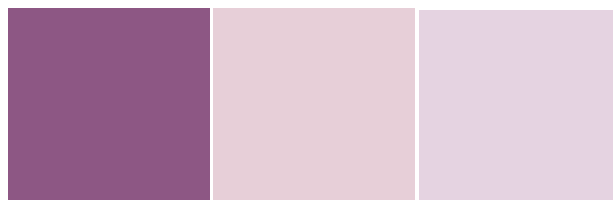
tantes informações teóricas e metodológicas referentes à tecnologia, a mídias sociais, à cibercultura, estudos culturais e linguísticos importantes para a educação de surdos. As autoras consideram eficaz o uso dessas tecnologias para o ensino ao aluno surdo e que o ensino deve ser um processo, contando com metodologias e tempo adequado.

Com muito carinho este volume foi organizado para oferecer ao nosso leitor formação e informação.

Boas leituras!

Osilene Cruz

Editora da Revista Arqueiro





ENTREVISTA: CÁSSIA SOFIATO

Concedida à editora
da Revista Arqueiro
OSILENE CRUZ

R. ARQUEIRO: Conte-nos um pouco da sua trajetória na Educação de Surdos?

Como se iniciou esse contato?

CÁSSIA SOFIATO: Eu comecei a trabalhar com surdos na década de 1980. Nunca imaginei que trabalharia nessa área. Foi uma feliz descoberta e escolha, após participar de um curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras), ministrado por uma professora surda. Após o término da referida atividade, já estava decidida a procurar mais possibilidades nesse campo: eu havia terminado o curso de magistério e ainda estava por decidir qual curso de graduação faria. Em paralelo, comecei a procurar trabalho em escolas especializadas para alunos surdos (nessa época ainda existiam) na cidade em que morava e fui contratada por uma delas. Foi o início de minha vida profissional nessa área. Fiz muitos cursos; foi uma imersão total neste campo antes de adentrar em uma universidade. Ficava cada vez mais fascinada com as novas descobertas e conhecimentos e com o contato com a Comunidade Surda da cidade em que morava. O contato com os surdos foi determinante para que eu aprendesse muito sobre esse universo.

Decidi fazer um curso de graduação que contemplasse a Educação Especial (com ênfase na educação de surdos) e foi uma experiência muito enriquecedora, pois o meu interesse já estava voltado para tal área. Paralelamente atuei como intérprete

de língua brasileira de sinais durante 15 anos em vários espaços. Ao mesmo tempo em que fazia a minha graduação, atuei como professora em escola especializada e como coordenadora de área em um centro de reabilitação. Quando concluí a minha graduação, comecei a trabalhar com educação inclusiva, em escola comum, como profissional que mediava as ações relacionadas aos alunos surdos e demais alunos encaminhados pela escola. O meu ingresso no ensino superior como docente ocorreu neste mesmo período e, tal fato impeliu-me a iniciar o mestrado e, posteriormente, o doutorado. Com o passar do tempo, a minha dedicação passou a ser exclusiva ao ensino superior, com aulas na graduação e na pós-graduação. Atualmente, atuo na Universidade de São Paulo, como docente e pesquisadora na área da Educação, especificamente Educação Especial e Educação de Surdos.

R. ARQUEIRO: Na sua opinião, qual a importância do ensino de Libras nas es-

ENTREVISTADA: CÁSSIA SOFIATO

Doutora e Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Pedagoga com ênfase em Formação de professores para a área de Educação Especial pela PUC - Campinas. Atualmente é editora chefe da Revista Educação e Pesquisa, da Faculdade de Educação da USP, vice presidente da Comissão de Cultura e Extensão da FEUSP, coordenadora da área de Educação Especial no Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da FEUSP e Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação (EDF) e do Programa de Pós-graduação em Educação

colas brasileiras?

CÁSSIA SOFIATO: O ensino de Libras é extremamente importante, necessário e valoriza o reconhecimento de tal língua como uma das línguas utilizadas no Brasil, além de muitas outras que, por vezes, são invisibilizadas. A escola brasileira, principalmente por conta da garantia do direito à educação aos alunos surdos, tem atentado para a necessidade de qualificação dos processos que envolvem o ensino de línguas, nomeadamente, a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais. Entretanto, isso não ocorre com a mesma intensidade em todo o nosso país, tendo em vista que outros fatores se sobrepõem aos processos educativos. Importa destacar que no Brasil as políticas públicas acenam para este aspecto e, por vezes, contribuem para que haja a mobilização para a garantia da educação bilíngue aos surdos brasileiros. O documento de 2020 da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), intitulado *Inclusion and education: all means all*, menciona que somente 41 países de todo o mundo reconhecem a Língua de Sinais como língua. Desse total, 21 países se encontram na União Europeia. Faz-se necessário destacar que o Brasil figura entre estes países e isso é mais um motivo para projetarmos e implementarmos uma educação bilíngue efetiva e com contornos bem definidos.

R. ARQUEIRO: Como pesquisadora na área de Educação de Surdos, como você

tem analisado a formação continuada de profissionais que atuam na área da surdez?

CÁSSIA SOFIATO: Como profissional, tenho acompanhado muitas iniciativas voltadas para a formação continuada dos profissionais que atuam no campo em todo o Brasil e internacionalmente. Com base nas especificidades que envolvem o processo educacional para alunos surdos, a formação continuada é fundamental para que os profissionais se qualifiquem cada vez mais para atender às demandas contemporâneas e às necessidades inerentes ao processo de formação de tais alunos. O desenvolvimento de um currículo bilíngue ainda é um desafio, tendo em vista o trabalho com, ao menos, duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) durante a escolarização dos surdos, além da necessidade de utilização de metodologias que valorizem a linguagem visual. Tudo isso é muito complexo, apesar da tradição que o Brasil possui em educação de surdos. Tais aspectos reforçam a necessidade de formação continuada com base em discussões pautadas em aspectos de ordem pedagógica e linguística, não isentando outras possibilidades e urgências.

R. ARQUEIRO: O que uma escola bilíngue para surdos promove ou deveria promover aos seus alunos e alunas?

CÁSSIA SOFIATO: Uma escola bilíngue para a educação de surdos deve promover uma formação efetiva envolvendo o aprendizado de, ao menos, duas línguas

(Libras e Língua Portuguesa), além da aquisição de conhecimentos das diversas áreas que compõem o currículo. Ademais, no meu entendimento, para além da aquisição das línguas e do conhecimento, tais escolas são espaços em que a Cultura Surda se desenvolve, com maior ou menor ênfase, a depender da compreensão e do investimento pedagógico e social que se destine a este aspecto. A tentativa de fortalecer a educação bilíngue, no caso do Brasil, tem sido constante, apesar dos desafios que suscetibilizam a escola brasileira para alunos surdos, tais como a falta de docentes fluentes nas duas línguas, o número ainda escasso de professores surdos, a falta de materiais didáticos que contemplem as duas línguas, processos de avaliação formativa mais apropriados aos alunos surdos, entre outros aspectos.

R. ARQUEIRO: Na sua opinião, o que o Decreto 10.502/2020, que instituiu a nova política nacional de educação especial, tem a contribuir para Educação de Surdos?

CÁSSIA SOFIATO: Não é minha intenção fazer aqui uma análise aprofundada do decreto 10.502/2020 e todas as suas implicações para a educação das pessoas com deficiência, vou focar apenas o público surdo. Ademais, o ministro do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, suspendeu no dia 1 de dezembro o decreto em tela. Essa decisão individual será submetida ao plenário do Supremo Tribunal Federal no dia 11 de dezembro. Em relação

à educação de surdos, o decreto destaca a legislação vigente que envolve o público surdo e afirma garantir o direito à educação bilíngue para os surdos, por meio da implementação de escolas ou classes bilíngues. Outros detalhamentos também são trazidos no que tange aos serviços, recursos, atores, entre outros aspectos. O que chama a atenção é a recorrência com que o público surdo aparece em detrimento aos demais.

R. ARQUEIRO: Quais os impactos da pandemia causada pela Covid-19 na educação de alunos surdos?

CÁSSIA SOFIATO: Como sabemos, a pandemia da COVID 19 tem sido uma situação adversa muito complexa vivida em nível mundial. Concordo com a posição da pedagoga argentina Inés Dussel quando ela menciona que a pandemia promoveu uma transição abrupta no cenário educacional e houve um apagamento das fronteiras entre a escola e as casas dos alunos, além de outros impactos na vida pública e privada. No caso da educação de surdos, percebo que contribuiu para acentuar as desigualdades de oportunidades e para explicitar ainda mais a falta de acessibilidade no que tange ao acesso à informação e comunicação. Muitos espaços educacionais que assumiram o trabalho de forma remota, nem sempre conseguiram garantir a acessibilidade dos alunos surdos às aulas ou a outras atividades em função da barreira linguística e da falta de intérpretes de Língua de Sinais para este fim. Infelizmente, a

tecnologia não contempla a todos. Em alguns casos, mesmo podendo contar com a presença de intérpretes, apresentam-se barreiras de cunho tecnológico, apesar de todo o avanço observado. Entretanto, não podemos generalizar e devemos reconhecer que, dentro do contexto pandêmico, algumas iniciativas diferenciadas surgiram e foram concebidas considerando-se também os alunos surdos. E, dentro das possibilidades reais, algumas até alcançaram boas repercussões. Com a pandemia, tivemos que apostar na capacidade de adaptação e de criatividade para a condução dos processos educacionais, em benefício da vida. O ideal seria que ninguém fosse deixado para trás, mas para isso seguimos lutando em prol dos contextos mais vulneráveis.

R. ARQUEIRO: Sabendo que a Língua Brasileira de Sinais é a língua de comunicação e expressão da Comunidade Surda e que a maioria das pessoas surdas nascem em famílias ouvintes, como se devem superar as barreiras linguísticas?

CÁSSIA SOFIATO: Acredito que a superação das barreiras linguísticas faz parte do trabalho com alunos surdos, apesar da visibilidade que a Libras conquistou no contexto nacional e esforços de várias naturezas. Para que se promova o desenvolvimento linguístico da criança surda, pensar em uma educação bilíngue se faz necessário. O contato da família com profissionais capacitados que orientem

e apresentem as possibilidades de educação para crianças surdas no contexto brasileiro é fundamental. Por vezes, esse contato não ocorre e as opções em termos de escolha ficam muito limitadas. O delineamento de um percurso para a aquisição das duas línguas, Língua de Sinais e Língua Portuguesa, precisa ser traçado e a parceria com a família precisa ser estabelecida. Antes da entrada da criança em uma escola, a pergunta que fica é: a quem cabe esse papel? A intensificação do trabalho entre as áreas da saúde e da educação precisa ser incentivada.

R. ARQUEIRO: Embora saibamos da importância da Língua Brasileira de Sinais, estigmas e preconceitos ainda são recorrentes. A que devemos atribuir essas manifestações preconceituosas e como podemos combatê-las?

CÁSSIA SOFIATO: Penso que muitas manifestações preconceituosas em relação à Língua Brasileira de Sinais advêm do desconhecimento da potência e da importância de tal língua para o desenvolvimento dos surdos e das representações negativas que foram se constituindo ao longo da história para que o oralismo prevalecesse. Historicamente, vimos a manutenção da supremacia da língua oral na educação de surdos por períodos muito prolongados. O reconhecimento do status de língua para as Línguas de Sinais foi alçado somente a partir de meados do século XX. Esse novo status foi reconhecido em vários contextos, mas, por certo,

ainda não tem um alcance de caráter mais universal. Destarte, todo empenho ainda é necessário para que se difunda a Língua de Sinais e se defenda a sua extrema importância para os surdos. Pesquisas científicas, políticas públicas (desde que bem elaboradas), e documentos orientadores, de origem internacional, também podem colaborar com a construção de representações mais fidedignas e respeitadas em relação às Línguas de Sinais.

R. ARQUEIRO: Na sua opinião, a tecnologia tem contribuído de maneira positiva para as pessoas surdas? Como você tem percebido esse movimento?


CÁSSIA SOFIATO: O uso da tecnologia tem sido mais recorrente ultimamente, até mesmo em função da situação de pandemia que vivemos. No caso das pessoas surdas, penso que o uso da tecnologia de informação e comunicação pode promover uma outra condição de vida e favorecer a acessibilidade.

Muitos surdos fazem uso de diferentes tecnologias e tenho percebido que isso tem se tornado mais recorrente nas Comunidades Surdas. Pelo fato de a Língua Brasileira de Sinais ser de modalidade espaço-visual, o uso da imagem, por meio do uso da tecnologia pode ser alargado. Muitos contextos educacionais também têm investido consideravelmente no uso da tecnologia para qualificar o processo pedagógico, em particular, com o uso de metodologias que valorizem a linguagem visual. O avanço da tecnologia é real e no-

tório, mas a democratização de tal uso é o que merece atenção e constante debate. O congresso Global Forum Virtual Educa, edição 2020, discutiu essas questões.

R. ARQUEIRO: Por fim, quais as principais dificuldades de se integrar alunos surdos e ouvintes nas escolas?

CÁSSIA SOFIATO: A educação inclusiva possui desafios de naturezas distintas no nosso país, apesar dos esforços e empenho de muitos professores e demais educadores para que essa proposição se efetive nas escolas. Em relação aos alunos surdos, alguns aspectos merecem atenção, tais como: o ensino das línguas envolvidas no processo educativo e a hierarquia que se estabelece entre elas na sala de aula inclusiva; o acesso ao currículo e as atividades desenvolvidas com todos os alunos; o processo de avaliação, considerando a condição linguística dos alunos surdos e suas especificidades; as opções metodológicas e o real aproveitamento e desenvolvimento, ainda tendo em vista que nem todas as escolas contam com um intérprete de Libras em seu quadro de profissionais e que nem todos os professores se sentem preparados para atuar neste contexto. São muitos os aspectos a serem considerados e, na minha opinião, a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva leva tempo e demanda investimentos de diversas naturezas, para que uma nova cultura escolar se estabeleça e promova as mudanças necessárias de forma assertiva e de acordo com as necessidades que emergem.



REPRESENTAÇÕES SOBRE O ALUNO SURDO NA REVISTA “NOVA ESCOLA”: UM ESTUDO PILOTO

*REPRESENTATIONS ABOUT
DEAF STUDENTS IN THE
MAGAZINE “NOVA ESCOLA”:
A PILOT STUDY*

FERNANDA BEATRIZ CARICARI DE MORAIS
GEOVANI BRITO

RESUMO

Este estudo visa mostrar resultados de um estudo piloto realizado em um projeto de iniciação científica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/MEC), que pretendia analisar as produções escritas de graduandos surdos e as representações que veículos de comunicação fazem desses alunos, não apenas os do ensino superior. O estudo se justifica pela importância que a revista "Nova Escola" tem no meio acadêmico, sendo utilizada como fonte de informações para educadores atuantes em diferentes contextos educacionais. Com o suporte da Linguística Sistêmico-Funcional, a análise revela que apesar de trazer informações pertinentes sobre a educação de surdos, há estereótipos que se reforçam mediante as escolhas linguísticas responsáveis pelas representações dos alunos surdos. Espera-se que este estudo seja aprofundado, para ter-se uma análise mais detalhada dessas representações.

Palavras-chave: Educação de Surdos. Aluno surdo. Segunda Língua. Representações. Linguística Sistêmico-Funcional.

ABSTRACT

This study aims to show results of a initial study carried out in a project of scientific initiation of the National Institute of Deaf Education (INES / MEC), which intended to analyze the written productions of deaf students and the representations that the media makes of these students, not just those in higher education. The study is justified the importance that the magazine "Nova Escola " has in the academic environment, being used as a source of information for educators working in different educational contexts. The support of Systemic-Functional Linguistics reveals that despite bringing information pertinent to deaf education, there are stereotypes that are reinforced through the choices languages responsible for the representations of deaf students. This study is expected to be deepened in order to have a more detailed analysis of these representations.

Key-words: Deaf Education. Deaf Student. Second Language. Representations. Systemic Functional Linguistics.

FERNANDA BEATRIZ CARICARI DE MORAIS

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP). Professora Adjunta da Academia de Força Aérea.

GEOVANI BRITO

Graduando de Pedagogia (INES) e Tradutor e Intérprete de Libras (SMC-Magé).

INTRODUÇÃO

Este artigo visa discutir como os textos dirigidos para professores atuantes ou em formação destacam ou reforçam certas representações do surdo e como elas podem impactar no fazer pedagógico desses profissionais, diante do público surdo presente nas diversas escolas espalhadas pelo Brasil.

À medida que a evolução do projeto de pesquisa com a análise das produções dos discentes surdos aprendizes de LP como L2 foi se consolidando e gerando resultados no que tange à aprendizagem da LP na modalidade escrita, também com o suporte da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), teve-se o interesse em aprofundar a pesquisa e compreender, simultaneamente, quais são as representações existentes acerca do aluno surdo e no que se refere às questões relacionadas à Língua desses estudantes, o que se configura como base para o desenvolvimento deste estudo.

O estudo teve início a partir das reflexões sobre como são as representações dos alunos surdos em ambientes inclusivos, por parte dos educadores inseridos nestes espaços, após a leitura de um artigo da revista Nova Escola.

Segundo o *midiaKit*¹ da revista Nova Escola, o propósito da publicação é fortalecer o educador para transformar o Brasil. Criada há mais de 33 anos pela Fundação Victor Civita, é uma das marcas mais respeitadas pelos professores do país e é lembrada como um veículo de referência

no ensino. Recentemente, deixou de ser uma publicação impressa comercializada, por meio de assinaturas e compras nas bancas, para ser apenas digital, procurando ter um impacto eletrônico grande, mantendo-se como a principal publicação para educadores.

A maioria de seus leitores são do sexo feminino (78%) e atuam na Educação Básica (80%), sendo que a grande maioria deles - 96%, acredita que a revista contribui para a educação do Brasil, sendo usada por 88% para o planejamento de suas aulas. Isto mostra a importância da publicação como fonte acadêmica para educadores.

Com base nessas informações, busca-se compreender como essas representações sobre o aluno surdo são feitas, através do discurso, utilizando como suporte teórico metodológico a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014), mais especificamente a Metafunção Ideacional, que permite estudar as representações realizadas pela linguagem.

1. A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

A proposta da abordagem sistêmico-funcional da linguagem, conforme Halliday, coloca a linguagem como eventos interativos, como um processo, uma troca social de significados, em contextos específicos de situação, sendo que a análise do discurso contribui para a compreensão do texto, visando mostrar como e por

1-Documento que veículos de comunicação, produtores de conteúdo e influenciadores digitais utilizam para divulgar informações importantes sobre suas publicações.

que este transmite significado da maneira como o faz, e também se relaciona com a avaliação do texto, procurando mostrar por que ele é ou não efetivo para os seus propósitos (HALLIDAY, 1994, p. 15).

Segundo esta teoria, uma análise do discurso não baseada em gramática não é uma análise completa, mas um simples comentário sobre o texto, pois sua realização acontece por meio das relações semânticas e gramaticais. A gramática é necessária por prover uma compreensão clara do sentido e da efetividade de um texto, justificando esta orientação semântica e funcional.

O termo 'gramática' é entendido como a interpretação das formas linguísticas, permitindo a separação das possíveis variáveis e apontando suas possíveis funções para a interpretação de um texto, tanto pela sua descrição semântica, como pelas características linguísticas.

A linguagem é vista como prática social, um recurso usado pelos seres humanos para criar significados, sendo sempre motivada por uma finalidade. Assim, a LSF estuda as maneiras pelas quais as pessoas utilizam a linguagem para atingir determinados objetivos em situações específicas dentro de uma sociedade (HALLIDAY, 1985, p. 4).

Em um texto (oral, escrito ou sinalizado) há três tipos de significado simultaneamente. Significados relativos à representação da experiência através da língua; significados relativos às representações de poder e de solidariedade, atitudes em relação ao outro e os papéis sociais assu-

midos e significados relativos à organização do conteúdo da mensagem, relacionando o que se diz ao que foi dito. Na LSF, cada um desses tipos de significado está relacionado a uma metafunção da linguagem ideacional, interpessoal e textual (HALLIDAY, 1985, 1994).

A Metafunção *Ideacional* expressa o que está acontecendo no mundo externo (eventos) ou interno (pensamentos). Estuda a oração como representação, ou seja, estuda-a como um meio de representar padrões de experiência e reflete como o usuário fala sobre as ações, as situações, estados, crenças e circunstâncias. A oração, nesta perspectiva, possibilita ao falante, através das escolhas dos processos (ações), dos participantes (pessoas ou coisas) e das circunstâncias (advérbios), expressar-se perante o mundo. Os processos são divididos em: materiais (fazer), mentais (pensamento), verbais (dizer), comportamentais (comportamentos físicos e psicológicos), relacionais (ser) e existenciais (haver).

Os participantes da oração, com base na Metafunção *Ideacional*, foco deste trabalho, são representados por grupos nominais que estão ligados diretamente à experiência do processo existente. Além disso, as circunstâncias, de acordo com a Metafunção *Ideacional*, base de análise deste estudo, trata-se de grupos de advérbios presentes na oração ou, ainda, de sintagma preposicional, atribuindo significados à oração, bem como características ligadas ao tempo e ao espaço.

E os significados interpessoais, ou seja, os significados sobre as relações com outras pessoas e atitudes em relação a elas. A oração também está organizada como um evento interativo, envolvendo falante, ou escritor, e os seus interlocutores. No ato da fala, o falante/escritor adota para si um papel de fala e, assim, atribui ao ouvinte/leitor um papel complementar que ele quer que este adote (HALLIDAY, 1994, p.68).

A Metafunção *Textual* estuda a mensagem e se realiza pela estrutura temática. O sistema temático dá à oração o seu caráter como mensagem (HALLIDAY, 1994, p37). Esta metafunção usa a linguagem para organizar significados experienciais e interpessoais num todo coerente e linear. Em um texto, esta função reflete-se na escolha da posição de uma informação dada ou nova na sentença.

2. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA SURDOS

No Brasil e ao redor do mundo, a educação de surdos passou por diferentes processos, ao longo dos anos, desde os primeiros registros encontrados datados a partir do início da Idade Moderna com a vertente religiosa catequizadora à passagem para a vertente clínica, após pesquisas desenvolvidas cientificamente.

Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa (LP) na modalidade oral, para surdos, predominou durante longos anos com base na abordagem oralista. A partir

dessa concepção de ensino e compreensão da língua, a mesma era considerada como um conjunto de regras que os alunos surdos precisavam aprender e usar de modo significativo e perpetuou até, aproximadamente, o fim do século XIX.

Pereira (2014) evidencia que ainda que muitos alunos pudessem ter a aquisição da LP, uma grande parte desses discentes adquiriam apenas alguns fragmentos dela. Com isso, ressalta que “as dificuldades de acesso à língua falada e a pouca familiaridade com a Língua Portuguesa resultaram em alunos que não entendiam o que liam e que apresentavam dificuldades acentuadas na escrita ” (PEREIRA, 2014, p. 144).

Entretanto, durante os últimos anos, podem-se notar grandes avanços não apenas na área do ensino de LP de modo mais abrangente, mas também de modo específico, como o ensino de LP para surdos como Segunda Língua (L2), no país, caracterizando-se assim por metodologias de ensino diferenciadas das que são utilizadas no processo de ensino-aprendizagem do aluno ouvinte, aprendiz de LP como primeira língua (L1), devido à Libras ser caracterizada como L1 do aluno surdo, em muitos casos.

Karnopp e Quadros (2001) apontam que cerca de 95% das crianças surdas possuem pais ouvintes. Dessa forma, a inserção da criança surda na escola acaba gerando dificuldades sociais de comunicação e dificuldades linguísticas, uma vez que, por não possuir acesso e aquisição da

Libras, dentro de casa, a aquisição da LP pode se concentrar em um processo mais longo e demorado, pois, para Quadros e Schmiedt (2006), o ensino da LP para a criança surda presume-se ao aprendizado da Libras.

Desse modo, com a promulgação da recente Lei 10.436, em 24 de abril de 2002, e a regulamentação do Decreto 5.626, em 22 de Dezembro de 2005, novos olhares e novas estratégias de ensino da LP para discentes surdos fizeram-se necessários, tendo em vista que a Lei 10.436/2002 oficializou Libras como língua reconhecida no Brasil e, da mesma forma, fez com que não houvesse substituição da Libras à LP na sua modalidade escrita, após o seu reconhecimento e o Decreto mencionado, ao aluno surdo, oferta garantia da LP como L2, como princípio da educação bilíngue, diante das diferenças linguísticas existentes entre a Libras e LP, como resalta os estudos de Quadros (1999).

Diante de estudos que envolvem o ensino de LP como L2 para alunos surdos, Quadros e Schmiedt (2006) reiteram que os alunos surdos aprendizes de LP como L2 “são dependentes das habilidades da sua primeira língua, particularmente, daquelas relacionadas ao letramento na primeira língua” (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 33).

O ensino de LP como L2 pode existir a partir de diferentes maneiras, a partir das realidades existentes e dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem dessa L2. Entretanto, tratando-se do

aluno surdo, esta modalidade de ensino da LP tem se solidificado com o passar do tempo, existindo, contudo, algumas barreiras que dificultam o sucesso pleno dessa modalidade de ensino aos surdos do país que estão inseridos em diferentes espaços educacionais. Como uma das barreiras, Quadros e Schmiedt (2006) afirmam que dentro dessa modalidade de ensino da LP, ainda se progride com a utilização de métodos de ensino que são aplicados para o ensino de LP como L1, aos discentes ouvintes que já possuem contato com a LP.

Com base nessa perspectiva, pesquisas como a de Souza (2018) revelam que o docente de LP como L1 possui características diferenciadas dos docentes que exercem suas funções como professor de LP como L2, o que os faz ter posturas de especialistas e de profissionais enquanto regentes em sala de aula com os alunos surdos. Para a autora, além dos professores de LP como L2 exercerem suas posturas profissionais no âmbito educativo, eles precisam “conhecer a Língua Portuguesa em profundidade; compreender o processo de aquisição de L2 e conhecer as abordagens de ensino-aprendizagem de L2” (SOUZA, 2018, p. 38).

Partindo do ponto de vista sociolinguístico, com base em Soares (2017), o ensino de LP, no Brasil até a década de 1960, aproximadamente, baseava-se no ensino de língua a partir de uma perspectiva gramatical. Contudo, em meados da década de 1980, com a ampliação do con-

ceito de letramento no país, o processo de ensino de LP como L2 para o discente surdo demandou, a partir deste período, novos métodos de ensino, diferenciando-se do processo de alfabetização usado no ensino de língua materna, tendo em vista que o processo de letramento na LP para surdos torna-se fator “dependente da constituição de seu sentido na língua brasileira de sinais” (FERNANDES, 2008).

Tanto a leitura quanto a escrita são atividades que dependem de habilidades específicas aos aspectos da linguagem, por parte dos sujeitos envolvidos nesses processos distintos que se complementam. Por ser assim, sob a ótica de Gesuelli e Moura (2006), o letramento, no que tange ao processo educativo do aluno surdo, tem gerado grandes discussões e questionamentos a respeito das estratégias de ensino de LP e, para além, das metodologias utilizadas durante o processo de aprendizagem e ensino da LP escrita, o que faz necessário o distanciamento de uma concepção grafofônica, bem como ocorre durante o processo de alfabetização do aluno ouvinte em sala de aula, mediante as propriedades fonológicas ligadas à transcrição da fala, tendo em vista as particularidades e variedades linguísticas dos educandos surdos inseridos no contexto escolar.

Por essa razão, assegura-se que, diante desse contexto, a escola tem como grande responsabilidade diante da lacuna existente entre a família e a formação social dos discentes surdos, desde o início do

seu processo de escolarização, “construir-se em comunidade linguística bilíngue, na qual crianças surdas terão resguardado seu direito à língua materna, além de realizar sua função de agência social mais importante do letramento” (FERNANDES, 2017, p.40).

De modo a compreender o conceito de letramento como a ação de “saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e escrita” (SOARES, 2017, p. 34) e que a LP para o discente surdo se configura nas práticas de letramento em que o mesmo se encontra, entende-se que o processo de ensino de LP embasa-se na afirmação de que “a língua portuguesa para os surdos constitui um conjunto de signos visuais materializados na escrita: para os surdos, aprender a escrita significa aprender a Língua Portuguesa” (FERNANDES, 2008, p. 13).

3. METODOLOGIA

Nesta seção, as informações sobre o público-leitor da revista “Nova Escola” são apresentadas, bem como os procedimentos metodológicos de coleta e de análise de dados.

Para analisar as representações do surdo com o objetivo de compreender como elas impactam o fazer pedagógico, esta pesquisa utilizou o artigo “Como incluir alunos surdos na Língua Portuguesa?” da Revista Nova Escola, publicado na edição 318, em outubro de 2018.

Sabemos que a Revista Nova Escola é a maior plataforma de produtos e ser-

viços relacionados à educação, no Brasil, de acordo com o seu *mediakit*. Com uma grande demanda de assinantes, cerca de 26% dos professores do país leem a revista e, ainda, cerca de 96% dos leitores e assinantes acreditam que a revista contribui para o desenvolvimento e melhoria da educação no país e, para além, 88% do público assinante afirmam já ter aplicado os diversos conteúdos publicados em seus planos de aula.

orações principais do artigo analisado e separando, de acordo com as semelhanças, os diferentes processos presentes nas orações analisadas.

Posteriormente, realizou-se a categorização dos processos semelhantes com base no sistema de transitividade da LSF e, assim, a análise do *corpus* contribuiu para o encontro de três representações distintas acerca do aluno surdo, conforme se mostra no quadro abaixo.

REPRESENTAÇÕES ENCONTRADAS ACERCA DO ALUNO SURDO		
i) a do fazer pedagógico das ações dos discentes	ii) das avaliações do fazer pedagógico	iii) da percepção dos professores em relação ao aluno surdo e à Libras.

Quadro 1: Representações encontradas a partir da análise do *corpus*

Possuindo cerca de 76% dos professores do Brasil, 80% são usuários da plataforma da revista e atuam na educação básica. Em média, 32% dos gestores escolares do país são leitores dos conteúdos publicados e desenvolvidos pela revista, tendo em vista que a mesma faz dez publicações ao longo do ano, exceto em período de férias escolares nos meses de janeiro e julho e, dentre o público atingido por ela, 67% são indivíduos que possuem entre 20 e 49 anos de idade.

Dessa forma, inicialmente, o *corpus* deste estudo se desenvolveu a partir de uma análise preliminar, manualmente, baseada na Metafunção Ideacional da LSF, teoria linguística desenvolvida por Halliday (1994) e o sistema de transitividade, atentando-se, principalmente, às

Nesse sentido, as representações encontradas são discutidas na seção a seguir e serão destacadas em negrito, considerando os aspectos fundamentais sobre o ensino de Língua Portuguesa (LP) como Segunda Língua (L2) para surdos e demais questões pedagógicas.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com base na análise realizada, preliminarmente, constatou-se a existência de representações distintas que envolvem o aluno surdo aprendiz de LP como L2, de acordo com as escolhas dos processos presentes em cada oração. A análise realizada a partir da Metafunção Ideacional da linguagem contribui para a percepção de diferentes representações, mediante os tipos de processos, sendo eles: (I) **a do**

fazer pedagógico e das ações dos discentes, (II) das avaliações do fazer pedagógico e (III) da percepção dos professores em relação ao aluno surdo e à Libras, assim como se foi evidenciado no Quadro 1 da seção anterior.

Inicialmente, a análise do *corpus* se desenvolveu sobre a averiguação dos processos semelhantes e, posteriormente, sobre a categorização conforme esses diferentes tipos que compõem a Metafunção Ideacional da LSF e o sistema de transitividade. Ao longo da análise, notou-se que a maior parte das orações analisadas possuíam processos que representavam ações ligadas ao fazer pedagógico e, sob essa categoria e representação encontrada, percebeu-se a representação de ações dos alunos surdos no que tange ao processo de aprendizagem da LP, com base na tarefa desenvolvida pela professora descrita no artigo da revista Nova Escola, publicado no fim do segundo semestre de 2018. A seguir, alguns exemplares prototípicos das categorias encontradas serão expostos e analisados, de modo particular.

As ocorrências preliminares retiradas do corpus analisado evidenciam a manifestação da primeira representação encontrada, sendo ela a **do fazer pedagógico**, analisadas em um primeiro momento, caracterizadas por processos materiais. As ocorrências presentes nessa primeira categoria analisada esclarecem que as escolhas desses processos revelam um esforço e a tentativa da professora para que ocorra a inserção dos alunos surdos na Língua

Portuguesa, como nas ocorrências 1, 2 e 3 abaixo, cujos processos estão destacados em negrito:

Ocorrência 1:

“Como **incluir** alunos surdos na Língua Portuguesa?”

Ocorrência 2:

“Para **atender** alunos surdos com mais qualidade e **ajudá-los** a aprender, Lúcia Lacerda conseguiu inventar uma forma criativa de unir a Língua Portuguesa e Libras, a Língua Brasileira de Sinais. ”

Ocorrência 3:

“Como **construir**, então, essa ponte entre as crianças e a Língua Portuguesa, usando o conhecimento de Libras que elas tinham? ”

Por essa razão, pesquisas desenvolvidas anteriormente (PEREIRA; STREIECHEN; KRAUSE-LEMKE, 2014) afirmam que o processo de inserção do aluno surdo na LP tem gerado grandes discussões a respeito, por parte dos profissionais e pesquisadores envolvidos nessa temática, ainda que inúmeras mudanças tenham surgido desde o período em que o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo ainda era marcado por abordagens de ensino distintas. Com isso, Streiechen e Krause-Lemke (2014) argumentam que “encontrar um método ideal para que pessoas surdas consigam escrever, se-

guindo as normas da Língua Portuguesa, tem suscitado incontáveis discussões entre os estudiosos do ramo” (STREIECHEN; KAUSE-LEMKE, 2014, p. 958).

A combinação dos processos materiais incluir, atender, ajudar e construir presentes nas ocorrências expostas anteriormente estabelece figuras representativas que evidenciam atitudes fundamentais coincidentes com a realidade e não se concentra em apenas um modelo fechado, mas sobre um modelo de busca para a ressignificação do papel do professor no âmbito educacional e de suas práticas usuais para com os alunos surdos.

Desse modo, essa primeira representação encontrada diante do *corpus*, coincide com o que Mantoan (2003) denomina como descoberta dos caminhos pedagógicos de inclusão, tendo em vista que esses caminhos se desdobram a partir dos questionamentos e dos processos que encaminham suas práticas educativas.

Apesar das inúmeras pesquisas desenvolvidas que ligam o aluno surdo à aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua, o processo incluir, presente no exemplo 1, evidencia ainda a insegurança e o percurso desafiador vivenciado pelos professores que atuam com esse público, devido à falta de garantia de uma formação sólida e eficaz para que o processo de inclusão do aluno surdo, em sala de aula, ocorra com excelência.

Mediante a representação das ações pedagógicas encontradas em um primeiro momento de análise, foi possível en-

contrar um subgrupo das orações com processos materiais, sendo ele representado pelas ações dos alunos inseridos na LP, como mostra a ocorrência 4, através do processo lança:

Ocorrência 4:

“O jogador **lança** o dado e anda no tabuleiro, onde cada casa possui uma estrutura igual à das cartas, mas com as palavras no feminino.”

Partindo do mesmo ponto de vista, foi possível verificar a existência de uma segunda representação, sendo elas caracterizadas pelos processos relacionais. Sabe-se que os processos relacionais se caracterizam pela representação das relações, dentro do sistema de transitividade. Por ser assim, a representação **das avaliações do fazer pedagógico** é marcada como na ocorrência destacada abaixo:

Ocorrência 5:

“**Tenho** muito orgulho de ver que meus alunos avançam rapidamente. ”

Pode-se observar que o participante do processo relacional ter é omitido. O processo evidenciado revela a avaliação da professora no que tange à aprendizagem do aluno surdo, pois, como se sabe, no passado, os alunos surdos não conseguiam se desenvolver no âmbito social e educacional.

Por existir a busca por uma estratégia adequada para o ensino de surdos, assim

como foi evidenciado a partir da primeira representação analisada neste trabalho, a representação das avaliações do fazer pedagógico consiste também em processos de erro e acerto das estratégias adotadas pela professora:

Ocorrência 6:

“**Era** tentativa e erro e as coisas não davam certo. ”

O processo em destaque na ocorrência 6, comprova a busca por conhecimentos didáticos pela maior parte dos educadores que lidam tanto com o ensino de LP quanto com as demais áreas de ensino. No tocante ao aluno surdo, após a promulgação da Lei 10.436/2002, faz-se necessário um novo olhar e “uma nova concepção sobre o papel do professor através de mecanismos que auxiliem no processo ensino-aprendizagem, promover a socialização e interação do conhecimento no ambiente escolar” (MARQUES, 2017, p. 2110).

Para que o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo, aprendiz de LP como L2, ocorra com excelência, além de fazer uso de mecanismos facilitadores desse processo, torna-se necessário também compreender que, atualmente, a aquisição dessa segunda língua por parte desse público, especificamente, ainda se embasa no ensino da mesma língua, com os mesmos métodos didáticos que utilizam para ensinar alunos ouvintes, sem levar em consideração as diferenças lingüís-

ticas existentes entre os alunos ouvintes e surdos (QUADROS ; SCHMIEDT, 2006). A falta de compreensão das peculiaridades linguísticas existentes entre eles faz com que dentro do processo de ensino-aprendizagem ocorram mais erros que acertos, como é representado na ocorrência 6, através do processo relacional era. Ligado a isso, também em Marques (2013), a autora reitera que a não identificação das peculiaridades existentes entre os alunos revela a falta de um currículo flexível às necessidades de cada discente.

Por fim, a última representação encontrada após a análise do corpus a respeito da inserção de alunos surdos à aprendizagem de LP como L2 é a da **percepção dos professores em relação ao aluno surdo e à Libras**, caracterizada por processos mentais, como nota-se na ocorrência a seguir:

Ocorrência 7:

“Com o tempo, **percebi** que o problema era que eu não conhecia a língua deles”, reflete Lúcia. ”

Atentando-se às orações principais analisadas, é possível notar, acima, que o processo mental destacado revela, ainda, o pouco ou nenhum conhecimento sobre a Libras e os alunos surdos presentes nos diferentes espaços educativos, atualmente. Afirma-se que muitos professores e escolas espalhados pelo país – apesar das legislações existentes que asseguram

o acesso à informação À educação e à inclusão, gerando assim uma eliminação das barreiras de comunicação; acompanham o processo de inclusão do aluno surdo com baixo conhecimento das condições específicas destes e das questões da Libras.

É importante evidenciar que, em um estudo realizado, anteriormente, com cerca de 36 professores que atuam com alunos surdos no ensino fundamental, em diferentes municípios do estado do Paraná, Guanirello et al. (2006) evidenciam que a falta de compreensão e de preparação dos professores, além da falta de conhecimento sobre Língua dos alunos surdos, é vista por cerca de 52,7% dos professores entrevistados como os aspectos que mais acarretam prejuízos ao processo de ensino-aprendizagem desses alunos.

Por ser assim, entende-se que o processo de ensino-aprendizagem se configura em uma compreensão equivocada sobre o aluno surdo e, como consequência, utilizam-se metodologias de ensino tradicionais e incapazes de favorecer um desenvolvimento significativo a esse aluno incluído em espaço educacional chamado de inclusivo, acarretando dificuldades maiores e prejuízos ao seu desenvolvimento formativo.

Além desse aspecto, as representações encontradas a partir dessa última categoria do corpus analisado deixa clara uma concepção que se sobrepõe a um entendimento além da compreensão de que a

língua está em constante evolução, como se nota na ocorrência abaixo.

Ocorrência 8:

“...ajudar alunos surdos, que na escola não contavam com um intérprete de Libras, a **dominar** o português. ”

Verifica-se que o processo mental destacado acima estabelece um aspecto semântico diferente. O processo de aprendizagem da Língua Portuguesa compreendido pela professora do artigo analisado revela um esforço para além da ação de aprender ou de saber a língua. O processo dominar, destacado na ocorrência acima, deixa claro que o processo de inserção do aluno surdo à aprendizagem dessa segunda língua, sendo ela a LP, é marcado por um esforço para além do que alunos ouvintes realizam enquanto aprendizes da mesma, configurando-se em um processo assíncrono de aprendizagem, apesar dos avanços educacionais existentes.

Sabe-se que o processo de ensino da LP para alunos surdos ainda reflete, em muitos espaços, em ações desestimuladoras e que comprometem o sucesso educacional desse aluno, gerando confusão, má compreensão e inadequação às características da LP, o que acarreta prejuízos ao seu desenvolvimento linguístico-social, tendo em vista que, durante esse processo, o aluno surdo está em constante aprendizado tanto da Libras quanto da LP e, para que ocorra uma aquisição de lín-

gua por parte desse aluno, primeiramente a aquisição em uma primeira língua faz-se necessária, assim como afirmam Quadros e Schmiedt (2006).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises mostraram que o fazer pedagógico é retratado pelo esforço dos profissionais envolvidos na tentativa de inserção do surdo da escola regular, buscando constantemente a ressignificação do papel do professor em suas práticas com alunos surdos no ensino básico. As avaliações sobre esse fazer mostram como as práticas podem ser refletidas para a busca da efetiva inclusão no processo de ensino-aprendizagem.

Há representações que reforçam que, muitas das vezes, as particularidades linguísticas dos alunos precisam ser levadas em conta e que a dificuldade da aprendi-

zagem da Língua Português se deve ao uso de materiais, métodos e práticas utilizadas para o ensino de língua materna, não considerando a prática de segunda língua e nem a bagagem linguística que o aluno possui em sua primeira língua (Libras).

As representações reforçam a necessidade que os profissionais que atuam na educação têm em entender a importância da Libras e como oferecer práticas escolares bilíngues, incluindo esses alunos na vida escolar, estimulando o uso real das línguas.

Espera-se que este estudo possa ser ampliado para se obterem dados diacrônicos sobre a representação dos alunos surdos em publicações voltadas para educadores, podendo comparar representações e verificar se as categorias encontradas neste estudo se repetem e/ou se serão reformuladas.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Sueli. **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH, 2008. Disponível em: <http://www.alex.pro.br/libras3.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

FERNANDES, Sueli. Práticas de letramento em contextos de Educação Bilíngue para Surdos. **Revista Forum**, v.25/26, p.38-44, dez-jan 2012.

Letramento na educação bilíngue para surdos: caminhos para a prática pedagógica. A língua portuguesa no mundo. São Paulo: FFLCH, 2008. p.1-30.

GESUELI, Zilda Maria; MOURA, Lia de. Letra-

mento e surdez: a visualização das palavras. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 110-122, 2006.

GUARINELLO, Ana Cristina, et al. A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Educação Especial** v12 n3, p 317-330, 2006.

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para surdos. In ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. (Org). **A criança de 0 a 6 anos: um retrato multifacetado**. Canoas, 2001. p. 214-230.

LODI, Ana Cláudia Balieiro. Educação bilín-

gue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 1, p- 49-63, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MARQUES, M. da L. A formação do professor para educação de surdos. **Educere**, 2017.

MORAIS, Fernanda Beatriz Caricari de. Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua: relato de uma experiência com alunos graduandos surdos. In: GONÇALVES, Luis (Org.). **O Ensino de Português como Língua Estrangeira**. 1 ed. Roosevelt, NJ: Boavista Press, 2016. v.1, p.309-320.

CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da; MORAIS, Fernanda Beatriz Caricari de. Plano de atividades e unidade didática para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua. **Fragmentum**, v.55, p. 201-277, jan./jun.2020.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. **Leitura, escrita e surdez**. São Paulo: Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 2003.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial nº. 2/2014, p. 1143- 157, Editora UFPR, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/11.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

QUADROS, Ronice. M. de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese de Doutorado. PUC/RS. Porto Alegre. 1999.


QUADROS, Ronice. M. de.; SCHMIEDT, Magali LP. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: Mec, SEESP, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017. 192p.

SOUZA, Renata Antunes de. **Ensino de português como L2 a surdos: proposta de roteiro gramatical e sua aplicabilidade**. (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília - UNB, 2018.

STREIECHEN, Eliziane Manosso; KRAUSE-LEMKE, Cibele. Análise da produção escrita de surdos alfabetizados com proposta bilíngue: implicações para a prática pedagógica.

Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 14, n. 4, p. 957-986, 2014.



**DISCURSO DE MICHELLE
BOLSONARO À LUZ DA
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-
FUNCIONAL E DA
AVALIATIVIDADE: SENTIDOS
EM LIBRAS E EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

*MICHELLE BOLSONARO'S
DISCOURSE BASED IN SYSTEMIC
FUNCTIONAL LINGUISTICS AND
APPRAISAL: MEANINGS IN LIBRAS
AND IN PORTUGUESE*

ALANA MENDONÇA
MAIÉLY DIAS
OSILENE CRUZ

RESUMO

A comunidade brasileira vivencia um momento em que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ocupa maior espaço e visibilidade no cenário político e educacional brasileiro. Esta pesquisa busca analisar os discursos realizados em Libras e em Língua Portuguesa (vocalizado), com base na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY ; MATTHIESSEN, 2004) e no Sistema de Avaliatividade (MARTIN ; WHITE, 2005). Trata-se de uma pesquisa documental e pós-facto (GIL, 2002), cujo corpus é constituído pelo discurso de Michelle Bolsonaro, realizado em janeiro de 2019 e veiculado em Libras e em LP. A análise comparativa do discurso no par linguístico Libras – Língua Portuguesa, ou seja, o texto sinalizado pela Primeira-Dama e o texto reproduzido em tradução direta, revelou diferenças nas escolhas léxico-gramaticais nos enunciados, afetando a compreensão pelos receptores da informação: a Comunidade de Surdos, que acessou o texto em Libras e, de outro lado, a comunidade de ouvintes, que teve acesso ao texto lido oralmente pela intérprete.

Palavras-chave: Avaliatividade. Linguística sistêmico-funcional. Discurso de Michelle Bolsonaro.

ABSTRACT

The Brazilian community is experiencing a moment when the Brazilian Sign Language (Libras) occupies importance and visibility in the Brazilian political and educational scenario. The present research aims to analyze the speeches made in Libras and in Portuguese (vocalized), based on Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004) and in the Appraisal System (MARTIN & WHITE, 2005). The research is a documentary and post fact based on Gil (2002), whose corpus is constituted by the speech of Michelle Bolsonaro, in January 2019 and published in Libras and Portuguese, A comparative analysis of the speech was carried out in the linguistic pair Libras - Língua Portuguesa, that is, the text signaled by the first lady (analyzed in gloss) and the text reproduced in the voice version by the interpreter translator point to differences in the lexical-grammatical choices in the statements (in Libras and in Portuguese), affecting the understanding by the recipients of information: the deaf community, which accessed the text in Libras and, on the other hand, the community of listeners, who had access to the text read by an interpreter.

Key-words: Appraisal. Systemic-Functional Linguistics. Michelle Bolsonaro Discourse.

ALANA MENDONÇA

Graduanda em Pedagogia, Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES; integrante do Grupo de Pesquisa “O Passado tem história: representações do INES em cartas” e documentos oficiais e não oficiais à luz da Linguística Sistêmico-Funcional

MAIÉLY DIAS

Graduanda em Pedagogia, Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES; integrante do Grupo de Pesquisa “O Passado tem história: representações do INES em cartas” e documentos oficiais e não oficiais à luz da Linguística Sistêmico-Funcional

OSILENE CRUZ

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem; Docente do Magistério Superior – Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES; Coordenadora do Grupo de Pesquisa “O Passado tem história: representações do INES em cartas e documentos oficiais e não oficiais à luz da Linguística Sistêmico-Funcional”

1-Libras é a sigla de Língua Brasileira de Sinais; língua legalmente reconhecida no Brasil como meio de comunicação e expressão da Comunidade Surda, pela Lei nº 10.436/2002. Essa lei foi regulamentada pelo Decreto 5.26/2005

INTRODUÇÃO

Discursos e enunciados escritos e orais fazem parte de práticas sociais e são imprescindíveis nas interações humanas. Estão repletos de intencionalidades, pois o interlocutor busca apoio, compartilhamento ideológico e mudanças de comportamentos e ações dos envolvidos no ato comunicacional. Pode-se dizer que, o texto (vocalizado, escrito ou sinalizado), de acordo com o pressuposto teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, é construído a partir de escolhas léxico-gramaticais dos autores, decorrentes de situações socio-comunicativas derivadas de contextos de produção diversos.

Halliday (1994) trata da intencionalidade discursiva como um dos aspectos linguísticos relacionados ao *contexto de situação* (MALINOWSKI, 1935) e ao *contexto de cultura* (FIRTH, 1950), justificando que o texto é produto das escolhas dentro de um contexto sociocultural. De acordo com Halliday (1989), *contexto de situação* refere-se às escolhas léxico-gramaticais, ao ambiente do texto, ou seja, o registro e *contexto de cultura* é o ambiente sociocultural e histórico, no qual um texto é instanciado, referente à história e às vivências dos participantes do discurso, o gênero.

Com base na abordagem Sistêmico-Funcional, mais especificamente nos estudos de Halliday (1994), complementados em Halliday e Matthiessen (2004), este artigo tem por objetivo apresentar

a análise do discurso de agradecimento de Michelle Bolsonaro, realizado no dia 1º de janeiro de 2019, no momento da posse de seu esposo, o presidente eleito Jair Messias Bolsonaro. O agradecimento pela vitória eleitoral foi realizado em duas modalidades, que chamaremos de *vocalizado*, pois há o uso da Língua Portuguesa pela Tradutora e Intérprete de Língua de Brasileira de Sinais (Libras¹) - TILS - e o discurso *sinalizado* em Libras pela Primeira-Dama.

Na ocasião, Michelle Bolsonaro, personagem até então com presença pouco representativa na política nacional, assumiu o lugar de fala e transmitiu os agradecimentos, em Libras, à sociedade brasileira, especialmente, à Comunidade Surda. Esse comportamento causou grande impacto no cenário nacional, sendo-lhe, inclusive, atribuída a formação e o atributo de TILS, o que não condiz com a realidade dos fatos. Importa-nos relatar, neste artigo, independentemente de uma visão político-partidária, que esse fato, em confluência com outros acontecimentos, corroborou para a visibilidade da Libras no Brasil, no cenário político, social, educacional e acadêmico.

Apresentamos o principal referencial teórico-metodológico que norteou esta pesquisa.

1. LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES EM ANÁLISES DISCURSIVAS

Preocupado com a construção de um texto e de sua mensagem, o britânico Michael A. K. Halliday, nos anos de 1960, trouxe uma concepção de gramática e do seu uso, ao levar em consideração o texto como um todo, construído dentro de um contexto cultural, mediante propósito comunicativo, em que os participantes desempenham papel importante no discurso, ou seja, destaca-se o que é dito, para quem é dito e como é dito.

De acordo com Halliday (1994, p. xxxii), “não se pode interpretar um texto no seu contexto de cultura sem uma visão geral da gramática por meio da qual ele é codificado”². Nesse sentido, Halliday atrai diversos seguidores, dentre os quais Thompson (1996), ao destacar que

[a] Gramática Funcional se preocupa em investigar a extensão das escolhas relevantes, tanto em termos de significados que podemos querer expressar (ou funções que podemos querer executar) e tipos de fraseados que podemos usar para expressar esses significados; e alcançar esses conjuntos de escolhas. Para identificar as escolhas dos significados, temos que atentar para o contexto: o que nós tipicamente queremos ou precisamos dizer na sociedade em que vivemos? Quais são os fatores contextuais que tornam um grupo de significados mais apropriado ou provável de ser expresso do que outro grupo? (THOMPSON, 1996, p. 08)³

O registro é a consubstanciação de escolhas léxico-gramaticais, as quais dão sentido ao texto, de modo que “em qualquer descrição adequada, é necessário fornecer informações não só sobre o que estava acontecendo no momento, mas também sobre a formação cultural total”

(HALLIDAY, HASAN, 1985, p. 6). Essas informações, a que se referem os pesquisadores, são os enunciados que juntos compõem a tessitura do texto, inserido em um contexto maior, mais amplo, relacionado a práticas de grupos, institucionalizados ou não, como a escola, a família, a igreja, entre outros (HALLIDAY ; HASAN, 1985).

Halliday (1994) associa as instâncias discursivas a três variáveis de registro - campo, relações e modo. A variável campo é realizada por significados da Metafunção Ideacional (o que é dito ou escrito?), pertence ao mundo exterior dos indivíduos; a variável relações é realizada por significados da metafunção *interpersonal* (quem diz ou escreve e para quem diz ou escreve), associada à forma como ocorrem as trocas no discurso e a variável modo é realizada por significados da Metafunção *Textual* (como é dito ou escrito?), associada à organização do texto.

Considera-se, portanto, de acordo com a LSF, que as interações humanas são produzidas a partir de um contexto (de cultura), desencadeado por um fato histórico, social, político, que interfere nas escolhas léxico-gramaticais próprias para esse contexto, inseridas e articuladas com o contexto de situação.

2. SISTEMA DE AVALIATIVIDADE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISES DISCURSIVAS

Para identificar e descrever os elementos avaliativos no corpus desta pesquisa - discurso vocalizado e sinalizado, optamos

2-Tradução das autoras.
3-Tradução das autoras.

pelos estudos de Martin e White (2005), no que se refere ao Sistema de Avaliatividade, uma vez que, segundo os estudiosos, a perspectiva sistêmico-funcional oferece subsídios capazes de revelar como se concretiza a avaliação, ou seja, “[...] como escritores/ falantes aprovam e desaprovam, se entusiasmam e abominam, aplaudem e criticam, e como eles posicionam seus leitores/ouvintes para fazer o mesmo⁴” (MARTIN ; WHITE, 2005, p. 1).

Martin e White (2005), ao proporem estudos e categorias do sistema de Avaliatividade, destacam a metafunção interpessoal da linguagem como a que representa as interações, nas quais ocorrem trocas de bens e serviços ou informações, em que os participantes negociam entre si atenção, atração e envolvimento do interlocutor nos seus turnos de fala. O Sistema de Avaliatividade é constituído por três subsistemas:

- Atitude, nas realizações de Afeto (Emoção), Julgamento (Ética) ou Apreciação (Estética);
- Engajamento, em posicionamentos monoglóssicos e heteroglóssicos de Contração e de Expansão Dialógica;
- Gradação, subdividido em recursos de Força e Foco, nas ocorrências de amplificação ou mitigação das avaliações.

Nesta pesquisa, focaremos no Subsistema Atitude e nas categorias semânticas nomeadas por Martin e White (2005) como afeto, julgamento e apreciação. Segundo Cruz (2014, p. 43), o subsistema Atitude apresenta o “responsável pela ex-

pressão linguística, atribuidora de emoção, julgamento de comportamentos estabelecidos social e culturalmente e valor das coisas e objetos”.

O campo semântico **Afeto** está relacionado aos sentimentos e emoções presentes no discurso, que podem ser instanciados de forma positiva ou negativa, explícita ou implícita. O campo semântico **Julgamento** está relacionado ao comportamento, às ações de alguém, “mediante um conjunto de normas institucionalizadas, regras e regulamentos ou sistema de valores e expectativas sociais, apoiando-se na dicotomia moral/imoral, legal/ilegal, normal/anormal” (CRUZ, 2014, p. 45). Martin e White (2005) destacam que julgamento pode estar relacionado a comportamentos considerados adequados ou não adequados, explícitos ou implícitos, e são classificados como Julgamento de estima social (não há implicações legais ou morais; não são classificados como crimes) e Julgamento de sanção social (regras, regulamentos, leis, decretos). As principais características desse campo semântico estão apresentadas a seguir.

ESTIMA SOCIAL	
Normalidade	comportamentos usuais, habituais, corriqueiros. Ex. Ele é comunicativo.
Capacidade	competência para realizar determinadas ações. Ex. Ele tem capacidade para convencer pessoas para consumir.
Tenacidade	boas atitudes, boas intenções, quem inspira confiança. Ex. Ele está determinado para convencer seus pares.

SANÇÃO SOCIAL	
Veracidade	relacionado à verdade, honestidade, confiabilidade. Ex. Ele é confiável.
Propriedade	relativo à ética, aceitável ou não aceitável. Ex. É importante que você <u>????</u> no grupo honesto.

O campo semântico **Apreciação** refere-se à avaliação, positiva ou negativa, de coisas, produtos e atitudes; é realizada por processos mentais e atributos; trata-se do valor estético de coisas (MARTIN ; WHITE, 2005). É importante considerar que o campo semântico Julgamento trata de avaliações do comportamento humano (pessoas) e o campo semântico Apreciação avalia objetos (não pessoas). A **Apreciação** é realizada em três categorias: Reação, Composição e Valoração.

APRECIAÇÃO	
Reação	refere-se ao que chama a atenção, desperta, agrada. Ex. É uma obra de arte fascinante.
Composição	relacionado à organização, detalhamento de um objeto. Ex. É um texto totalmente incoerente e informal.
Valoração	relativo ao valor social, à importância de um objeto. Ex. É uma pesquisa inovadora.

“Além do subsistema **Atitude**, por uma questão de particularidade linguística e da evidente ocorrência no discurso analisado, apresentaremos, embora não seja o foco principal da análise aqui proposta, algumas explicações que justificam o uso do Subsistema **Gradação** e seus elementos de análise: Força e Foco.

Martin e White (2005) explicam que a categoria **Força** é evidente no discurso

pelo grau de intensidade (**muito** estudioso, **demasiadamente** estudioso) e pela referência à quantidade (**muitos** alunos, **diversos** projetos). A categoria Foco expressa significados não precisamente escalares, como, por exemplo, a escolha da expressão “de certa forma”. Essa categoria pode ser evidente por meio de enunciados denotativos de precisão (O quadro é todo geométrico) ou abrandamento (O brinquedo é meio legal).

A análise baseada no Subsistema Gradação evidencia uma das características da Libras, quando do uso de recursos linguísticos por meio de expressão facial e corporal, dando ao discurso ênfase, intensidade, foco ou vagueza no seu sentido. Nesse sentido, recursos de Gradação possibilitaram identificar e confirmar partes dos discursos em que houve intensidade ou suavidade marcada nas realizações do Subsistema de Atitude.

3. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste trabalho, foi realizada uma pesquisa *ex post facto* (GIL, 2002), pois investigamos as possíveis relações de causa e efeito após a ocorrência de um fato, neste caso, o discurso de Michelle Bolsonaro na posse presidencial em 2019. Nesse tipo de pesquisa, “o pesquisador não dispõe de controle sobre a variável independente (...) porque (o fenômeno) já ocorreu”. (GIL, 2002, p. 49). No caso da pesquisa em tela, não houve controle das variáveis, pois se

trata do estudo de um fato passado, ou seja, foi analisado o discurso realizado por Michelle Bolsonaro e não há como o pesquisador interferir no fato ocorrido, mas estudá-lo. Foram seguidas algumas etapas para a análise⁵, apresentadas a seguir.

1. Coleta do discurso em site de divulgação nas duas modalidades: um sinalizado por Michelle Bolsonaro e outro vocalizado pela intérprete;
2. Transcrição dos textos: discurso sinalizado em glosa (Libras) e discurso vocalizado em Língua Portuguesa. Essa transcrição ocorreu devido à impossibilidade de acesso ao texto original lido pela intérprete e pela Primeira-Dama no dia da posse;
3. Comparação do par linguístico: Língua de Sinais e Língua Portuguesa, com enfoque nas orações;
4. Apresentação dos contextos de cultura e situação no discurso, a partir do embasamento da Gramática Sistêmico-Funcional;
5. Análise dos discursos (sinalizado em Libras e vocalizado em Língua Portuguesa) com base na perspectiva dos Subsistemas Atitude e Gradação, que compõem o Sistema de Avaliabilidade. Na próxima seção, serão apresentados os resultados da análise juntamente com as discussões.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: CONTEXTO DE CULTURA E CONTEXTO DE SITUAÇÃO

Considerando as premissas da Linguística Sistêmico-Funcional e seguidores de que as instanciações são realizadas em um texto e que esse texto não se dissocia do contexto no qual é produzido, apresentamos algumas informações importantes para o leitor, referentes ao momento sócio-histórico em que se dá o discurso, relacionando-as a situações prévias, sobretudo às que nos remetem à Comunidade Surda e à importância da Língua Brasileira de Sinais.

4.1 CONTEXTO DE CULTURA

O triênio de 2017 a 2019 mostra um contexto de cultura constituído por diversos acontecimentos relacionados à visibilidade da Libras, que antecederam a realização do discurso de agradecimento da Primeira-Dama em Libras, na posse do Presidente Jair Bolsonaro, em 2019. Antes desse episódio, outros fatos denotativos de valorização cultural e educacional da Comunidade Surda aconteceram, como a realização da primeira prova do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, em 2017, disponível em Libras, evidenciando, assim, o sujeito Surdo.

Politicamente, pode-se destacar a Lei de Libras, Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), como marco de identidade e de cultura para a Comunidade de Surdos, no cenário brasileiro, quando a Libras passa a ser reconhecida, de fato e de direito, como língua (ainda que não oficial), como meio de comunicação e expressão da Comunidade de Surdos.

A Lei de Libras foi regulamentada pelo

Decreto de Libras - Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), documento que estabelece uma série de ações e providências com vistas a implementar políticas de melhoria para a educação de surdos, sendo evidente a importância de ações para a formação docente. Em 2010, a Lei 12.319/2010 regulamentou a profissão do Tradutor Intérprete de Libras-Português (TILSP), o que atribui ao profissional maior destaque com relação à acessibilidade linguística do sujeito surdo à educação e à prestação de serviços na sociedade.

Em 2018, debates políticos se intensificaram até a realização das eleições presidenciais no mês de outubro. Ainda nesse ano, o então candidato Jair Bolsonaro sofreu um atentado durante um ato de campanha, momento que foi lembrado, posteriormente, pela Primeira-Dama em seu discurso. No dia 1º de janeiro de 2019, na posse presidencial, ocorreu o primeiro discurso de Michelle Bolsonaro em Libras com tradução para Língua Portuguesa vocalizada, transmitido em rede nacional, fato que causou grande impacto nas mídias e em parte da sociedade brasileira, devido ao ineditismo do evento.

Importa-nos saber de que forma os enunciados foram construídos e realizados pela dizente Michelle Bolsonaro e de que forma esse discurso ou os discursos impactaram a audiência, constituída pela Comunidade Surda e não surda. A próxima seção, portanto, traz informações sobre as variáveis de registro campo, relações e modo.

4.2 CONTEXTO DE SITUAÇÃO

A proposta Sistêmico-Funcional destaca, além do contexto de cultura, os enunciados presentes nos discursos, por meio das variáveis de registro campo, relações e modo. No corpus em questão, a variável campo consiste no assunto principal do discurso, ou seja, a mensagem de agradecimento por parte de Michelle Bolsonaro à comunidade brasileira pela vitória do candidato Jair Bolsonaro; a variável relações é evidente na interação entre a Primeira-Dama, juntamente com a intérprete de Libras, e a Comunidade Surda brasileira, uma vez que o discurso em Libras busca atingir um grupo em específico; a variável modo consiste na forma de apresentação do texto, um discurso sinalizado em Língua de Sinais Brasileira e vocalizado em Língua Portuguesa.

Vale ressaltar que a análise apresentada a seguir parte da caracterização das variáveis, sendo a variável relações aquela na qual se baseiam os estudos sobre Avaliação e Avaliatividade (MARTIN ; WHITE, 2005), como poderemos verificar na próxima seção.

5. ANÁLISE DOS DISCURSOS (SINALIZADO EM LIBRAS E VOCALIZADO EM PORTUGUÊS) - ENFOQUE NOS SUBSISTEMAS ATITUDE E GRADAÇÃO

A análise do Subsistema Atitude foi realizada manualmente e os dados revelam

18 instanciações no subsistema Atitude, predominantemente positivas e explícitas.



Figura 5: Michelle Bolsonaro sinalizando OBRIGADO
(Fonte: https://youtu.be/Yaq9BeTU4_Y)

O campo semântico Afeto é realizado por meio de alguns sinais no discurso, entre eles os sinais de, em Libras, OBRIGAD@, ORGULH@ e ALEGRIA. Quando Michelle Bolsonaro agradece a Deus, ao país, ao esposo e à família e nos momentos de fala dirigidos ao presidente Jair Bolsonaro, foram sinalizados por Afeto, demonstrando seu sentimento de carinho pelo esposo. Não se pode esquecer que a Libras, por ser uma língua gesto-visual, tende a enfatizar as expressões nos enunciados, como é o caso do sinal OBRIGAD@, em que se percebe ênfase ou gradação por parte de Michelle.

A Figura 6 mostra o momento em



Figura 6: Michelle Bolsonaro sinalizando AMOR
(Fonte: https://youtu.be/Yaq9BeTU4_Y)

que Michelle Bolsonaro utiliza o sinal de AMOR com expressões faciais e corporais intensas e evidentes.

Observamos a categoria Apreciação quando Michelle se dirige ao povo brasileiro, mencionando o apoio recebido na campanha presidencial e, especialmente, quando ocorreu o atentado ao então candidato Jair Bolsonaro (Figura 7).



Figura 7: Michelle Bolsonaro sinalizando AJUDAR - EU
(Fonte: https://youtu.be/Yaq9BeTU4_Y)

Com relação ao campo semântico Julgamento, predomina julgamento positivo relativo à Estima Social. A confiabilidade de Michelle e sua capacidade são evidentes no discurso sinalizado. O campo semântico Julgamento demonstra o comprometimento da Primeira-Dama em ampliar seus trabalhos voluntários de ajuda ao próximo. Nesse sentido, sua expressão corporal demonstra, além de um simples desejo, a Determinação e Capacidade de teor positivo para realizar tais ações, como se pode verificar na Figura 9. O discurso evidencia, além disso seu COMPROMISSO e LUTA em prol de uma comunidade mais atendida em seus direitos.



Figura 9: Michelle Bolsonaro sinalizando Deus
(Fonte: https://youtu.be/Yaq9BeTU4_Y)

Convém ressaltar o uso do termo AJUDAR (Figura 10), ao se referir às comunidades minoritárias, especialmente à Comunidade Surda Brasileira, sendo antecedido pelo verbo QUERER, indicando uma autoavaliação de Julgamento na modalidade Capacidade. Embora não haja estudos que comprovem essa hipótese, arriscamos considerar que o sinal utilizado por Michelle é bastante característico de sinal usado em contextos assistencialistas e de cunho religioso.



Figura 10: Michelle Bolsonaro sinalizando AJUDAR
(Fonte: https://youtu.be/Yaq9BeTU4_Y)

Outro aspecto importante nesse discurso refere-se ao uso do termo “Comunidade Surda”, podendo evidenciar, nesse momento, certa exclusão dos surdos não usuários da Língua de Sinais Brasileira, os quais também precisam ter seus direitos respeitados e resguardados. No

discurso, Michelle não deixa essa especificidade clara, mas podemos sugerir o valor que ela dedica à causa e explicita no seu discurso.

A Primeira-Dama expressou o desejo de ajudar as minorias, ao fazer algo que possa modificar suas vidas, sendo essa marcação evidente por uma instanciamento de Julgamento de Estima Social, pois não está relacionado a leis e decretos, mas à tenacidade em ajudar os necessitados (Figura 11). A sinalização mostra a intenção de valorizar a comunidade de pessoas deficientes que não serão esquecidas.



Figura 11: Michelle Bolsonaro sinalizando VALORIZADOS
(Fonte: https://youtu.be/Yaq9BeTU4_Y)

Conforme anunciado, devido à peculiaridade da Libras, expressões faciais e corporais denotam a intensificação (ou não) em expressões e discursos. Foram identificadas ocorrências do Subsistema Gradação no discurso sinalizado, junto com o campo semântico Afeto, uma vez que os sinais mostram expressão de ênfase e intensificação. Os exemplos denotativos de Gradação no discurso são evidentes sobretudo em expressões faciais, corporais e intensificação dos sinais. (Figura 12)



Figura 12: Michelle Bolsonaro sinalizando ORGULHO (Fonte: https://youtu.be/Yaq9BeTU4_Y)

O exemplo é uma demonstração de Afeto explícito e marca o sentimento de orgulho, por ter conquistado a vitória nas urnas, com a ajuda do povo e por estar ao lado de Bolsonaro nesse momento marcante. Convém destacar que foi utilizado um sinal de PAÍS e traduzido pela profissional intérprete como POVO, sendo esse sinal comum em comunidades constituídas por tribos ou grupos, podendo ser uma referência tanto à parte da população que esteve com eles (partidários de direita), religiosos, pessoas conservadoras, ou, se considerarmos o sinal PAÍS, uma busca para homogeneizar cultural e politicamente o Brasil.

Na sinalização, verificamos expressão de admiração por esse “povo”, indicando respeito e gratidão. (Figura 13).



Figura 13: Michelle Bolsonaro sinalizando POVO (Fonte: https://youtu.be/Yaq9BeTU4_Y)

O sinal de DEUS sempre aparece com marca de contexto religioso, onde se realiza o sinal com referência, indicando honra e exaltação. O contexto em que é utilizado revela a categoria Valor no subsistema Atitude e de Julgamento na modalidade Tenacidade, pois revela sua fé e crença. Vale ressaltar que esses sinais são acompanhados de intensificação, nas expressões facial e corporal de Michelle Bolsonaro. (Figura 14).



Figura 14: Michelle Bolsonaro sinalizando DEUS (Fonte: https://youtu.be/Yaq9BeTU4_Y)

Daremos continuidade à demonstração dos resultados da análise, apresentando dados e exemplos das ocorrências no discurso vocalizado. Destacamos que a análise e os exemplos referentes ao discurso sinalizado não se esgotam por aqui, uma vez que o corpus é bastante representativo das referências apresentadas em diversas enunciações de Atitude (apreciação, julgamento, afeto) e Gradação (foco e força).

Com relação ao discurso vocalizado pela profissional intérprete, a análise mostra que a maioria das ocorrências estão no campo semântico Afeto, divididas em emoção e sentimento positivos e explícitos. O campo semântico Apreciação mos-

tra um discurso permeado por reações positivas e com valor, pois as categorias Reação e Valoração são predominantes.

As análises mostram 18 ocorrências do subsistema Afeto, demonstrando uma linha tênue entre o que foi escrito por Michelle Bolsonaro e as emoções da TILSP ao vocalizar o discurso, como na ênfase da palavra “agradeço”, em que foi possível perceber o reconhecimento desses profissionais e surdos do país. O enunciado “grande honra”, vocalizado com força e emoção no início do discurso marca o ineditismo, pois antes, nunca a primeira-dama havia se pronunciado em um discurso de posse e em Libras, como se pode verificar nos excertos da fala⁶ da profissional.

“Agradeço aos intérpretes de Libras do Brasil.”

“É uma grande honra e uma grande alegria estar aqui neste momento tão especial e importante para nosso país.”

Nas 12 ocorrências da categoria Apreciação, destaca-se a categoria Valoração, demonstrando valores positivos para a palavra “voz”. A primeira ocorrência retrata a importância das eleições para parte da população que, por vezes, foi esquecida pela sociedade e por possíveis governos passados, mas que, aos olhos do atual governo, não serão esquecidos. Em um segundo momento, assevera a população brasileira como protagonista das escolhas eleitorais, como exposto a seguir no excerto:

“As eleições deram voz a quem não era ouvido e a voz das urnas foi clara: o cidadão brasileiro quer segurança, paz e prosperidade.”

As instâncias de Julgamento predominantemente positivas evidenciam maior ocorrência de Julgamento de Sanção Social, ou seja, quando se destacam ações morais e éticas. Nota-se que o discurso vocalizado foi marcado pelo subsistema de Julgamento, tanto referente à honestidade quanto à ética, demonstrando positividade e confiança com a posse presidencial.

Em alguns casos, raros no sistema de Avaliatividade, catalogamos duas categorias de Atitude em uma única marcação, enfatizando a pretensão e emoção por parte da intérprete, ainda que um dos registros seja mais explícito e outro mais implícito. Um caso em específico nos chamou atenção, pois identificamos uma ocorrência de Apreciação de Reação e Julgamento de Sanção Social de Propriedade, ambos positivos, indicando que demonstra seu papel ético e cívico com a sociedade, algo que todos deveriam ter e do qual sente orgulho. Vejamos esta ocorrência:

“Trabalho de ajuda ao próximo que sempre fez parte da minha vida e que a partir de agora, como primeira-dama, posso ampliar de maneira ainda mais significativa.”

Notamos no final de seu discurso marcas de Julgamentos de Veracidade e Propriedade, ambos positivos e seguidos ou

6-Os exemplos retirados do discurso vocalizado serão apresentados em fonte itálico e entre aspas.

antecipados de Gradações de Foco e Força, demonstrando reconhecimento dos deveres morais, sociais e legislativos por parte dela e dos que estão junto a ela. Os exemplos a seguir mostram essa evidência no discurso.

"Vocês serão valorizados e terão seus direitos respeitados."

"o cidadão brasileiro quer segurança, paz e prosperidade. Um país em que sejamos todos respeitados."

No discurso vocalizado, as instanciações de Gradação mostram equivalência entre as categorias de Força e Foco, referentes a avaliações positivas e denotativas de Apreciação (Valoração) e Afeto (Emoção), revelando o que Michelle deseja ao futuro da nação ou àqueles que a representam e ao Presidente.

"Estamos todos de um lado só..."

"Juntos alcançaremos o Brasil próspero com amor, ordem, progresso, paz, educação e liberdade para todos."

Constatamos que, na maioria das ocorrências, a categoria Afeto é utilizada de forma positiva e explícita, com Gradação de Força e Foco, como uma intenção de mostrar seu sentimento nos agradecimentos e na oportunidade de poder contribuir com a sociedade.

"Agradeço muito também a todos."

"É uma grande honra e uma grande alegria estar aqui..."

Em nossa análise do discurso vocalizado, um número aproximado e significativo de ocorrências dos subsistemas

Atitude e Gradação é evidente. Isso indica que diversos usos de Afeto, Julgamentos e Apreciações vinham seguidos de uma gradação positiva, sendo explícitas ou implícitas. No discurso sinalizado, a pesquisa mostrou um número considerável de Gradação, caracterizando uma especificidade da gramática da língua de sinais, em que os sinais, geralmente, são acompanhados de expressões faciais e corporais que auxiliam ou evidenciam o significado a ser transmitido.

Antes de finalizar, é importante destacar algumas discrepâncias entre os dois discursos realizados simultaneamente. No trecho "Muita gratidão a Deus...", em Língua Portuguesa, temos o advérbio "muita" como mecanismo que intensifica o termo *gratidão*; No discurso em Libras, o trecho sinalizado "OBRI-GAD@ DEUS" denota ênfase ou intensificação maior no sinal DEUS, mostrando que, mesmo involuntariamente, os grupos receberam mensagens distintas, pois elas foram enunciadas por interlocutores distintos.

Além dos aspectos revelados, sobre as categorias do subsistema Atitude, chama-nos atenção a diferença nos discursos, embora pareçam ter sido elaborados pela mesma pessoa para ser traduzido - Michelle Bolsonaro. O texto sinalizado apresenta mais sinais reveladores de religiosidade e gratidão, por isso, um número significativo de ocorrências dos sinais "DEUS" e "AGRADE-

CER". Além disso, foi possível verificar a intenção de reconhecimento e disposição em ajudar, o que está evidente em processos relacionais e materiais, como *serão, apoiar-nos, ajudar*.

É perceptível no discurso da Primeira-Dama o pendor ao cunho religioso que talvez a tenha influenciado a utilizar alguns sinais próprios desse contexto, como os sinais relativos a *POVO* e *CONSEGUIR*, que podem denotar também seu contato com a comunidade evangélica, constituída por muitos integrantes surdos brasileiros. Vale ressaltar que Michelle utilizou os sinais de Carlos e Jair Bolsonaro, sem dactilologia, que revela sua intimidade com essa comunidade, pois pode parecer que os sinais e as respectivas pessoas a quem ela se refere já são conhecidas por esse grupo de pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo em pauta se propôs a analisar as instanciacões em dois textos, sendo um discurso em Libras e outro vocalizado, os quais apresentam diferenças que implicam diferentes interpretações por parte dos interlocutores. Para isso, utilizamos as abordagens da Linguística Sistêmico-Funcional que oferecem subsídios teóricos e metodológicos para a análise do Sistema de Avaliatividade, especialmente dos Subsistemas Atitude e Gradação.

A pesquisa, nesse sentido, corrobora as contribuições das teorias utilizadas e confirma que as marcas discursivas e

objetivos da locutora se alinham aos interlocutores da Comunidade Surda, a qual teve acesso ao agradecimento da Primeira-Dama Michelle Bolsonaro em Libras. Nota-se o direcionamento dela para a Comunidade Surda, com a qual demonstra maior intimidade e interação. Os julgamentos são predominantemente voltados para a Estima Social, entre Capacidade e Tenacidade dos agentes mencionados: ela mesma, o Presidente da República e a própria Comunidade Surda.

O discurso vocalizado pela TILSP revela tendência para o uso de instanciacões positivas e afetivas, com uso de gradação para intensificar essas avaliações. Vale ressaltar que, nesse discurso, é evidente o destaque para a ética e a honestidade, conceitos que acompanharam o candidato ao longo da campanha e que parecem ser muito importantes no discurso, conforme instanciacões observadas, e não exclusivamente para a comunidade a quem Michelle Bolsonaro se dirigiu, mas a todos os brasileiros.

Consideramos, por fim, que o corpus de análise é robusto e daria oportunidades para outras descobertas, entretanto, o objetivo proposto de comparar dois discursos foi atendido e demonstrado por meio de ocorrências e exemplos reveladores das intenções nos dois. O que não podemos deixar de destacar é o papel da Comunidade Surda nesse contexto, de suas conqui-

tas linguísticas, culturais, acadêmicas, profissionais e sociais, embora ainda tendo muitos desafios e caminhos. A Libras, principal meio de exposição

da cultura de uma Comunidade Surda vem conquistando muitos espaços e garantindo mais acessibilidade aos sujeitos surdos de nosso país.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 08 mar. 2010.

Decreto no 5626 de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 10 out. 2011.

Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm. Acesso em: 22 ago. 2019.

CRUZ, O. M. S. S. A **Avaliatividade em pareceres de revista científica de Linguística: uma perspectiva sistêmico-funcional.** Tese. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. LAEL, 2014. 220 p.

FIRTH, J. R. *The technique of semantics.* Transactions of the Philological Society. London: OUP, 1935, p. 36-72. (Reimpressão em 1957). **Papers in Linguistics.** Oxford: Oxford University Press, p. 7 – 33.

FIRTH, J. R. Personality and language in society. In: FIRTH, J. R. **Papers in Linguistics.** Oxford: Oxford University Press, 1950. p. 177-189.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pes-**

quisa. São Paulo: Atlas, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. An **Introduction to Functional Grammar.** 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. **Language, context and text: aspects of language in social semiotics perspectives.** Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 2-49.


HALLIDAY, M.A.K. ; HASAN, R. **Language, Context and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective.** Deakin University Press, Geelong, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. ; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar.** 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

MARTIN, J. R. ; WHITE, P. **The language of evaluation: Appraisal in English.** New York: Palgrave Macmillan, 2005.

THOMPSON, G. **Introducing Funcional Grammar.** London: Edward Arnold, 1996.





YOUTUBE NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA OS SURDOS: UMA PROPOSTA DE USO DO VIDEOCLÍPE “SEE YOU AGAIN”

*YOUTUBE IN FOREIGN
LANGUAGE TEACHING FOR
THE DEAF: A PROPOSAL TO
USE THE “SEE YOU AGAIN”*

PHILLIPE DAVID RODRIGUES ALVES

RESUMO

Com o Coronavírus, as escolas tiveram que se adaptar a um ambiente a que não estavam acostumadas, ao ensino remoto e ao uso das novas tecnologias. Ao refletir sobre isso, surgiu a seguinte questão: Como será a educação pós-pandemia? Para responder essa pergunta, o presente artigo apresenta uma possível proposta para se trabalhar com vídeoclipe em Libras do canal do *YouTube*, para ser utilizado como recurso paradidático no processo ensino-aprendizagem de Língua Inglesa dentro de sala de aula. A pesquisa fundamentou-se nos principais teóricos: Hymes(1972), Fries (1945), Canale(1983) e Krashen (1982) e Nunan (1992). As estratégias de ensino-aprendizagem foram socioafetivas e cognitivas para elaborar o plano de atividades.

Palavras-chave: Música. Novas tecnologias. Aquisição de Língua Estrangeira. Ensino-aprendizagem.Paradidático.

ABSTRACT

With Coronavirus, schools had to adapt to an environment they were not used to, remote teaching and the use of new technologies. When reflecting on this, the following question arose: What will post-pandemic education be like? To answer this question, this article presents a possible proposal for working with a video clip in Libras from the YouTube channel, to be used as a paradidical resource in the teaching-learning process of the English language within the classroom. The research was based on the main theorists: Hymes (1972), Fries (1945), Canale (1983) and Krashen (1982) and Nunan (1992). The teaching-learning strategies were socio-affective and cognitive to elaborate the activity plan.

Key-words: Music. New technologies. Foreign Language Acquisition. Teaching learning. Paradidactic.

PHILLIPE DAVID RODRIGUES ALVES

Mestrando no Curso de Mestrado profissional de diversidade e inclusão pela Universidade Federal Fluminense (CMPDI-UFF). Especialista em Língua Portuguesa para Surdos e Licenciado em Letras (português/inglês) e em literaturas. É pesquisador na área de produção de Materiais e Novas Tecnologias para o ensino de Língua Inglesa para alunos surdos.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as tecnologias têm se desenvolvido bastante. Não é novidade afirmar que a Internet é uma grande incentivadora disso, tendo em vista que, nos dias atuais, o uso de aplicativos de celulares e de novas plataformas digitais, como *YouTube*, *Facebook*, *Instagram* e *TikTok*, são recorrentes na vida cotidiana dos adultos e das crianças. Ainda mais em tempos de pandemia em que as crianças e os adultos tendem a ficar ansiosos e depressivos. Numa entrevista do Canal da CNN (*Cable News Network*) Brasil, o pesquisador do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Alberto Filgueiras, explicou que: os casos de depressão praticamente dobraram desde o início da quarentena. Entre março e abril, dados coletados online indicam que o percentual de pessoas com depressão saltou de 4,2% para 8,0%, enquanto para os quadros de ansiedade o índice foi de 8,7% para 14,9%.¹

Desta forma, as pessoas recorrem às plataformas e a aplicativos de celulares com uma frequência maior do que antes da pandemia provocada pelo Coronavírus, a fim de estarem ativas e não se sentirem isoladas. Um grande exemplo disso é a plataforma do *YouTube*. Ao verem essa plataforma como recurso dinâmico e interativo, algumas universidades instituições e cursos aderiram ao formato dos vídeos ao vivo, as chamadas *Lives*, e dos vídeos gravados para que os alunos não

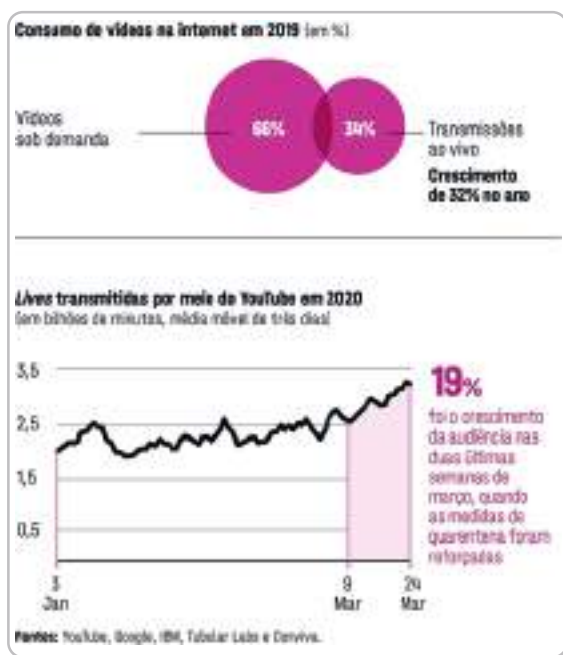
ficassem ociosos durante esse período de isolamento social. Como, por exemplo, o Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU-INES) que proporcionou palestras no formato de *Lives* na plataforma do *YouTube* aos seus alunos e público em geral.

Além de acessar as palestras, os espectadores podiam interagir com os palestrantes. E como ocorria essa interação? No final da palestra, os ouvintes podiam fazer perguntas no espaço reservado para comentários. Havia duas pessoas que auxiliavam no momento da pergunta: uma pessoa lia em Língua Portuguesa as perguntas no comentário e a outra traduzia em Libras, assim, permitindo de forma democrática a todos o acesso às perguntas.

Com o aumento de casos de COVID-19, não foi só o grupo acadêmico e educacional que abraçou as *Lives* e os vídeos gravados, mas também outros como a classe artística, composta de músicos, atores, trupes de circos etc., que viram o seu público se reduzir a zero durante esse período. É o caso da Companhia Real de Teatro de Shakespeare, que passou a dispor mais conteúdos gratuitos de videoaulas sobre as peças do autor Inglês William Shakespeare para o público em geral no seu canal do *YouTube*, *RSC Shakespeare Learning Zone*.

O quadro a seguir mostra sobre o aumento de vídeos do YouTube em 2020, em comparação com o ano de 2019:

1-FILGUEIRAS, Alberto. Estudo indica aumento em casos de depressão durante pandemia. CNN Brasil, São Paulo. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/amp/saude/2020/05/09>. (disponível do <https://www.cnnbrasil.com.br/amp/saude/2020/05/09/>) Acesso em 20 de Julho de 2020.



² Figura 1 - Dados do Google sobre consumo de vídeos

Ao refletir sobre isso, levantam-se as seguintes questões: por que muitas pessoas vêm aderindo a essa plataforma durante o tempo da pandemia? Por que não experimentar as possibilidades do YouTube no ensino-aprendizagem de línguas? O YouTube vem se tornando importante para promover o ensino-aprendizagem em favor dos professores, principalmente durante o momento de interrupção das atividades escolares, por ser um espaço virtual democrático que disponibiliza uma gama de vídeos com assuntos variados, desde filmes, séries, esportes, novelas, gastronomia, economia, viagem, turismo, moda, beleza, aulas, até videoconferências acadêmicas. Assim, esse espaço virtual consiste em uma ferramenta tecnológica digital para auxiliar aproximação entre as pessoas, permite a interação uns com outros, vivifica as relações sociais que

antes estavam bastante desgastadas perante o período de isolamento.

Destarte, as novas tecnologias fazem-se presentes na vida cotidiana e no mundo do trabalho, suas inserções na educação são essenciais para atender à necessidade de um mercado que, sem dúvida nenhuma, cresce rápido. A escola precisa trazer metodologias ativas e inovadoras para se colocar dentro dessa nova perspectiva do século XXI, que é o processo das novas tecnologias. Portanto, não se comporta mais a escola como um espaço onde a criança simplesmente receba informação e não esteja realmente no processo da sua autonomia, da sua relação e da sua criação.

O presente artigo reconhece que o uso de recursos tecnológicos ainda é um “tabu” nas escolas, mas “por que muitos profissionais da educação ainda encaram como ‘tabu’ o uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem?” A resposta pode ser simples: pelo fato de uma grande parte dos estudantes de escolas públicas não possuírem acesso à internet, conexão limitada de acesso aos conteúdos na rede virtual. Com a pandemia, houve o fechamento temporário das escolas e esse fato ficou em evidência. É o caso da professora Joyce Barcelos Barbosa, do Espírito Santo, que se desloca cerca de 40 km até a casa de seu aluno surdo, para poder ensiná-lo, pelo menos uma vez por mês. A professora conta que:

2-YOUTUBE. Statistics (Disponível em: <https://www.youtube.com/yt/press/en-GB/statistics.html> >. Acesso em: 30 jul. 2020).

Quando começou a pandemia, entrei em contato com a família, mandei mensagem, porque aqui não pega celular, e perguntei se teria como eu fazer esse atendimento com todas as medidas de segurança: álcool em gel, máscara, distância, ao ar livre. A família me deu um sinal positivo, entrei em contato com a direção da escola e passei a situação sobre a forma como iríamos abraçá-lo para não ter evasão. Para a professora, ver os olhos do aluno brilhando após cada atividade é uma motivação para continuar: quando eu chego aqui, vejo a recepção da família e do aluno, o brilho nos olhos dele, o sorriso, a dedicação. Acho engraçado quando terminam as atividades no final da manhã: eu pergunto a ele se está cansado, se é chato, mas ele fala que é muito bom.³

Além disso, esse “tabu” ocorre pelo fato de como é a estrutura das escolas, onde cada professor tem que tomar conta de 40 alunos ou mais dentro de uma sala de aula, tornando-se inviável o trabalho dinâmico com essas novas tecnologias. Esses profissionais da educação também não possuem qualificação para utilizar essa tecnologia em virtude de muitos terem uma formação clássica tradicional; com isso, essa formação acaba não coincidindo com as necessidades da criança surda do século XXI.

A professora de matemática Débora Meneghetti, de Pernambuco, nunca tinha trabalhado com ensino remoto na vida e, de repente, se viu diante de um obstáculo. Ela relata, pela sua própria experiência durante a pandemia, o quanto são precárias as práticas de políticas públicas educacionais e os planejamentos das estruturas escolares quando o tema é o uso da tecnologia no ensino: “descobri que meu computador estava sem som, que a webcam estava que-

brada, uma porção de coisas que habitualmente eu não uso e, de repente, eu tive que usar. Eu tive que adaptar celular e computador, então eu pegava som do celular e imagem do computador”⁴

Em outras palavras, não adianta as escolas acharem que o processo de aprendizagem será eficiente ao se equiparem com inúmeros recursos tecnológicos, pois o que importa será o uso pedagógico, por parte dos educadores, que será feito desses recursos, que poderão - ou não - beneficiar a aprendizagem.

A princípio, o foco da pesquisa seria falar sobre o uso da plataforma do YouTube como ferramenta paradidática no ensino de Língua Inglesa para surdos. Todavia, ao pesquisar dentro dessa plataforma, descobriu-se que há uma escassez de vídeos sobre ensino de Língua Inglesa para surdos e músicas em Inglês com tradução em Libras. Por isso, resolveu-se produzir um material paradidático no formato de vídeo da música “See you again”, em Libras. Segundo o dicionário Dicio, o termo paradidático significa aquilo “que ajuda complementando o ensino e, embora não propriamente didático, tem propósitos didáticos e pode ser usado em conjunto com materiais próprios e formais para ensinar um conteúdo”⁵

Assim, o artigo coube encaixar perfeitamente o termo paradidático na produção desse vídeo, pois compreende-se que boa parte das tecnologias utilizadas em sala de aula não foram, em princípio, propositadamente planejadas para aplicação

3-DIAS, Eduardo. Professora percorre 40 km até comunidade rural do ES para dar aula a aluno surdo na pandemia. Portal de notícia G1, Espírito Santo. Disponível em <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/07/18/professora-percorre-40-km-ate-comunidade-rural-do-es-para-dar-aula-a-aluno-surdo-na-pandemia.ghtml>. Acesso em 20 de Julho de 2020. Entrevistada: Joyce Barcelos Barbosa

4-DÉBORA MENEGHETTI. Professora não consegue dar videoaula, mas recebe carinho dos alunos e dá volta por cima. Razões para acreditar. Disponível em: <https://razoesparaacreditar.com/professora-videoaula-emocao-carinho-alunos/>.

5-Dicionário online, Dicio, Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 7 de Julho de 2020.

educacional, mas têm potencial de serem reutilizadas, se o educador possuir *savoir-faire*⁶ em suas práticas educacionais de ensino-aprendizagem. Rogers (2001, p. 01) conceitua a aprendizagem significativa da seguinte forma:

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimento mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência.

De acordo com Rogers (2001), a escola tem como foco principal ensinar aos alunos diretamente o conteúdo e propõe ensinar indiretamente o conteúdo de forma colaborativa, por meio de ferramentas como mídias digitais, no caso do *YouTube*, transformando-se em uma aprendizagem significativa.

Sabemos que as tecnologias digitais dos aplicativos de celulares e das plataformas digitais oferecem possibilidade de desenvolver a competência de aprendizagem dos alunos e parecem estimulá-los a aprender além dos muros das escolas. À vista disso, o presente trabalho remete à obra de natureza didática e educacional, a qual, à sua maneira, representa o resultado de uma experiência de pesquisa.

Ao utilizar o material de mídia-visual, procurou-se utilizar um tom de modalidade de escrita que mais se assemelhasse

às expressões orais, no intuito de deixar mais próximo do uso real da língua, na hipótese de algum dia os alunos surdos, ao viajarem para determinado país anglófono, não sintam um estranhamento ao se comunicarem por meio da escrita com um nativo de Língua Inglesa. Veremos que o trabalho buscou uma abordagem não cristalizada de ensino em que, vale reprimir, se entendem as novas tecnologias como recurso possível para entremear as relações e comunicações humanas.

O presente trabalho considera o aprendizado da língua estrangeira como um componente essencial para o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional do indivíduo. Surge a escolha de se trabalhar, com o assunto, o ensino-aprendizagem da Língua Inglesa para surdos, tendo em vista o número ínfimo de produções acadêmicas sobre esse tema que, em princípio, por haver poucos trabalhos, possa ser visto como algo de pouca relevância. Por isso, este artigo tenta desmistificar a questão sobre as impossibilidades do ensino-aprendizagem de língua estrangeira para surdos. Que este artigo possa clarear esta questão para aqueles surdos que anseiam aprender a Língua Inglesa e para os professores de Inglês que tenham alunos surdos em suas aulas.

E por que é importante para surdos aprenderem a Língua Inglesa? Assim como os ouvintes, os surdos percebem o quanto é importante aprender o Inglês. Hoje em dia, o mercado de trabalho tem como pré-requisitos básicos: além dos

6-Competência adquirida pela experiência em resolver problemas específicos de um trabalho; perícia, habilidade. Capacidade para solucionar ou resolver algo de modo prático; habilidade. Conhecimento que resulta dessa capacidade; tato. Habilidade para se comportar corretamente em situações sociais ou naquelas em que há interação social. Pessoa que entende muito de um assunto ou realiza algo com elegância, requinte, apuro. A origem da palavra *savoir-faire* é francesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/savoir-faire/>.

conhecimentos dos programas computacionais, como o pacote do Microsoft Office, que a pessoa tenha domínio da língua inglesa.

Deter o conhecimento de Inglês possibilita melhor salário em comparação com aqueles que não detêm, uma vez que conhecer e usar outro idioma, como a Língua Inglesa, poderá ser “um divisor de águas” para o surdo arranjar um bom emprego. Com o crescimento do mercado internacional, quanto maior a fluência no Inglês, mais valorizada profissionalmente a pessoa será. Aprender outra língua permite à pessoa ter uma extensão no repertório cultural.

Como nos filmes de comédias americanas, na circunstância dos surdos, os filmes seriam com a legenda em Inglês, o indivíduo poderá entender o humor que está sendo dito, caso estude essa língua. Outro exemplo é acerca dos livros de Literatura Inglesa, pois se adquire uma ampliação do conhecimento a respeito das obras, quando a pessoa, ao lê-los na língua original, passa a compreendê-los. Ademais, com o Inglês, o indivíduo consegue utilizá-lo em diversos lugares, uma vez que queira conhecer mais de um país, pois esse idioma é considerado uma língua global. Sem dúvida, o estudo de outro idioma é relevante para expandir o conhecimento; assim, aprender o Inglês manterá a mente do surdo ativa e o aproximará do acesso ao mundo globalizado.

Portanto, o estudo enfatiza o direi-

to dos surdos de aprenderem o Inglês como língua estrangeira (ILE), destacando a importância dessa língua escrita nas suas vidas.

1. OBJETIVOS

Para utilizar as ferramentas didáticas, antes é preciso pensar que metodologia explorar para traçar os objetivos que se pretende alcançar. E quais são os objetivos?

1. Desenvolver as competências linguísticas da língua estrangeira por meio do vídeo em Libras, de forma a compor no plano de atividades a exposição e reprodução de palavras e expressões; explorar conceitos teóricos próprios ao desenvolvimento das competências linguísticas no processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira; e considerar sobre abordagem e metodologia do ensino de língua estrangeira utilizadas na produção do material. Além disso, atentar-se às vantagens do trabalho colaborativo e das relações sociais em contexto educativo.
2. Elaborar atividades que explorem a reprodução e a produção de enunciados orais escritos em situações de comunicação e tenham como conteúdo a noção de tempo; e também criar um vídeo em Libras a partir do videoclipe da música **“See You Again”**, a fim de motivar a aprendizagem ao ir ao encontro dos interesses e faixas etárias

dos alunos surdos. Assim, ao promover esse vídeo, de uma forma pedagógica, elaboraram-se materiais visuais que se alinhasssem com as temáticas propostas do artigo ao ensino de Inglês para surdos.

1.1 ENTÃO SERÁ UMA METODOLOGIA ATIVA OU UMA METODOLOGIA EXPOSITIVA?

A metodologia expositiva é o modelo tradicional encontrado na maioria das escolas: aula é expositiva, o professor é colocado na posição de detetor e dono do conteúdo, enquanto os educandos são aqueles que absorvem o conteúdo de maneira passiva. Agora, na metodologia ativa: a aula ocorre de forma ativa; o centro são os alunos; considera o conhecimento prévio dos mesmos; e o educador é o mediador para que os estudantes questionem, interpretem e discutam sobre o conteúdo.

A Metodologia Ativa aponta a possibilidade de transformar aulas em experiências de aprendizagem mais vivas e significativas para os estudantes da cultura digital, cujas expectativas em relação ao ensino, à aprendizagem e ao próprio desenvolvimento e formação são diferentes do que expressavam as gerações anteriores (BACI-

CH; MORAN, 2018, p. 19).

A presente pesquisa, ao ter como objetivo desenvolver as competências linguísticas dos alunos surdos promovendo atividades dinâmicas, se utilizará das metodologias ativas. ao entender que os alunos surdos têm suas próprias especificidades, assim como os ouvintes.

O aluno surdo de uma escola estadual na cidade de Recife escreveu: "Difícil acho. Libras primeira língua, português segunda inglês terceira. não entendo muito. aula difícil. as vezes interprete vai não"(BACICH; MORAN, 2018, p. 19). Ao observar esse relato, supõe-se que esse estudante tem pouca fluência na sua segunda língua (Língua Portuguesa): conseqüentemente torna-se difícil a aprendizagem de Língua Inglesa para ele. Embora seja comum que isso ocorra em sala, primeiramente o professor deve conhecer o perfil dos alunos surdos, buscando compreender como são os indivíduos surdos, quais são as suas dificuldades, como são as suas socializações, como se organizam as Comunidades Surdas. E, depois, o educador conseguirá elaborar metodologias ativas, pois ele perceberá as potencialidades dos alunos surdos.

7 PINTEREST. (Disponível em: <https://www.pinterest.co.uk/pin/725009239999526965>)



7Figura 2 - Quadrinho do Calvin e Haroldo (Fonte: Pinterest)

Na parte de metodologia, o artigo apresenta duas estratégias que podem ser utilizadas na metodologia ativa.

FERRAMENTAS DO YOUTUBE

Como foi dito na introdução, houve um crescimento exponencial de vídeos na plataforma do *YouTube* em razão da pandemia; como consequência disso, a presença frequente do uso do *YouTube* no cotidiano modificou a forma de pensar conteúdos: sejam grandes e pequenas empresas que pretendam elaborar um canal de propaganda de seus produtos, sejam influenciadores digitais que almejam ampliar o número de inscritos e de membros nos seus canais, ou professores que procuram vídeos na plataforma para atrair seus alunos e auxiliar suas aulas em virtude do ensino remoto que se faz necessário neste momento de isolamento social. Ao pensar sobre, o presente artigo aceita a ideia de que é possível com *YouTube* montar um espaço de aprendizagem para incluir no planejamento e no cotidiano do profissional de educação.

E agora, caro leitor, o artigo irá apresentar 3 ferramentas do *YouTube* e de como aplicá-las na rotina escolar. Em primeiro lugar, a ferramenta ***YouTube Streams*** possibilita ao usuário assistir a um vídeo em grupo, de maneira remota, e discuti-lo ao mesmo tempo na janela dos comentários. Como essa ferramenta pode ser útil no ensino? Com a pandemia, as escolas tiveram que fechar e se adaptarem ao ensino remoto, tendo

como resultado professores se sentindo perdidos e desorientados, principalmente aqueles que não estão muito familiarizados com as redes sociais. Mas com o ***YouTube Streams***, o professor irá aprimorar seus conhecimentos tecnológicos e poderá oferecer material que se enquadre nas suas metodologias de ensino para os debates em aula. Em segundo, ***playlist*** é um compartimento que salva todos os seus vídeos. Essa ferramenta pode auxiliá-lo no planejamento de aulas? Sim, a ***playlist*** permite que o cliente da conta do YouTube organize seus vídeos em sequência e qual vídeo será visto em determinado dia para os outros usuários. Desta forma, o professor que tem uma conta no *YouTube* escolherá o conteúdo que será acessado pelos estudantes. E, por último, a janela de comentários do canal proporciona registrar as dúvidas dos alunos.

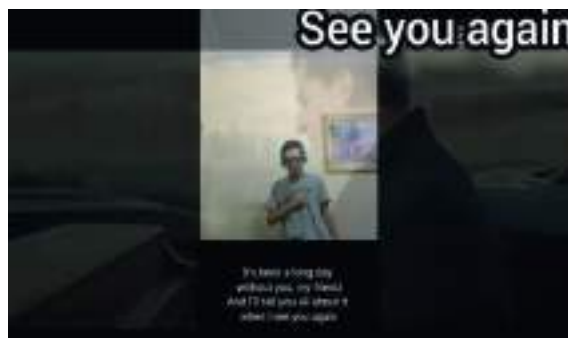
Assim, ao estimular os educandos a participarem das aulas na plataforma do *YouTube* por meio da **janela de comentários do canal** e compartilhar com eles vídeos selecionados que serão pertinentes para o quadro escolar promoverão os debates e discussões em aula.

APRESENTAÇÃO DO VÍDEO EM LIBRAS

Foi escolhido o videoclipe da música ***See you again*** para a produção do vídeo, levando em consideração uma proposta de se explorar dentro de sala de aula a temática do gênero textual música e de se

trabalhar com o verbo auxiliar (“to have”) do tempo verbal do “Present Perfect”, no intuito de atender aos surdos dos níveis intermediário e avançado. E também se considerou, como critério de escolha, o fato de se aproveitar a abundância de vocabulário que o videoclipe tem para elaborar as atividades.

Após a seleção, existiu uma preocupação com a tradução do videoclipe, tendo em vista que o Inglês, por ser uma língua de modalidade oral e escrita, tem características específicas, em que, na maioria das vezes, ao traduzir, não é possível transportar para uma língua de modalidade visual e espacial, no caso a Libras.



⁸ Figura 3 - vídeo em Libras

A imagem mostra que o intérprete, ao passar a frase “it’s been a long day without you, my friend” (em tradução livre significa “já faz um tempo que eu não te vejo, meu amigo”) para a Libras, a escolha lexical foi o sinal de saudade⁹ + sinal de amigo¹⁰ + Classificador(CL) de pessoa¹¹ = Sinto muita saudade do meu amigo que se foi. Muitos estudantes surdos, ao comparar a letra da música com a interpretação em Libras, iriam perguntar o motivo da escolha daqueles sinais.

Não se traduz *ipsis litteris*¹² nenhum texto. Até porque cada língua tem a sua peculiaridade e sua complexidade. Por isso, o intérprete sempre está em uma posição um tanto complicada, devido às escolhas daquele momento de interpretar. E cada escolha é crucial para o entendimento do público alvo. A pesquisadora Neuza Gonçalves Travaglia (2013, p. 95) defende a ideia de que a tradução é um processo de retextualização que depende:

1. das condições de produção do discurso, ou seja, dos sujeitos e da situação (incluindo o contexto de situação imediata e o contexto sócio-histórico), na inter-relação em que o efeito de sentido se estabelece;
2. dos fatores de coerência que são em última instância critérios de textualidade, já que esta é estabelecida pela coerência.

A operação metodológica da interpretação da canção se baseou nessas duas condições apresentadas pela pesquisadora, uma vez que a escolha lexical do sinais se ateve ao conteúdo e à história por trás da criação da música: a canção não foi só criada para servir de fundo musical do filme Velozes e Furiosos 7, ela também foi criada para prestar um tributo ao ator do filme, chamado Paul Walker, que morreu em um acidente de carro. Não só os fãs do ator ficaram tristes com seu falecimento, mas também a sua partida deixou muitas saudades para aqueles que participaram na produção do filme, principalmente por

8-ALVES, Phillipe David Rodrigues. Um videoclipe do “See You Again” em Libras. In: canal do YouTube, Mãos empoderadas. Disponível em: <https://youtu.be/LyMK8m-ZkGY>. Publicado em 13 de Agosto de 2020.

9-Sinal de saudade é composto por Configuração de Mão(CM): letra S + Localização(L): no peito + Movimento(M): circular

10-Sinal de amigo é formado por CM: mão aberta + L: no peito + M: batendo no peito

11-Classificador(CL) de pessoa é CM: número cardinal 1

12-Ipsis litteris, vem do latim, significa: Com as mesmas palavras; exatamente da maneira como está escrito; de modo literal; textualmente: o artigo foi transcrito *ipsis litteris* tal como o original. Disponível em <https://www.dicio.com.br/ipsis-litteris/>

parte do ator Vin Diesel, amigo próximo de Paul. Assim, o intérprete reconstrói o sentido por meio de elementos linguísticos, como léxico, para chegar a captar e reexpressar o sentido de uma sequência linguística da língua, do texto de origem, para a língua alvo.

GÊNERO TEXTUAL MÚSICA

O gênero textual música tem formas expressivas, nas quais se trabalha em métrica fixa ou não, mas conta no ritmo a sua essência e inclui método de composição musical discursiva que pretende promover prazer estético. O ritmo é bastante envolvido à música, aos arranjos e aos instrumentos. Esse gênero textual tem como propósito transformar a língua em um instrumento musical com possibilidade de provocar uma catarse¹³. Além disso, esse gênero é construído a partir de versos, atados em estrofes e se identifica pelo ritmo. Deste modo, o professor, ao trabalhar com gênero textual música dentro de sala de aula, se atenta ao ritmo, à seleção de palavras, à rima para produzir o seu material didático.

No entanto, os professores de música, ou professores que trabalham com gênero música, ao se depararem com os alunos surdos dentro de suas salas de aulas, poderão se questionar se os surdos são capazes de aprender música. Amanda Lynn Harvey, conhecida pelo seu nome artístico Mandy Harvey, pôde responder essa pergunta, quando entrou no programa televisionado de concurso de música

chamado *America's Got Talent*, em 2017. Mandy, por ser surda, surpreendeu o público e os jurados quando cantou e tocou uma canção, de sua própria autoria, chamada "Tried". No momento de sua apresentação, Mandy explicou que conseguia ouvir a música por meio das vibrações



¹⁴Figura 4 - Mandy no *America's Got Talent* (Fonte:Youtube)

que corriam para os seus pés.

Assim como Amanda Lynn Harvey, todos os surdos podem aprender música, porque eles têm a habilidade de perceber os símbolos imagéticos das notas musicais e sentem o ritmo por meio da vibração corporal; por isso, só irá depender de como os professores proporcionarão estímulos que possam ajudar os surdos a aprenderem música.

2. METODOLOGIA

A área de linguagem está completamente ligada no diálogo em sociedade que permeia as relações e condutas sociais. Da mesma maneira que o ouvinte, o surdo é afetado pela situação social, pelo contexto e pela cultura na qual se insere nesse mundo globalizado. Logo, a motivação do surdo para aprender outras línguas é uma consequência dessa globalização.

13-Processo para trazer à consciência do ser as emoções ou os sentimentos reprimidos, em seu próprio inconsciente, fazendo com que ele seja capaz de se libertar das consequências ou dos problemas que esses sentimentos lhe causam. Disponível em <https://www.dicio.com.br/catarse/#:~:text=Significado%20de%20Catarse,pele%20medo%20ou%20pel%20raiva>.

14-AMANDA LYNN HARVEY. *America's Got Talent*, 2017. In: *YouTube*. (Disponível em <https://youtu.be/IVTEUWxovU4>). Acesso em 31 de Julho de 2020

A aprendizagem de um idioma não só explora a parte da gramática, mas também novos costumes sociais e culturais que produzem um impacto nos alunos. O artigo tem como base teórica os principais textos: ***Principles and Practice in second language acquisition***, do autor Krashen (1982); ***Teaching and learning English as a foreign language***, do autor Fries (1945); ***From communicative competence to communicative language pedagogy***, do autor Canale (1983); ***On communicative competence***, do autor Hymes (1972); e ***Methods in Language Learning***, do autor Nunan (1992).

Para Krashen (1982) e Fries (1945), as estratégias de aprendizagem de língua são construídas a partir de atividades mentais e comportamentais que estão ligadas ao *input*¹⁵ do aluno no processo de aquisição da língua. Segundo os autores, as estratégias que o professor se pautaria seriam: Estratégias cognitivas - restringidas às funções específicas de aprendizagem relacionadas ao manuseio com a ferramenta aprendida; Estratégias socioafetivas - atividades nas quais estão associadas as práticas sociais e de diálogo com os outros.

2.1 ESTRATÉGIAS SOCIOAFETIVAS

Na primeira etapa, antes de o professor passar o vídeo em Libras da música "See you Again" fará as seguintes questões em Inglês, utilizando o alfabeto sinalizado e o quadro branco como apoio para a comunicação: Have you ever watch Fast and furious? (em tradução livre,

"você já assistiu a Velozes e Furiosos"?); Have you ever heard about Paul Walker"? (em tradução livre, "você já ouviu falar sobre Paul Walker?); Have you ever listen to this song before or any of Wiz Khalifa's songs?(em tradução livre, "você já ouviu essa canção antes ou qualquer outra canção de Wiz Khalifa?"); Have you heard about genre Music before? (em tradução livre, "você já ouviu falar sobre o gênero música antes"?)

Após assistir ao vídeo em Libras, o professor fará uma atividade lúdica com os seus alunos, chamada de jogo da verdade: Os alunos formarão pares, em um dado momento da partida, o jogador faz a pergunta e outro a responde e vice-versa. As perguntas em Língua Inglesa terão que ser constituídas utilizando o verbo auxiliar "To Have" do "Present Perfect". No momento em que o aluno responder as perguntas, as suas mãos estarão abertas e levantadas. Se a resposta for "Yes, I have" (em tradução livre, "Sim"), o aluno abaixará um dedo; no entanto, se for "No, I haven't" (em tradução livre, "Não"), o aluno manterá



Figura 5 - imagem do jogo Yes or Not

15 Conjunto das informações que alguém assimila ao ouvir uma língua no momento em que ela está sendo utilizada. Disponível em: [https://www.dicio.com.br/input/#:~:text=Significado%20de%20Input,informa%C3%A7%C3%B5es%20de%20sa%C3%ADa%20\(output\).](https://www.dicio.com.br/input/#:~:text=Significado%20de%20Input,informa%C3%A7%C3%B5es%20de%20sa%C3%ADa%20(output).)

o seu dedo para cima. O aluno que estiver com mais dedos levantados ganha o jogo.

Nesse jogo, os alunos, ao fazerem perguntas aos seus colegas sobre experiências passadas, trabalharão com a noção de tempo do *"Present Perfect"*. Desta forma, eles, de maneira lúdica, aprenderão a construir sentenças gramaticais complexas sem se sentirem pressionados ou angustiados.

2.2 ESTRATÉGIAS COGNITIVAS

Na parte final, as atividades serão mais direcionadas às partes de habilidades específicas: na primeira atividade, o professor trabalhará com o jogo do avental mágico. Cada aluno terá que pegar no bolso do avental três cartões com cores diferentes: um amarelo, um laranja e um azul. Os alunos, ao pegarem os cartões, montarão uma frase. Aquele que montar mais rápido, ganha o jogo. Na segunda, os alunos pesquisarão quem foi Paul Walker e farão um texto em Inglês sobre o ator. E na última atividade, haverá um exercício para completar os trechos vazios relacionados à canção *See You Again*.

Atividade com a música *See You again*

Com a primeira atividade, o aluno surdo desenvolverá a noção sintática em Língua Inglesa. Ele saberá onde fica posicionado em Inglês: o sujeito, o verbo e o complemento (objeto, predicativo, complemento nominal, etc). Ao desenvolver



Figura 6 - Imagem do jogo Avental Mágico

essa compacidade, o aluno se sentirá mais confiante e apto a fazer a segunda atividade, que é a parte de produção escrita, em que a habilidade desenvolvida será a lógica.

O artigo percebe que uma das vantagens de se trabalhar com músicas junto com atividades dinâmicas é a possibilidade de se tornar espontânea e acessível a aprendizagem por se tratar de recursos e assuntos pelos quais a maioria dos alunos surdos se interessam e se identificam. Desta maneira, a partir dessas estratégias, o professor desenvolverá as curiosidades dos alunos surdos que querem aprender a Língua Inglesa.

Além disso, o intuito desse artigo é sugerir uma estratégia didática, ao apre-

ATIVIDADE COM MÚSICA

1. Put these words in the right place

SWITCH UP	LAST	TALK
LONG	WE	BETTER
FAMILY	BE	PICTURE

It's _____ a _____ day
without you, my friend
And I'll tell you all about it when I see
you again
We've come a _____ way from
where _____ began
Oh I'll tell you all about it when I see you
again
When I see you again

Damn, who knew all the planes
flew
Good things we've been through.
That I'll be standing right here
_____ to you about another path I
Know we loved to hit the road and laugh
But something _____ me that it
wouldn't _____
Had to _____ look at things
different see the bigger _____
Those were the days hard work forever
pays now I see you in a _____
place

How could we not _____ about
_____ when _____ 's all
that we got?
Everything I went through you were
standing there by my side
And now you gonna be with me for the
_____ ride

Figura 7 - Imagem do jogo Aventura Mágica

sentar o videoclipe e o material didático, para, assim, servir de ajuda aos professores e aos estudantes surdos a estimularem essas ferramentas de maneira crítica e de forma fluida para se construir conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o mundo globalizado, o ensino de língua estrangeira encontra inúmeros desafios e soluções criativas por meio de métodos de ensino não tradicionais, onde o protagonismo dos alunos começa a aparecer e o professor se torna um mediador. O protagonismo do aluno é a própria autonomia em produzir e experimentar novos saberes que, no caso do artigo, foi envolvido com ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. E como motivar essa autonomia? Partindo daquilo que os alunos se interessam, de que se apropriam. Logo, o artigo utilizou o assunto gênero textual música. À vista disso, a pesquisa defende a ideia de se conhecer melhor metodologias ativas e inovadoras para inserir em sala de aula.

Além disso, o intuito desse artigo é sugerir uma estratégia didática ao apresentar o videoclipe em Libras no canal do *YouTube*, chamado Mãos Empoderadas, junto com a produção de materiais lúdicos e dinâmicos, para que os educadores percebam que é possível elaborar e aplicar um material que seja atraente e moderno para o ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E.O.C. **Leitura e surdez:** um estudo com adultos não oralizados. Rio de Janeiro:Revinter, 2000.
- ALVES, P. D.R. Um videoclipe do See You Again em Libras. In: canal do YouTube,

Mãos empoderadas. Disponível em: https://youtu.be/I_yMK8mZkGY. Publicado em 13 de Agosto de 2020.

AMANDA LYNN HARVEY. America's Got Talent, 2017. In: *YouTube*. Disponível em: <https://youtu.be/IVTEUWxovU4>. Acesso em 31 de Julho de 2020

ANDRADE, S. M. A. R.; GÓES, M. C. R. Considerações sobre a reflexividade de alunos surdos frente à linguagem escrita. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v. 1, n. 2, p. 7 – 16, 2008.

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico] / Porto Alegre: Penso, 2018 e-PUB. Disponível em: <http://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

BARBOSA, J. B. Professora percorre 40 km até comunidade rural do es para dar aula a aluno surdo na pandemia. **Portal de notícia G1**, Espírito Santo. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/07/18/professora-percorre-40-km-ate-comunidade-rural-do-es-para-dar-aula-a-aluno-surdo-na-pandemia.ghtml>. Entrevista concedida a Eduardo Dias. Acesso em: 20 jul. 2020.

CANALE, M. *From communicative competence to communicative language pedagogy*. In: RICHARDS, J.; SCHMIDT, R. (eds) **Language and communication**. London: Logman, 1983.

Dicionário online, *Dicio*, Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

FILGUEIRAS, A. Estudo indica aumento em casos de depressão durante pandemia. **CNN Brasil**, São Paulo. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/amp/saude/2020/05/09>. Acesso em: 16 jul. 2020.

FRIES, C. C. **Teaching and learning English as a foreign language**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1945.

HYMES, D. *On communicative competence*. In: PRIDE, J. & J. HOLMES, **Sociolinguistic**. Harmondsworth, Penguin, 1972.

KRASHEN, S. D. **Principles and practice in second language acquisition**. Oxford, Pergamon Press, 1982.

MENEGHETTI, D. Professora não consegue dar videoaula, mas recebe carinho dos alunos e dá volta por cima. **Razões para acreditar**

<https://razoesparaacreditar.com/professora-videoaula-emocao-carinho-alunos/>.

Entrevista concedida a Rafael Melo. Acesso em: 28 jul. 2020.

NAGUMO, E; TELES, L. F.; ALMEIDA SILVA, L. A utilização de vídeos do *youtube* como suporte ao processo de aprendizagem (*using youtube videos to support the learning process*). **Revista eletrônica de educação**, São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3757.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

NUNAN, D. **Research Methods in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PEREIRA, S. A. **Contribuição da música para processo ensino-aprendizagem no teclado para alunos surdos**. Monografia (Especialização em educação especial). - Faculdade Católica de Uberlândia. 2006.


PERLIN, G. Identidades Surdas. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MELO, Ana Dorziat B. ; FERNANDES, Eulália (orgs.). Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. 1a. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. v. 1. 391 p.
PINTEREST. Disponível em: https://www.pinterest.co.uk/pin/_/725009239999526965. Acesso em: 28 fev. 2020.

TRAVAGLIA, N. G. **Tradução Retextualização: a tradução numa perspectiva textual**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2013.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 5. Ed São Paulo: Martins, 2001.

SOUZA FERREIRA, I. C.; MORAES, A. H. C.; DINIZ, M. G. Ensino de língua estrangeira para surdos: um relato de experiência. In: GOMES, A.M. (Org.). **Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2** [recurso eletrônico]. Ângela Maria Gomes(Org.). Ponta Grossa (PR):Atena Editora, 2019. Disponível em: <http:https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/6760.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

YOUTUBE. Statistics. Disponível em: <https://www.youtube.com/yt/press/en-GB/statistics.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.



O SUJEITO SURDO E A MUSICALIDADE: PANORAMA SOBRE A INTERAÇÃO ENTRE MÚSICA E SURDEZ

*THE DEAF GUY AND THE
MUSICALITY:
PANORAMA ABOUT THE
INTERACTION BETWEEN MUSIC
AND DEAFNESS*

DAIANE DE OLIVEIRA PIERGIORGE
LETÍCIA GONÇALVES RICARDO

RESUMO

Este artigo busca oferecer uma breve visão sobre a musicalidade dos surdos, esclarecendo o papel da música na vida do indivíduo, na sociedade e na educação. Tem início com um relato sobre a história dos surdos no decorrer do tempo e sobre como eles foram tratados pela sociedade ao longo dos anos, com foco na luta pela conquista de reconhecimento e direitos. Além disso, são descritos alguns dos processos educacionais pelos quais eles passaram a fim de serem entendidos como capazes de adquirir conhecimento e interagir com a sociedade. Em seguida, há um panorama geral da música, bem como seu importante papel na sociedade e sua aplicação obrigatória como disciplina nas instituições de educação básica. A partir de então, são abordados aspectos importantes sobre o surdo e a musicalidade, explicando-se como ocorre essa interação e desmitificando a ideia de que a população surda não consegue interagir socialmente de forma musical e está afastada dessa arte inegável à vida, que percorre a humanidade desde os tempos antigos. Por meio dessas exposições, objetiva-se contribuir com uma nova abordagem nos processos educacionais e sociais relacionados aos surdos e à musicalidade que eles apresentam, de modo que esclarecidos educadores consigam desenvolver novas metodologias e tornar cada vez mais real e abrangente o processo educacional inclusivo.

Palavras-chave: Educação. Interação. Música. Surdo.

ABSTRACT

This article seeks to offer a brief vision about the musicality of the deaf, clarifying the role of music in the life of the individual, in society and education. Begins with a report of the history of the deaf over time and about how they have been treated by society over the years, focusing on the struggle for recognition and rights. In addition, are described some of the educational processes through which they passed seeking to be understood as able to acquire knowledge and interact with society. Then a general panorama of music, its important role in society and its mandatory application in educational institutions of the public network. From then on, we bring important aspects about the deaf and the musicality, explaining how occurs this interaction, demystifying the idea that the deaf population cannot interact socially in a musical way and are away from this undeniable art the life, that runs through humanity since ancient times. Through these exhibitions, we seek to contribute with a new approach in educational and social processes related to the deaf and the musicality they have, where after enlightened educators can develop new methodologies and make increasingly real and comprehensive the inclusive educational process.

Key-words: Education. Interaction. Music. Deaf.

DAIANE DE OLIVEIRA PIERGIORGE

Pedagoga graduada pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: daiane.piergiorge30@gmail.com

LETÍCIA GONÇALVES RICARDO

Pedagoga graduada pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: leticiag.ricardo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estamos cercados por música o tempo todo. Desde o início da humanidade, essa arte está presente em nossa vida, tendo, por isso, um significado muito importante. A música é um grande instrumento para integração social e cultural, além de ser ferramenta para o reconhecimento individual de cada ser. “Sua influência cria na sociedade o desenvolver de valores que, de modo eficaz, estruturam a cultura, a arte, o pensar, o aprendizado e a prática. Desse modo, vemos a todo momento a interação do homem para com a música” (CUNHA, 2006, p.18). Não há ser humano que não a conheça e reconheça quando a ouve, desde os sons mais simples, como os da natureza, até os arranjos mais rebuscados, como os de uma música erudita. O fato é que estamos rodeados por sons o tempo inteiro, e, mesmo que de maneira informal, todos “fazem” música, seja com um bатуque na mesa ou com sons bucais, buzinas e instrumentos; todos os indivíduos têm a música muito presente no decorrer dos seus dias e se expressam de algum modo por intermédio dela.

É comum que, por associarmos a música ao processo auditivo, não consideremos que pessoas com debilidades nos órgãos responsáveis por esse processo consigam ouvir e se apropriar da musicalidade. Em função disso, pessoas surdas sofreram preconceitos ao longo do tempo e foram afastadas da convivência e da interação social por serem julgadas incapazes de absorver conhecimentos e desfrutar da

socialização, já que não se comunicam de maneira igual aos demais indivíduos.

No entanto, com o passar do tempo e com as conquistas alcançadas, os surdos vieram demonstrando que, mesmo sem a audição e a fala como principais meios de comunicação, são extremamente capazes de interagir com o mundo. Diante disso, começou-se a questionar como indivíduos interagem com a música e como o conhecimento sobre tal especificidade pode colaborar para que educadores desenvolvam novas didáticas e metodologias, a fim de abranger, de maneira inclusiva, os surdos no processo educacional musical, já que este se tornou obrigatório nas escolas.

BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO E A CULTURA DO POVO SURDO

Entender a relação das perspectivas educacionais para os surdos no passado torna-se importante para que se possa compreender a política de inclusão em vigor atualmente nas escolas brasileiras, assim como conhecer alguns conceitos particulares e naturais que fazem parte da identidade do surdo.

Segundo Strobel (2009), as diferenças entre os conceitos de Povo Surdo e Comunidade Surda são:

O Povo Surdo é o grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história e tradições em comum e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão. A Comunidade Surda, na verdade, não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos

e outros que participam e compartilham dos mesmos interesses em comum, em determinada localização, que pode ser uma associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros.

Na Antiguidade, eram realizadas diversas atrocidades contra os surdos. Por não apresentarem linguagem, eram considerados seres incapazes de adquirir conhecimento, pois acreditava-se que o indivíduo que não desenvolvia a fala também era desprovido da capacidade de pensar e, por isso, não era considerado humano, ou seja, eram pessoas sem alma. Em consequência disso, muitos surdos eram sacrificados e jogados de penhascos com a justificativa eclesiástica de eliminar pecadores.

Ao pesquisar e analisar a história do Povo Surdo e das Comunidades Surdas, bem como suas transições e modificações ao longo das gerações, foi possível levantar informações relevantes para um estudo detalhado dos processos de integração do Ser Surdo com a sociedade.

Ao longo dos anos, esse contexto de exclusão foi mudando, com a descoberta de que os surdos eram capazes de falar e se comunicar entre eles e com outras pessoas por intermédio de uma língua natural e materna exclusiva deles: a língua de sinais. Porém, essa língua teve uma grande trajetória desde seus primeiros registros até sua completa aceitação como o melhor caminho a percorrer a fim de derrubar a barreira de comunicação imposta, cotidianamente, entre surdos e ouvintes. Assim, com o advento de novos recursos linguísticos, os sur-

dos deixaram de viver em um mundo de completo isolamento e tornaram-se participativos e atuantes socialmente.

Por terem uma língua própria com características linguístico-estruturais diferentes das apresentadas pelas línguas orais, os surdos são representados por uma cultura específica, que denota o modo de viver e de se expressar e a maneira especial como o surdo enxerga, percebe e estabelece relações com o mundo a sua volta. Conforme afirma Gesser (2009):

Cultura própria sugere a ideia de um grupo que precisa se distinguir da maioria ouvinte para marcar sua visibilidade, e a única forma de obter coesão é criada a partir de uma 'pseudo' uniformidade [sic] coletiva. Em grande medida, funciona como 'sobrevivência cultural' entre os excluídos e desprovidos, portanto, de poder e voz.

Contudo, em 1880, ocorreu um congresso internacional de educadores surdos em Milão, tendo como patrocinadores grandes especialistas ouvintes na área da surdez. Foi realizada uma votação proibindo o uso da língua de sinais por mais de 100 anos. Os professores surdos não obtiveram poder de voto, o que constituiu uma incoerência, devido ao fato de o congresso ser voltado justamente para a educação de surdos. Desse modo, os surdos voltaram a ficar isolados e sem comunicação, o que provocou um retrocesso nos avanços já conquistados por eles. Esse período foi marcado por uma forte imposição da cultura ouvinte sobre a comunidade surda.

Com a negação da língua materna dos surdos e de sua identidade cultural, surgiu

uma tentativa incansável de oralização, método criado para desenvolver a fala e a comunicação oral em deficientes auditivos. O objetivo desse método era fazer com que os surdos utilizassem a leitura labial; com isso, eles seriam denominados surdos oralizados. Julgava-se que o surdo só conseguiria integrar-se socialmente se desenvolvesse a fala; assim, a melhor opção era extinguir a língua de sinais, a qual, por alguns anos, foi considerada como um atraso para os surdos quanto à sua capacidade de convívio coletivo e também um fator que impedia o aprendizado, dificultando seu progresso escolar.

Um grande marco da educação de surdos no Brasil foi a chegada de Ernest Huet, professor surdo com mestrado em Paris, que, a convite de D. Pedro II, veio ao país com o objetivo de fundar a primeira instituição de ensino para pessoas com deficiência auditiva. Assim, em 1857, foi inaugurado no Rio de Janeiro o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Esse fato colaborou para a criação da Língua Brasileira de Sinais (Libras), de modo que as expressões já usadas por surdos de diversas regiões do país se uniram com a língua de sinais francesa, utilizada por Huet. Desde então, o instituto vem apresentando um trabalho muito significativo no que diz respeito à formação, não só acadêmica como também social, de seus alunos, dos quais muitos têm se destacado em vários segmentos, como artístico, político e até mesmo universitário.

É fundamental esclarecer que a surdez pode ser entendida com base em dois aspectos: o patológico e o cultural. No primeiro, a surdez é considerada uma deficiência, ou seja, como ausência de algo que precisa ser preenchido a fim de “normalizar” o surdo para enquadrá-lo na cultura ouvinte. Essa visão patológica, que é aceita pela maior parte da sociedade, acarreta vários problemas, pois nela a surdez é vista negativamente: “O discurso médico tem muito mais força e prestígio do que o discurso da diversidade, do reconhecimento linguístico e cultural das minorias surdas” (GESSER, 2009, p. 67). Esse discurso de normalização do surdo colabora para o crescimento de preconceitos e para a desvalorização da sua língua e, portanto, da sua identidade cultural.

Em contraste com o aspecto patológico está o cultural. Ele enxerga a surdez não como uma deficiência, mas como uma diferença; um povo que, por ter sua língua própria, também apresenta características culturais únicas e particulares. Ainda sobre cultura, Strobel (2008) revela:

Da mesma forma, um ser humano em contato com seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, isso significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados. A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.

Desse modo, compreende-se que os

surdos têm sua maneira própria de entender o mundo e transformá-lo com suas experiências visuais e táteis, conseguindo, de maneira coletiva, construir sua cultura a cada nova descoberta. É inegável que os ouvintes precisam quebrar barreiras para vencer os preconceitos, aceitando as diferenças e abandonando a ideia de padronização dos surdos nos moldes dos ouvintes.

MÚSICA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO

A música permeia a sociedade desde os tempos mais antigos e é um dos grandes instrumentos de produção cultural que demarca épocas e culturas de determinados lugares e regiões. Presente desde antes do nascimento de um bebê, pode-se dizer que ela sempre fez parte da vida dos indivíduos e de seu cotidiano, pois todos os sons produzidos servem como expressão e comunicação, o que a torna um fator importante na interação social.

Ainda é difícil encontrar uma única definição sobre o que seja música, mas o conceito mais usado é a combinação de ritmo, melodia e harmonia, uma organização temporal de sons e silêncios, que trabalha com o estético, o cognitivo e o cultural. Segundo Moraes (1991), pode-se perceber a música não só nas coisas às quais já estamos habituados, mas em tudo em que existir a invenção de linguagens manifestando maneiras de ver e representar o mundo.

Essa arte é uma manifestação universal que conecta todo o mundo, pois é um meio de comunicação além de pala-

avras. Pode ser compartilhada em diversos grupos e etnias, sendo uma das maiores, senão a maior, presença artística nas culturas. Assim, por ser um meio expressivo tão abrangente, consegue possibilitar a comunicação intercultural.

“A música é uma linguagem criada pelo homem para expressar suas ideias e seus sentimentos, por isso está tão próxima de todos nós” (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 130). Suas combinações sonoras podem representar e expressar vários sentimentos que, quando identificados em mais de uma pessoa, determinam uma cultura e uma época, além de produzirem os movimentos sociais, dentre outros que usam a música como expressão na sociedade. Reconhecendo a nossa individualidade, temos a possibilidade de assumir a identidade da comunidade de que fazemos parte; assim, podemos identificá-la pelas músicas que se ouvem e se produzem, e também reconhecer épocas e movimentos pelas sonoridades que representam a mensagem e os sentimentos que são propagados intencionalmente pelos indivíduos em determinado período de tempo. É uma maneira de definir nosso lugar no mundo e o modo como participaremos dele, pois, junto com a música, inevitavelmente vêm as relações recheadas de códigos, que nos fazem perceber o mundo à nossa volta e o ambiente em que estamos inseridos e nos quais queremos nos inserir a partir do reconhecimento de nós mesmos.

Diante da importância musical e de seus benefícios à sociedade, em 2008, foi sancionada a Lei nº 11.769, que tornou obri-

gatório o ensino de música nas escolas de educação básica. Todos os indivíduos, então, passariam a ter oportunidade de desenvolver e explorar seu potencial musical, desmistificando esse contato que era idealizado apenas para as crianças com talento aparente para tal atividade; afinal, uma educação musical não se resume apenas à instrução instrumental ou de alguma área específica e técnica, mas se refere a todas as formas de envolvimento que os indivíduos podem ter com a música.

O SURDO E O SOM

É normal que, ao falar sobre surdez, a mente logo imagine um mundo de silêncio total. Isso porque se julga que, por não terem audição, os surdos não são capazes de “ouvir” uma música. Parece até estranho para os ouvintes, um surdo dizer que gosta de certa música. Essas crenças acontecem porque “a concepção de língua está, do ponto de vista dos ouvintes, culturalmente conjugada ao som” (GESSER, 2008, p. 48). Tal ideia, no decorrer do tempo, foi fazendo com que a População Surda continuasse à margem da sociedade, principalmente nos espaços onde a música se fazia presente.

Entretanto, os surdos apresentam uma maneira diferente de percepção de mundo. Por serem privados do sentido auditivo, a visão torna-se mais apurada juntamente com o tato. Em virtude disso, eles constroem sua subjetividade por meio das experiências visuais e sensitivas. Logo, é possível afirmar que eles “escutam com os olhos” e percebem o barulho pela sua visão e pele.

Para Haguiara-Cervelline (2003), existem duas maneiras de os surdos terem acesso à música: por meio de aparelhos auditivos e pela percepção corporal. Porém, o método analisado neste estudo é o da percepção corporal e visual. Segundo Oliveira (2014):

Formada pela união de som, ritmo e letra (poesia), a música leva o corpo a expressar sentimentos. As batidas do coração, bombeando sangue e oxigênio para todo o nosso corpo, obedecem a um ritmo constante e vívido, que reflete a vida. O movimento dos lábios, dos olhos, das mãos e das pernas é capaz de passar mensagens, assim como a vida, que é uma grande sinfonia, onde cada um é seu próprio instrumento. (OLIVEIRA, 2014, p. 6)

Nesse trecho, a autora destaca as reações do corpo que podem ser provocadas pela música e aponta a linguagem corporal como um dos métodos de emitir mensagens, ressaltando a importância da leitura corporal. Em sua pesquisa, ela buscou entender o desenvolvimento do sujeito surdo com a música, além da importância da mesma na vida dele. Em outro ponto de seu estudo, Oliveira (2014) relata:

Durante observações realizadas em congressos e festas de Comunidades Surdas, notou-se a presença de caixas de som, músicas e danças. Os surdos dançam a noite toda próximo aos alto-falantes, o som em volume bem alto. Eles montam coreografias e se divertem por horas a fio. (OLIVEIRA, 2014, p. 5)

Logo, pode-se concluir que é possível o surdo “ouvir” música de diversas maneiras, seja pelas vibrações do som alto ou pela leitura corporal. A música faz

parte do cotidiano desses indivíduos e propicia vários benefícios, não somente de entretenimento e diversão, mas também ao processo de socialização e interação, de tal maneira que a musicalidade não é uma característica exclusiva de ouvintes; ela pode alcançar a todos.

Em uma era na qual a educação inclusiva tem tomado grande força nas escolas, os surdos não podem ser privados da musicalidade no processo escolar, mas devem ser estimulados a desenvolverem habilidades musicais voltadas para as suas especificidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das nossas inquietações, fomos impulsionadas a pesquisar e discutir sobre a importância da música na sociedade e o que isso também significa para as pessoas surdas.

Por meio deste artigo, podemos perceber como a sociedade interage musicalmente e como sons e acordes estão na essência humana, inclusive daqueles que não podem ouvir a música, mas podem interagir com ela mediante os outros sentidos corporais que possuem e desenvolvem. Desse modo, o conceito de que a música não faz parte da Comunidade Surda é totalmente equivocado e precisa ser revisto pela sociedade.

A música é um dos maiores instrumentos contribuintes para o desenvolvimento humano e cultural, não só dos ouvintes, mas de todos os indivíduos de uma sociedade. Entendendo que os surdos fazem parte desse processo, mesmo que de maneiras diferentes, conseguiremos nos educar de maneira integral e inclusiva, sem preconceitos e afastamentos dessas pessoas do núcleo social no qual nasceram e do qual fazem parte.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008: altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm. Acesso em: 15 jun 2019.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. **Educação infantil:** pra que te quero? Porto Alegre: Artmed. 2001. 164p.

CUNHA, A. B. Música e sociedade: a importância da música no âmbito social. **Integratio**, v. 2, n. 2, p. 17-21, 2016.

GESSER, A. **Libras?** Que língua é essa? São

Paulo: Parábola Editorial. 2009.

HAGUIARA-CERVELLINI, N. **A musicalidade do surdo:** representação e estigma. São Paulo: Plexus. 2003. 207 p.


MORAES, J. J. **O que é música.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.

OLIVEIRA, H. C. C. O desenvolvimento do sujeito surdo a partir da música. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Petrópolis, ed. 14, p. 1-19, set 2014.

O que é música. **Significados.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/musica/>. Acesso em: 14 jun. 2019.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC. 2008. 118p.

STROBEL, K. **História da educação de surdos.** Florianópolis: Ed. da UFSC. 2009. 49p.



**AO ALCANCE
DA CIDADANIA
COMUNICATIVA: REDE
SOCIAL FACEBOOK
ASUGOV GV**

*REACHING COMMUNICATIVE
CITIZENSHIP: SOCIAL
NETWORK FACEBOOK
ASUGOV GV*

SONIA MARIA QUEIROZ DE OLIVEIRA
JIANI ADRIANA BONIN

RESUMO

Neste mundo existente, seja entre surdos (com as dificuldades de ouvir) e/ou ouvintes (com e/ou nenhuma dificuldade de ouvir), a comunicação, sendo uma realidade necessária para a existência humana, se faz presente na vida de todos. Redes Sociais são formas de estruturação socio-comunicacional compostas por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, compartilhando interesses em comum e construindo outros. Sob a perspectiva de constituição da cidadania comunicativa, o estudo indica que os usos e apropriações na rede social Facebook realizados pelos sujeitos comunicantes surdos podem ser considerados construtores da cidadania comunicativa. Nesse sentido, apresenta como objetivo investigar os usos e apropriações que sujeitos comunicantes surdos, membros da Associação de Surdos de Governador Valadares/MG – Asugov – realizam no Facebook, a partir da página dessa associação, na perspectiva de constituição de cidadania comunicativa. Problemática que trouxe ao nosso encontro a estratégia transmetodológica.

Palavras-chave: Cidadania comunicativa. Sujeito Comunicante Surdo. Facebook. Transmetodologia.

ABSTRACT

In this existing world, whether among deaf people (with hearing difficulties) and / or listeners (with and / or no hearing difficulties), communication, being a necessary reality for human existence, is present in everyone's life. Social networks are forms of socio-communicational structuring composed of people or organizations, connected by one or more types of relationships, sharing common interests and building others. From the perspective of constituting communicative citizenship, the study indicates that the uses and appropriations on the Facebook social network carried out by deaf communicating subjects can be considered as constructors of communicative citizenship. In this sense, it aims to investigate the uses and appropriations that deaf communicating subjects, members of the Deaf Association of Governador Valadares / MG - Asugov who perform on Facebook, from the page of this association, in the perspective of constituting communicative citizenship. Problem that brought the transmethodological strategy to our meeting.

Key-words: *Communicative citizenship. Deaf Communicating Subject. Facebook. Transmethodology.*

SONIA MARIA QUEIROZ DE OLIVEIRA

Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus GV (UFJF-GV). E-mail: oqms@hotmail.com; soniaqueiroz@uff.edu.br

JIANI ADRIANA BONIN

Profa. Dr^a. do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: jianiab@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

É sabido que maiorias populacionais podem ser opressoras perante as minorias, atualmente compreendidas não em termos quantitativos, mas como todo grupo humano em situação de desvantagem social, cultural, econômica, política ou jurídica “[...] cujos direitos são vulnerados apenas por possuírem algumas características diferentes das do grupo dominante da sociedade” e, portanto, socialmente excluído (LOPES, 2006, p. 55). Foi nessa nova forma de percepção que a afirmação da cidadania, proclamada desde a Revolução Francesa de 1789, fez emergir a ideia do respeito às minorias, suas necessidades e peculiaridades (CORTINA, 2005). Ideia esta que deflagrou um processo de mutação no olhar sobre as minorias, historicamente tidas como grupos de pessoas inferiores e, por isso, objeto de preconceito e discriminação, das “artimanhas da exclusão” (SAWAIA, 2001).

Dentre os grupos minoritários do qual fazem parte, entre outros, mulheres, idosos, negros, povos indígenas e ciganos,

encontra-se o grupo formado por pessoas com deficiência auditiva. De acordo com o Decreto Nº 5.626, de janeiro de 2005, em seu artigo 2º, parágrafo único, considera-se pessoa surda àquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (BRASIL, 2005). Destarte, nominamos sujeito comunicante em sendo a pessoa surda que compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais manifestando sua cultura. Sujeito este pertencente à Associação dos Surdos de Governador Valadares (ASUGOV) e integrante do Facebook Asugov GV.

Hodiernamente, a população brasileira ultrapassa 211 milhões de pessoas (IBGE, 2019). Levando em consideração os microdados do último censo realizado, 2010, no questionário sobre surdez, quesito 6.15 – *Tem dificuldade de ouvir?* e resposta: - *dificuldade permanente de ouvir*, colhemos os seguintes dados:

ENTIDADES POLÍTICAS	DIFICULDADE PERMANENTE DE OUVIR			
	Sim, não consegue de modo algum	Sim, com grande dificuldade	Sim, alguma dificuldade	Não, nenhuma dificuldade
Governador Valadares	466	2.640	9.976	250.249
	0,18%	1,00%	3,78%	94,90%
Minas Gerais	32.355	199.251	769.738	18.593.337
	0,17%	1,02%	3,93%	94,88%
Brasil	344.205	1.798.961	7.571.149	180.991.877
	0,18%	0,94%	3,97%	94,88%

TABELA 1: Municípios: Micro Governador Valadares – Dificuldade permanente de ouvir – Tabulação cruzada
Fonte: Microdados Censo Demográfico 2010.

Em suas complexidades, a comunicação é inegavelmente relevante para a construção da evolução do ser humano. E, em se tratando de informação e comunicação, as possibilidades tecnológicas surgiram como uma alternativa na era moderna no campo da comunicação. Com o surgimento das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), que inclui um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, vem se configurando um novo alcance para com o comunicar. Nesta realidade tecnológica propulsora de interatividades comunicacionais, surgem as redes sociais, formas de estruturação sociocomunicacional compostas por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, compartilhando interesses em comum e construindo outros; neste sentido nosso olhar se volta para a rede social Facebook. O Facebook é uma plataforma¹ de rede social virtual mais utilizada em todo o mundo por usuários ativos mensais: 2,2 bilhões de usuários desta rede, ao redor do mundo, acessam o Facebook todos os dias.

A Associação dos Surdos de Governador Valadares (Asugov) possui um perfil no Facebook nominado Asugov GV, ambiente digital de referência neste estudo. A proposta do presente estudo interroga como se dá a inter-relação entre os usos e apropriações de um meio tecnológico, especificamente através da rede social Facebook, pensados como processo comunicacional, em suas nuances cul-

turais, processos históricos, políticos e tecnológicos; na perspectiva da cidadania comunicativa por sujeitos comunicantes surdos.

2. METODOLOGIA

Os caminhos trilhados foram norteados pelo desafio de investigar os usos e apropriações que sujeitos comunicantes surdos, membros da Associação de Surdos de Governador Valadares/MG – Asugov, realizam no Facebook, a partir da página dessa associação, na perspectiva de constituição de cidadania comunicativa. Problemática que trouxe ao nosso encontro a estratégia transmetodológica. A transmetodologia procura ir além da tendência de se pensarem epistemologicamente as problemáticas da pesquisa, sob as perspectivas hegemônicas europeias e norte-americanas, e marca a necessidade de reconfiguração teórico-metodológica em Comunicação para dar conta das realidades socioculturais existentes (MALDONADO, 2013). Sob o olhar de Maldonado, podemos entender a transmetodologia como:

Uma vertente epistemológica que afirma a necessidade de confluência e confrontações entre vários métodos, realizando processos de atravessamentos lógicos, desconstrução estrutural, reconstruções estratégicas, problematizações redefinidas, em cada empreendimento/projeto de investigação iniciado. Nutre-se de conhecimentos transdisciplinares, na dimensão teórica, e promove estratégias de exploração, experimentação e reformulação metodológicas (MALDONADO, 2013, p. 31).

1-Plataforma: ambiente preexistente. Software projetado para ser executado internamente.

3. DESENVOLVIMENTO

Devido à cultura global emergente, as redes se tornaram um dos principais focos de atenção da sociedade em geral; e, com as TICs, essas se tornam um dos fenômenos sociais mais notáveis da nossa era. Castells observa que em toda sociedade, “construir redes” emergiu como uma nova forma de organização das atividades humanas, cunhando o termo “sociedade em redes” para descrever e analisar essa nova estrutura social (CASTELLS, 2005). Nesse sentido, os autores Duarte, Quant e Souza nos dialogam nessa grande sacada:

Em ciência, o foco nas redes começou nos anos de 1920, quando ecologistas viram os ecossistemas como comunidades de organismos ligados em forma de rede através de relações de alimentação e usaram o conceito de cadeias alimentares para descrever essas comunidades ecológicas. Como o conceito de rede tornou-se cada vez mais proeminente em ecologia, pensadores sistêmicos começaram a usar modelos de redes em todos os níveis dos sistemas, vendo organismos como redes de células, e células como redes de moléculas, assim como ecossistemas são entendidos como redes de organismos individuais (DUARTE; QUANT; SOUZA, 2008, p.18).

A comunicação nos ambientes digitais do Facebook vem sendo, também, uma estrutura organizativa para atividades relacionadas ao ser cidadão. Desta forma, a interação entre sujeitos comunicantes vem sendo alvo de interesses nos diversos campos de investigação, pois o uso dessas tecnologias e suas processualidades, foi e continua sendo, capaz de transformar os participantes nestes

processos. Durante a maior parte da história humana, essas interações foram “face a face”. Na esteira do advento de tecnologias massivas, essas interações comunicacionais não mais se baseiam de forma exclusiva na copresença física dos sujeitos, e sim em um mundo, em movimento, suscetível de ser modificado (MATTELART, 1994). A heterogeneização dessas interações abarca situações comunicacionais as quais, até um tempo atrás, seriam ‘improváveis’ de se imaginar e de se concretizar. Manuel Castells, neste sentido, compartilha:

Comunicação é o compartilhamento de significado por meio de troca de informação. O processo é definido pela tecnologia da comunicação, pelas características dos emissores e receptores da informação, por seus códigos culturais de referência e protocolos de comunicação e pela abrangência do processo significativo. O significado só pode ser compreendido no contexto de relações sociais em que a informação e a comunicação são processadas (CASTELLS, 2015, p.101).

Indico sob este prisma comunicações existentes entre pessoas surdas (e, ou ouvintes²), na rede Facebook Asugov GV. Nesta inquietação ao nosso pensamento se afiguraram diversas questões: o facebook contribui para a interlocução dos participantes, podendo favorecer o rompimento de algumas barreiras tradicionais, como, por exemplo, a de uma transmissão verbal, física entre dois interlocutores, ouvintes e/ou surdos? Entre bilíngues e/ou não bilíngues? A utilização destas plataformas aumentaria a perspectiva inclusiva, ultrapassando o

2-Apesar de os ouvintes não comporem os sujeitos de interesse do estudo, a questão posta pela comunicação na surdez não se limita à interação entre surdos, envolvendo também, de modo relevante, as interações entre surdos e ouvintes.

desconhecimento da cultura surda? Favoreceria a troca de saberes e de práticas entre os sujeitos comunicantes? Fortaleceria esta minoria “Comunicantes Surdos” através da “união dos meus”? Criaria uma identidade compartilhada? Romperia com barreiras da comunicação entre ouvintes e/ou não ouvintes? Criaria redes de suporte e interação que seriam mais fáceis (ou mais difíceis) de ocorrer à distância?

Era instigante pensar admitindo uma comunicação tranquila entre surdos e ouvintes intermediada por um meio digital. As interações sociais elucubradas nesta vasta rede de ambientes virtuais, sem contato físico, ambiente criado no ciberespaço construindo relações sociais sob seus diversos aspectos, disputas por cidadania nos contextos midiáticos, perpassadas por apropriações e usos dos meios, corporificava-se nas instigações. Destarte, as pessoas neste ambiente virtual desenvolvem o que podemos chamar, de forma incipiente, um sistema multicultural de comunicação. A essa possibilidade de desenvolvimento, Claudio nos diz que “O multiculturalismo tem o valor da diversidade humana e social, que atravessa as comunidades e nos possibilita construir uma reflexão ampliada sobre a perspectiva do cidadão surdo comunicante”. (CLAUDIO, 2016, p.26).

O multiculturalismo tem como fundamento o questionamento das verdades únicas e absolutas, buscando comba-

ter, sob todos os vieses, a desigualdade. Nesse sentido aponto a exemplificar os movimentos de resistência e de afirmação de Culturas Surdas, representadas no Brasil pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) (FENEIS, 2019).

3.1 OS VELHOS E OS NOVOS CÓDIGOS CONSTRUTORES DA REPRESENTAÇÃO SOBRE A SURDEZ: CAMINHARES HISTÓRICOS DOS SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS.

Pode-se afirmar que os relatos orais e escritos comunicados através dos tempos culturais sobre histórias de corpos perfeitos, ouvintes ou não, retornados pós-guerra e eternizados na imagem corporal em consideração de glórias e honras (heróis de guerra) tenham sido adubo para os movimentos humanismo e racionalismo. Estes, que foram as bases da ciência moderna, possibilitaram o entendimento acerca dos sujeitos surdos, não mais seres castigados pelos deuses ou pelo pecado cristão³ e sim para a percepção de sujeitos com direitos à socialização, à educação, à integral dignidade humana. Ao retroagir nossos olhares para o passado com relação ao Ser Comunicante Surdo, necessário se faz compreender que a história desses percorreu pioneiramente os caminhos educacionais. Nesse sentido consideramos os debates entre o abade francês Charles Michel de L’Epee (1721-1789), defensor do método combinado com a utili-

3-Sobre este assunto apontamos as memórias dos seguintes autores como relevantes e consubstanciadoras dos escritos: Gilissen, 1995; Altavila, 1989; Maciel, 2013; Reis, 1992; Strobel, 2018; Sacks, 2015; Goldfeld, 2002; Skliar, 2016; Luz, 2013, entre outros.

zação de sinais (linguagem mímica, mímica, comunicação gestual, linguagem sinalizada), e o pastor alemão Samuel Heinicke (1721-1790), defensor do método de desenvolvimento da linguagem oral, como as raízes da história educacional dos sujeitos comunicantes surdos, rizoma tensionado pelos momentos históricos da Reforma (defesa do acesso direto aos textos religiosos demandando habilidades de leitura e escrita) e da Contrarreforma (ideário da escola alemã, que defendia o domínio da linguagem oral) (ROCHA, 2009).

Nas chamadas "terras brasilis", o Colégio Nacional Brasileiro para Surdos-Mudos foi criado em meados do século XIX, por iniciativa do surdo francês E. Huet. Em junho de 1855, Huet apresentou ao Imperador D. Pedro II um relatório cujo conteúdo revelava a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil e também informava da sua experiência anterior como diretor de uma instituição para surdos na França, o Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges. O governo imperial apoiou a iniciativa de Huet e indicou o Marquês de Abrantes para presidir uma comissão diretora com a finalidade de acompanhar de perto o processo de criação e o cotidiano administrativo da primeira escola para surdos no Brasil (ROCHA, 2009).

Assim, o caminho histórico deste grupo populacional verticalizou-se na educação escolar para crianças surdas, nas primeiras décadas do Século XIX, o que

fez repercutir nos primeiros momentos de organização do estado Imperial os ideários iluministas. Pode-se apontar esse enraizamento nas elites brasileiras, através do diálogo ofertado nos escritos de Solange Rocha: "[...] Igualdade – Os mudos podem falar: são, decerto, iguais a nós; Liberdade – aos surdos não falta à voz; Fraternidade – lidemos, a todo o instante, pelo surdo brasileiro!" (ROCHA, 2009, p. 76).

Em 1880 realizou-se um congresso em Milão, com a presença de inúmeros profissionais ligados aos Institutos especializados, onde por ato diretivo estabeleceu-se que a utilização dos sinais no processo educacional dos surdos deveria ser suprimida, indicando o método oral (palavra articulada, oralização, fala, linguagem articulada, entre outras) como o mais adequado. Vitorioso este método, contando com cento e sessenta votos a favor de sua utilização e apenas quatro contra. Sua metodologia enraizou-se no cenário político e educacional por mais de um século. Entre as discordâncias existentes - método combinado, oral, mímica - os pareceres apresentados neste congresso refletiam uma mudança na mentalidade quanto à educação das pessoas surdas (segunda metade do Século XIX). A ideia da caridade era substituída pela de se formarem cidadãos úteis, capazes de exercer seus direitos e deveres, converter pessoas inúteis em trabalhadores (INES, 2007).

Interessante registrar que três déca-

das após o Congresso de Milão, o Código Civil Brasileiro de 1916 (Lei Nº 3.071 de 01/01/1916), que vigeu até idos de 2002, preceituava sob a égide titular Das Pessoas (Pessoas Naturais), em seu artigo quinto, inciso terceiro, sendo absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil: os surdos-mudos, **que não puderem exprimir a sua vontade (grifo nosso)** (BRASIL, 1916), reclamando desta forma legislações a regulamentar tais dizeres. Com os dizeres “[...] que não puderem exprimir a sua vontade”, pensamos que o sistema legal brasileiro começou a indicar, ao nosso entendimento, um mar de possibilidades. Possibilidades que imbricam para com a questão da aplicabilidade daqueles dizeres; pois mister se faz considerar que a vigência daquele código ocorreu em um século de profundas transformações políticas, culturais, sociais e econômicas.

3.2 ESTRADA A PERCORRER: REDES SOCIAIS E SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS

De forma construtiva, pensamos que a caminhada histórica revolucionária dos sujeitos comunicantes surdos apresenta, em uma constante, dois elementos importantes de se apontar: de um lado a superação ao advento da desconsideração como humanos capazes que os são. De outro, a teorização e exposição do eu como sou, com suas diferenças consubstanciadoras das alteridades. Para uma breve análise, propomos percorrer a constru-

ção desses dois elementos: I- superação da desconsideração e II- exposição das diferenças consubstanciadoras das alteridades, a partir dos basilares pilares iluministas da revolução Francesa (1789): Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Das desconsiderações erigidas ao longo dos tempos ao agravo da igualdade para com o humano diferente; do acentuar das diferenças sociais em torno da liberdade através do pensamento liberal/capitalismo, me ponho a fiar meu olhar para com a fraternidade. Esse é um pilar que ainda reclama mais capital de desenvolvimento sociocultural, pois deixa transparecer que ainda não goza de boa reputação no campo das ideias. Aos dizeres da autora Rocha (2009), o que por certo nos faz começar a dialogar com as questões fraternas: “[...] é uma espécie de filha bastarda do Iluminismo, girando em torno do pensamento religioso e atualmente das redes sociais” (ROCHA, 2009, p. 123). Nesse diapasão, no território virtual das redes sociais, especificamente na Rede Social Facebook Asugov GV, pretende-se visualizar fraternidade nas relações estabelecidas entre os comunicantes na rede⁴, que não mais se enquadram em uma perspectiva meramente individualista, mas na solidariedade horizontal, no interagir entre pessoas (fatos considerados bons ou não), os quais se ligam por um vínculo de subsidiariedade entre os mesmos. A este encontro, existe a defesa da ideia de que o grande desa-

4-A afirmativa condiciona-se à pesquisa empírica, de doutoramento, em realização (CAAE 22539819.7.0000.5344, Parecer CEP/Unisinos 3.637.504).

fio dos Direitos Humanos, no século XXI, no mundo globalizado e virtual, é desvincular o sentido de fraternidade dos laços de sangue para laços mais amplos e tendencialmente universais, em um reconhecimento efetivo das alteridades, das diversidades e da reciprocidade. É a própria Declaração Universal dos Direitos Humanos⁵ de 1948 que diz, em seu artigo I, “que todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”.

3.3 CIDADANIA COMUNICATIVA ARTICULADA ÀS APROPRIAÇÕES DAS MÍDIAS DIGITAIS

Hodiernamente, a noção de cidadania vem sendo (re)construída, ao alcance “dos tempos”, das lutas por reconhecimentos, tendo como mola propulsora os processos de mudanças sociais aos quais o homem se submete e registra em sua história. Uma destas formas de registro se faz na acessibilidade aos usos mediados por um computador, ao direito de comunicação, como sendo condição para o exercício da cidadania. Ruscheinsky, ao abordar metamorfoses da cidadania, nos ensina:

O elemento cidadania permite que a identidade social seja abordada a partir de uma vontade de fazer a história, embora sempre em condições dadas. Se existe manipulação e condicionamentos de um lado, de outro, as relações de poder passam pela ação humana, pela negociação e pelo reconhecimento das diferenças (RUSCHEINSKY, 2000, p. 73).

A autora Maria Cristina da Mata propõe que a noção de cidadania comunicativa pode ser compreendida como “[...] o reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e demanda no terreno da comunicação [...], bem como ao exercício desse direito” (MATA, 2006, p. 13), trazendo-nos elementos para pensar certas dimensões de cidadania. Ao nos direcionarmos às lógicas midiáticas, parece-nos que se abrem espaços inéditos para a busca do reconhecimento, de ser sujeito de direitos, para o exercício de direitos e para o empoderamento dos sujeitos. Bonin e Saggin (2016) se alinham a este pensamento em perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa, partindo do entendimento das relações sujeitos/mídias “[...] precisam ser situadas no âmbito do processo de midiaticização, considerando que a expansão sistêmica das mídias levou à sua penetração, nos diversos campos e nas esferas sociais e à reconfiguração de suas lógicas” (p. 100).

Colaborando nessa linha de pensamento, Fausto Neto (2006) aponta para o entendimento de que os usos e apropriações das tecnologias postas em circulação encontram-se diretamente ligados aos objetivos e características próprias de cada sociedade, pois, essa designa e direciona as possibilidades de uso das tecnologias a partir das incompletudes existentes na própria sociedade. Desta forma o uso social, em suas

apropriações sociais, ganha motivação e destino, racionalidades, lógicas de funcionamento (FAUSTO NETO, 2006).

No construto deste estudo, cidadania comunicativa implica reconhecer que o direito a comunicar não pertence ao meio massivo de comunicação, mas a todos os sujeitos sociais, pois estes exercem a comunicação. Pensamos também que é o exercício de um direito difuso (refere-se aos direitos indivisíveis; àqueles em que não é possível identificar o destinatário desse direito, implicando na satisfação de todos). Vale a pena repisar que o simples uso das mídias não é sinônimo de cidadania comunicativa. Utilizar as mídias a partir de uma assimilação acrítica das lógicas midiáticas não significa exercer a cidadania comunicativa. Certamente estar no espaço midiático e anuir ao discurso excludente e tipificador dos grandes meios não vão contribuir para a construção da cidadania comunicativa. Contribuir é, entre outros aspectos, buscar a visibilidade pública desses sujeitos sociais valendo-se das lógicas midiáticas. E, nesta busca de visibilidade pública, apropriar-se de mídias digitais, galgar direitos, empoderar-se, nos leva a fomentar aos pensamentos em como a cidadania exterioriza-se nas apropriações que os sujeitos comunicantes surdos realizam no ambiente digital.

3.4 ASUGOV E SUA PÁGINA NO FACEBOOK

A história da Associação dos Surdos de Governador Valadares/MG (Asugov)

começa no ano de 1963. Um grupo de pais valadarenses resolveu criar uma escola nominada CEUS (Centro Educacional União e Serviço) com olhar específico para pessoas surdas. Esta escola existiu apenas por dois anos. Por motivos diversos, entre esses falta de estruturas físicas e de pessoal, a escola com seus alunos passou para os cuidados pedagógicos da APAE⁶. Nessa instituição, os surdos de Governador Valadares conviveram por 25 anos com a metodologia educacional de promoção à atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla - contexto educacional diverso ao contexto educacional necessário ao desenvolvimento integral da pessoa pertencente à Cultura Surda.

A refundação da Asugov aconteceu no dia vinte e dois (22) de julho de 1990. A Asugov é uma organização que promove o empreendedorismo social. Propõe-se a responder à questão recorrente sobre o que cada um pode fazer para contribuir em processos de transformação social e para o desenvolvimento sustentável dos surdos. É uma Instituição sem fins lucrativos, de apoio sociocultural e educacional aos surdos e seus familiares.

O Facebook da Asugov, perfil, foi criado em 29 de junho de 2018. Possui aproximadamente 3500 amigos (sujeitos comunicantes surdos e ouvintes), conforme dados disponíveis na capa desta rede. Essa mídia social disponibiliza a seus associados algumas funcionalidades de uso, tais como fazer publicações,

6-APAE – Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais.

curtir páginas, participar de grupos, envio e troca de mensagens, compartilhamentos, comentários, publicar reações em páginas de amigos, usar aplicativos disponíveis na própria rede Facebook, entre outros. Registramos a recorrência do uso de apenas dois recursos no Facebook Asugov GV: Mural e Status. Ao recurso nominado mural, definimos em sendo espaço no perfil Asugov GV o qual permite que os amigos postem mensagens e que esteja visível para qualquer pessoa ver. Ao recurso nominado Status, definimos em sendo o poder de informação do usuário aos amigos, através de postagens de fotos, vídeos, comentários, etc., correspondendo assim a coisas do interesse do usuário no Feed de notícias desse perfil (PEIXOTO, 2018).

3.5 OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NO FACEBOOK ASUGOV GV

As produções relativas à linguagem no status deste perfil, postadas pelos usuários, via de regra, foram por emojis⁷. O uso de emojis como forma de interação comunicacional no espaço digital Facebook Asugov GV, em contrapartida aos quase que inexistentes comentários e compartilhamentos, suscitaram-nos um olhar inquieto sob a perspectiva de realmente ser um meio comunicacional eficiente, a aproximar os sujeitos comunicantes. O registro quantitativo do uso destas imagens nas manifestações postadas no Facebook Asugov GV nos direcionou a analisá-las e compreendê-las

sob a perspectiva de ser um conteúdo imagético que permite a inferência de comunicações relativas às condições de produção/recepção da mensagem, através daquelas imagens, apontando para apropriações comunicacionais dos sujeitos. Aos pertencentes à Cultura Surda, infere-se que o uso deste recurso se dá por uma melhor afinidade e proximidade das Libras (visualidade), e a emissão através da imagem do emoji, como representativo do significado de uma palavra ou frase inteira. Esta ocorrência não está a dizer que haja uma desconexão entre escrita e oralidade, mas sim conexão entre a escrita e a externização comunicacional de um pensamento aos pertencentes da Cultura Surda, pelo fato de a surdez intimamente correlacionar-se com o aspecto visual da escrita como uma alternativa semiótica e que por vezes é “subestimada no seu valor semiótico e na sua função como instrumento mediador de aprendizagem” (REILY, 2003, p. 164).

De sobremaneira, naquelas postagens observadas, registramos um uso considerável de emojis correspondentes à denominação “curtir”; à imagem do coração “love”; à expressão facial “uau”. Sobre estes, pode-se afirmar, que lexicalmente, “curtir”, “amar”, “uau” são palavras / expressões indicativas de um ato, de vontade, individual, via de regra, das afeições em geral, correlacionadas pressupostamente, como táticas de negociação de identidades manifestadas por meio das opiniões postadas (ROSA;

7-No estilo comunicacional semiótico, Emoji é palavra de origem japonesa, composta pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra), considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. Devido às constantes modificações e progresso nos emojis e simbologias as quais representam bem como a possibilidade ampla de comunicação/ transmissão através de uma imagem, a ideia de uma palavra ou frase inteira, os cidadãos pertencentes à Cultura Surda, via de regra, utilizam os emojis nas postagens nas redes sociais às quais possam pertencer como condição bilingue – bicultural (PORTAL DO SURDO, 2010).

SANTOS, 2013). A atenção com a comunicabilidade dessas palavras é que estão nucleadas no sentido de concordar, aprovando o conteúdo significativo através da postagem. Após essas observações, começamos uma construção do processo de geração de dados dos processos comunicacionais construídos nas postagens no perfil Asugov GV. O caminho percorrido para a geração de dados da pesquisa foi dinamizado em dois corpora: Corpus Social e o Corpus Discursivo. O Corpus Social da pesquisa foi pensado como conjunto finito de enunciados representativos de uma determinada estrutura, sendo o ator social observável, o perfil existente na rede social Facebook, perfil Asugov GV. O Corpus Discursivo foi pensado como conjunto de palavras, texto, imagens transformadas em discurso para significar eventos diferentes para a realização da interpretação derivada e ancorada aos eixos temáticos das publicações.

A Rede Social Facebook e, especificamente, o perfil Asugov GV são ambientes complexos. Nossa análise busca compreender, analisando as trajetórias comunicacionais dos sujeitos comunicantes surdos e suas apropriações do ambiente digital Facebook Asugov GV, verificando como a luta pelo reconhecimento realizada pelo perfil e associados lança mão de estratégias discursivas. Para tanto, necessário se fez compreender as postagens não como uma mera descrição de elementos técnicos, simples descrição de

dados, e sim como Recuero (2009) nos ensina, com uma visão agregada à funcionalidade da Rede:

[...] através de perfis e comunidades. Em cada perfil é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.). O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de Redes Sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros (RECUERO, 2009, p. 169).

4- REFLEXÕES TRANSITÓRIAS

Os escritos apresentados encontram-se entrelaçados à trajetória de uma tese de doutoramento, em construção, marcada por desafios que dialogam transdisciplinarmente com questões teóricas do campo comunicacional. O presente estudo, ao interrogar como se dá a inter-relação entre os usos e apropriações de um meio tecnológico - especificamente através da rede social Facebook - pensados como processo comunicacional, em suas nuances culturais, processos históricos, políticos e tecnológicos, na perspectiva da cidadania comunicativa por sujeitos comunicantes surdos, almeja compreender cidadania verticalizada no direito de comunicar. Cidadania cujo caminhar histórico atrela-se em primeiro momento aos velhos e novos códigos construtores da representação sobre a surdez. Contudo, ultrapassa e caminha a erigir-se nas mídias digitais, em suas práticas relacionais sociais estabelecidas no espaço virtual. Novos tempos, civilidades, novos cidadãos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 3.071, de 1º De Janeiro de 1916. **Código Civil dos Estados Unidos do Brasil**, 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm Acesso em 06 ago. 2019.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a **Língua Brasileira de Sinais - Libras**. 2005.

BRASIL. **Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000** - Art. 18. Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em: 06 ago. 2021.

BONIN, J. A; SAGGIN, L. Reflexões teóricas para pensar as relações entre mídias, identidades culturais, movimentos sociais e cidadania. **Lumina – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**. Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF - v.10, n.1, abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina>. Acesso em 24 abr. 2019.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede: Do conhecimento à ação política**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. CASTELLS M. **O Poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra. 2015.

CLÁUDIO, J. P. **A cultura dos sujeitos comunicantes surdos**: construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no facebook. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, 2016. 139 p. Orientação: Prof. Dr. Alberto efendy Maldonado Gómez de la Torre. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6044/Jana%20ADna+Pereira+Claudio.pdf?sequencia=1> Acesso em: out. de 2018.

CORTINA, A. **Cidadãos do mundo para uma teoria da cidadania**. São paulo: Edições Loyola, 2005.

DUARTE, F.; QUANT, Carlos; SOUZA, Queila. **O Tempo das Redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008. ISBN 978-85-273-08II-3. 259 páginas.

FAUSTO NETO, A. Miatização, prática social – prática de sentido. In: PROSUL, Encontro da Rede. **Comunicação, Sociedade e Sentido**. São Leopoldo: Unisinos, 2005/2006. pdf. Acesso em: 02 set. 2019. http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf. Acesso em: 02 set. 2019.

FENEIS. **Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Federa%C3%A7%C3%A3o_Nacional_de_Educa%C3%A7%C3%A3o_e_Integra%C3%A7%C3%A3o_dos_Surdos. Acesso em 02 de setembro de 2019.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=312770&search=minas-gerais|governador-valadares>. Acesso em: 12 fev. 2019.

INES. **O INES e a educação dos surdos no Brasil**: Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de educação dos Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: INES, 2007 V. 01.

LOPES, A. M. D. Multiculturalismo, minorias e ações afirmativas: promovendo a participação política das mulheres. **Revista Pensar**, vol. 11, pp. 54-59, Fortaleza, fevereiro de 2006.

MALDONADO, A. E. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino- americana de transformação civilizadora. In: BONIN, J. A. ; ROSÁRIO, N.M. (Orgs.) **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em Comunicação. Florianópolis: Insular, 2013.

MATA, M. C. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras**: estudos midiáticos, São Leopoldo: Unisinos, v.8, n. 1, p. 5-15, jan/abr. 2006.

MATTELART, A. **A Invenção da Comunicação**. Tradução: Maria Carvalho. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. ISBN – 972-8245-99-8 PEIXOTO, S. G. D. **As bibliotecas e as mídias sociais**: o uso do Facebook pelas bibliotecas das Universidades Federais Brasileiras. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Universidade Federal

de Goiás, 2018. Orientadora: Profª. Drª. Andréa Pereira dos Santos. Goiânia-GO 2018. 299 p. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8829#:~:text=TEDE%3A%20As%20bibliotecas%20e%20as,bibliotecas%20das%20universidades%20federais%20brasileiras&text=Resumo%3A,pr%C3%A1ticas%20e%20tamb%C3%A9m%20novas%20exig%C3%Aancias>. Acesso em: maio 2020.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.


REILY, L. H. As Imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z.M. (Orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem**: desafios e realidades. São Paulo: Plexus editora, 2003.

ROCHA, S. M. **Antíteses, Díades, Dicotomias no Jogo entre Memória e Apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos**: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961) - Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO. Orientadora: Drª Ana Waleska Pollo Campos Mendonça - <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.13970>; 2009.

ROSA, G. A. M. ; SANTOS, B. R. **FACEBOOK (E as nossas identidades virtuais)**. Brasília: Thesaurus, 2013. ISBN: 978-85-409-0161-2. 200p.

RUSCHEINSKY, A. **Metamorfoses da Cidadania. Sujeitos Sociais, Cultura política e Institucionalidades**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2000. 284 p. ISBN 85-7431-041-X

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão (Análise psicossocial e ética da desigualdade social)**. Editora Vozes. 2001. ISBN 85.326.2261-5. 156p.



MÍDIAS SOCIAIS: ANÁLISE DO CERTAME DIÁRIO COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

*SOCIAL MEDIA: ANALYSIS
OF THE DAILY DEBATE
AS A POSSIBILITY FOR
THE LEARNING OF THE
PORTUGUESE LANGUAGE*

CRISTIAINE SILVA RIBEIRO
LUDMILA VEIGA FARIA FRANCO

RESUMO

Os avanços da tecnologia têm mudado constantemente a nossa vida, influenciando cada vez mais positivamente as relações sociais. Hoje, quase todas as pessoas estão nas redes sociais e gradativamente os laços se tornam virtuais. Para fazer parte dessa estação, a pessoa surda também utiliza esse meio para comunicação em vídeo e em Língua Portuguesa. Este estudo visa analisar a produção escrita do surdo nas mídias sociais, com o objetivo de elaboração de estratégias de aprendizagem da Língua Portuguesa. A pesquisa é do tipo qualitativo com característica descritiva. Para essa coleta foram selecionadas mensagens de *whatsapp*, *facebook* e *Instagram* de surdos que voluntariamente contribuíram com esse trabalho. O procedimento da pesquisa se deu pela análise das mensagens coletadas e momentos de ensino das mesmas com estratégias e possibilidades de metodologia de ensino de segunda língua. O resultado sinalizou que as mídias sociais são recursos que despertam o prazer e de forma não padrão possibilita o aprendizado da Língua Portuguesa pelos surdos. E ainda que nos surdos que têm aquisição de primeira língua, no caso a Libras, esse processo de aprendizagem de segunda língua se torna mais leve, cooperando para minimização das dificuldades de aprendizagem escolar. Os sujeitos que participaram do encontro puderam perceber as possibilidades que há na escrita da Língua Portuguesa e aprenderam construção frasal de forma prazerosa. Portanto, os usos das redes sociais podem ser um mecanismo de aprendizagem de uma segunda língua e um meio estratégico adotado pelos docentes.

Palavras-chave: Redes Sociais. Língua Portuguesa (L2). Estratégia de aprendizagem.

ABSTRACT

Advances in technology have constantly changed our lives, influencing social relations more and more in a positive way. Today, almost all people are on social networks and gradually the bonds become virtual. To be part of it the deaf also use these means for video and Portuguese Language communication. Aiming to analyze the written production of the deaf in the social media with the objective of elaborating strategies of learning the Portuguese Language. The research is of qualitative type with descriptive characteristic. For this study we selected whatsapp, facebook and Instagram messages that deaf people voluntarily contributed with. The research procedure was based on the analysis of the collected messages and teaching moments of those messages with strategies and possibilities of teaching methodology of a second language. The result showed that social media are resources that arouse pleasure and, in a non-standard way, allow the learning of the Portuguese Language by the deaf. And that in the case of the deaf who have acquired a first language, namely Libras, this process of learning a second language becomes lighter, cooperating to minimize the difficulties of school learning. The subjects who participated in the meeting were able to perceive the possibilities that exist in the writing of the Portuguese Language and learned phrasal construction in a pleasing way. Therefore, the use of social networks can be a mechanism for learning a second language and a strategic means adopted by teachers.

Key-words: Social Networks. Portuguese Language (L2). Learning strategy.

CRISTIAINE SILVA RIBEIRO

Especialista em Educação Especial pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP) e Licenciada em Pedagogia pela mesma universidade.

LUDMILA VEIGA FARIA FRANCO

Doutoranda em Ciência e Biotecnologia, Universidade Federal Fluminense/UFF; Mestra em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense/UFF; Especialista em LIBRAS pela Faculdade Integrada Jacarepaguá/FIJ; Bacharel em Direito (Universidade do Grande Rio- UNIGRANRIO); Professora de Libras na Universidade Federal Fluminense/UFF; Tradutora/ Intérprete de LIBRAS/LP, Advogada e membra da Comissão da Pessoa com Deficiência - OAB-RJ.

INTRODUÇÃO

Indubitavelmente, a educação de surdos ao longo dos anos mostrou-se das mais variadas formas, porém, ainda é vista como um desafio a esta comunidade, uma vez que seus atores, alunos surdos, ainda não se apresentam como protagonistas nesse processo de ensino-aprendizagem, sendo desta forma adaptados/ incluídos a uma cultura ouvিনista nos espaços escolares. Observam-se na história de educação de surdos, marcas e conflitos que permeiam o reconhecimento e a negação da Língua de Sinais assim como de sua cultura, utilizando-se de sujeições e colonialismos demandados como forma de controlar as diferenças (SKLIAR, 1997).

Como marco histórico de lutas, a lei nº 10.436/2002 foi aprovada trazendo consigo o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais- Libras, como língua oficial, sendo ela meio legal de comunicação e também expressão das pessoas surdas. Consequentemente, no ano de 2005, foi aprovado o Decreto lei 5.626 trazendo consigo a regulamentação de inúmeras prerrogativas às pessoas surdas quanto aos seus direitos, dentre eles a educação bilíngue e o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos. Santana (2007) afirma que o reconhecimento da língua impactou não só os aspectos linguísticos, mas também sociais, transformando padrões, inclusive de normalidade, uma vez que, a falta de língua caracteriza anormalidade, sendo assim visto como diferente, seja na comunidade, identidade e cultura.

Embora a Língua de Sinais seja reconhecida como forma de expressão e comunicação, estigmas e preconceitos ainda são correntes nessa comunidade, e isso se deve ao desconhecimento e mitos que permeiam em torno da Língua e da Comunidade Surda. Ademais, o reconhecimento da Língua Portuguesa como segunda língua pressupõe uso de estratégias e metodologias visuais que alcancem os objetivos propostos e respeitem a Cultura Visual do Surdo, que são desrespeitadas quando não considerados em suas especificidades e língua.

Consequentemente, o desrespeito às especificidades das pessoas surdas fez/ faz com que ainda exista uma forte oposição desses quanto à aprendizagem da Língua Portuguesa, reflexo de marcos históricos de uma educação em que foi imposto a aprendizagem unicamente da Língua Portuguesa em detrimento da Língua de Sinais. A autora Fernandes (2015) declara que os surdos apresentam defesa na aprendizagem da Língua Portuguesa, pois esta foi apresentada como oficial, melhor e em superioridade à Língua Brasileira de Sinais.

Logo, tornar agradável o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos e de forma significativa não é uma tarefa fácil para os professores da atualidade. Porém, felizmente, podemos contar com inúmeras tecnologias que favorecem e despertam o interesse dos alunos pela escrita; dentre essas, destacamos a internet, que por meio de suas inúmeras ferramentas possibilita a seus usuários acesso às mais variadas informações.

Com a finalidade de atentar às dificuldades encontradas no ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdos, o presente trabalho buscou utilizar as mídias sociais, conhecidas como softwares de colaboração social, para despertar e incentivar a aprendizagem e uso da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita pelas pessoas surdas, analisando suas próprias criações e interações, refletindo a cibercultura em seus espaços de consumo e produção de informações.

1. MÍDIAS SOCIAIS E A CIBERCULTURA

Vivemos um novo tempo tecnológico, e hoje, graças à cibercultura, não somos apenas os meros consumidores de informação, mas agora passamos a também reproduzir conhecimentos, “cada vez mais as pessoas estão produzindo vídeos, fotos, música, blogs, fóruns, comunidades e desenvolvendo *softwares* livres...” (SANTOS, 2012, p. 163), utilizamos nossos saberes e práticas e emitimos opiniões, nossos valores, nossa intimidade e saberes na internet.

Ademais, o novo tempo tecnológico tem mudado a vida de muitas pessoas oportunizando aprendizagem e facilitando a comunicação entre elas. Dessa forma a educação não pode andar distante desta realidade, mas sim utilizar-se dessas estratégias para transformação de suas práticas pedagógicas, pois “essas tecnologias estão transformando as maneiras de ensinar e aprender, oferecendo maior versatilidade, interatividade

e flexibilidade de tempo e de espaço no processo educacional.” (SILVA; COGO, 2007, p.3).

Hoje são encontrados disponíveis gratuitamente dispositivos tecnológicos que podem ser importantes recursos aliados à educação das pessoas surdas. É de extrema relevância o professor ser perceptível às mudanças sociais; “é absolutamente necessário analisar as práticas que realmente buscam aproveitar as potencialidades das tecnologias e reconfigurar as situações pedagógicas de ensino e de aprendizagem” (ALVES; ARAÚJO, 2013, p.3).

Na era da internet, facilmente temos o acesso ao whatsapp, instagram e facebook, que podem ser utilizados de maneira criativa e atrativa ao profissional. De acordo com Caritá, Padovan e Sanches (2011, p. 8):

Com a evolução da tecnologia, a Internet já está acessível em dispositivos de bolso, o que aumenta a rapidez da informação. Assim, consequentemente, com maior velocidade de transmissão de dados, maior é o volume de informações nas redes sociais. Todavia, é preciso educar os usuários, para que possam filtrar o conteúdo das informações recebidas, visando ao uso das redes sociais de forma ética e responsável. (CARITÁ; PADOVAN; SANCHES, 2011, p. 8)

As redes sociais, também conhecidas como softwares de colaboração social, são aplicações que suportam um espaço comum de interesses, necessidades e metas comuns para a colaboração, a partilha de conhecimento, a interação e a comunicação (PETTENATI et al., 2006; BRANDT-ZAEG et al., 2007).

Desta forma, esses softwares de colaboração social são utilizados como ferramentas, suportes e material didático pelo professor; sendo, portanto, um importante recurso e estratégia de ensino, aliada na comunicação entre os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, objetivando assim um desenvolvimento e despertar desse alunado, especificamente o aluno surdo, para a aprendizagem da Língua Portuguesa, L2 na modalidade escrita.

2. ESTUDOS CULTURAIS E LINGUÍSTICOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Os Estudos Culturais e linguísticos contribuem para o entendimento da história da educação de surdos e as manifestações presentes em defesa de uma Cultura Surda formada por grupos de pessoas distintas que utilizam instrumentos e saberes em alegação de seus modos de verem o mundo e interagirem no/sobre o mundo, rejeitando qualquer manifesto ou intento de repúdio, ansiando por igualdade de direitos e liberdade de ser surdo, ou seja, uma educação em que as pessoas surdas e ouvintes pudessem ter seus conhecimentos valorizados e suas necessidades supridas (NOGUEIRA, 2007).

Por um longo período, a cultura e o conhecimento literário possuíam padrões estéticos elitizados e eram de domínio exclusivo dos sábios, mas gradativamente isso começa a mudar e

passam a incorporar o olhar do povo, das minorias, como a cultura da massa, a cultura indígena, a Cultura Surda entre outras, mostrando a particularidade de cada grupo.

Desse modo, esses estudos contribuem para compreensão dos processos e relações culturais, o poder dos grupos sociais e o locus que a língua possui nessa luta; no caso a Língua de Sinais como fator da Cultura e Identidade Surdas (BERNARDINO, 2000).

Cultura consiste em tudo aquilo que uma pessoa precisa saber ou acreditar de modo a operar de uma maneira aceitável em relação aos outros membros. (...) É a forma que as coisas tomam na mente das pessoas, seus modelos para apreender, relacionar e interpretá-las (GOODENOUGH, apud NOGUEIRA 2007, p.47).

Tomando o conceito de Cultura interpretada pelo antropólogo Goode-nough (apud NOGUEIRA, 2007, p.47), podemos dizer a respeito da Cultura Surda, que ela consiste no modo como o surdo opera nas relações, tornando os seus moldes aceitáveis.

A luta pela aceitação da Cultura Surda e da Língua de Sinais marca a história, desde a antiguidade clássica em que a língua oral era vista como uma natureza educável, que a língua oral e a mente (intelecto) estão intrinsecamente ligadas, a surdez é vista como um defeito, um castigo divino. Só no final da idade média, início da idade moderna, que esse olhar muda, a partir dos trabalhos de L'Épée, era dourada

na educação de surdos. Mas, no século XIX, a Língua de Sinais foi mais uma vez repugnada e proibida na educação de surdos, época sombria da história que reflete até hoje: o temido e conhecido Congresso Internacional de Educadores de Surdos em Milão. Retoma a defesa do ser completo, a crença da aquisição de linguagem e competência cognitiva que se dá pela audição e a fala. Surge, então, a filosofia do oralismo.

Essas práticas sociais levaram a olhar o surdo como um deficiente, o improdutivo, não socializável, linguisticamente pobre, incapaz. Estes estigmas resultaram em baixa autoestima, comprometimento linguístico, social e global de muitos, levando muitos surdos ao isolamento e à anulação de seus atributos. Por isso, hoje os surdos buscam e lutam incansavelmente em defesa de sua língua, história, identidade e cultura.

Isso pode ser observado a partir da década de 60/70 com a Língua de Sinais sendo reconhecida pela Linguística como língua. Já na década de 80, a decisão do congresso de Milão é revista, e várias conquistas tomam espaço; por meio desse período, passamos para um momento de orgulho de ser surdo.

3. BILINGUISMO (L1- LIBRAS E L2 – PORTUGUÊS)

O bilinguismo é uma modalidade educacional que visa à aquisição da Língua de Sinais como a primeira língua pe-

las crianças surdas e a língua oral na modalidade escrita como a segunda língua, com metodologias específicas de aprendizado de uma segunda língua.

De acordo com o art. 22 do decreto 5.626 de 2005, cabe às instituições federais de ensino garantir a inclusão de alunos surdos por meio de escolas bilíngues para a educação infantil e anos iniciais ou escolas regulares a partir da segunda fase do ensino fundamental, com docentes regentes, “cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa” (BRASIL, 2005).

In verbis:

§ 1o São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo. (BRASIL, 2005)

Escolas estas que possuem, no caso do Brasil, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e a Língua Portuguesa, modalidade escrita, como línguas de instrução.

Porém, para que isso seja efetivado, precisamos entender que há necessidade de aquisição de linguagem pelo surdo, e isso se dá em sua língua natural, na Língua de Sinais sem instrução, simplesmente pela mera exposição à língua, contato com pares surdos falantes da mesma, para posteriormente o aprendizado da língua oral como língua secundária.

Sobre aquisição de linguagem, Qua-

dros (1997) afirma que a criança surda passa pelas mesmas etapas e fases de aquisição linguística como uma criança ouvinte; todavia, se a criança surda não é exposta à Língua de Sinais, na fase natural da aquisição da linguagem, de zero a sete anos de idade, poderá apresentar atraso de linguagem e, conseqüentemente, comprometer seu desenvolvimento cognitivo, social e educacional.

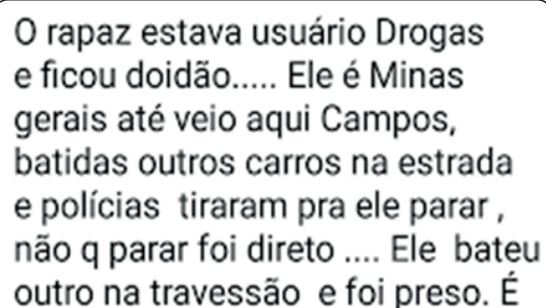
4. ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Para organização de uma educação bilíngue, primeiramente há a necessidade de reconhecer a singularidade linguística manifestada pelo surdo e sua cultura nos espaços escolares. Posteriormente compreender o papel do docente nessa esfera.

Entendendo esse papel como docente e o meio em que o surdo está inserido, realizamos a pesquisa sobre os recursos midiáticos como meio de ensino da língua portuguesa para surdos, que teve como objetivos analisar a produção escrita pelos surdos nas mídias sociais e elaborar estratégias de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua. O trabalho foi estruturado e realizado no primeiro semestre do ano de 2018.

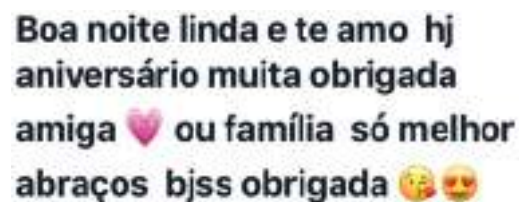
A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa com característica descritiva, por meio do uso de recursos e de técnicas para a interpretação des-

ses fenômenos e da atribuição para dar significados aos dados. Para a coleta de dados foram selecionadas algumas mensagens de *whatsapp*, *facebook* e *Instagram* de sete surdos que voluntariamente contribuíram com esse estudo. Posteriormente selecionamos as que apresentavam mais textos do que imagens e as que não possuíam nome de pessoas, como pode ser visto nas imagens 1 e 2. Em seguida foi marcado um encontro com os surdos.



O rapaz estava usuário Drogas e ficou doidão..... Ele é Minas gerais até veio aqui Campos, batidas outros carros na estrada e polícias tiraram pra ele parar , não q parar foi direto Ele bateu outro na travessão e foi preso. É

Imagem 1 - Whatsapp



Boa noite linda e te amo hj aniversário muita obrigada amiga ❤️ ou família só melhor abraços bjss obrigada 😊😄

Imagem 2 - FaceBook

Para o encontro foram elaborados cinco momentos diferentes. No primeiro momento foram dadas as boas-vindas e explicado o objetivo do encontro. Em seguida foram exibidas as imagens e feita a marcação com cores, das palavras-chave, dos verbos e do sujeito da ação, conforme a imagem 3. No terceiro tempo, os participantes foram divididos em grupos e receberam um jogo da memória con-

tendo cartas com palavras e outras com imagens correspondentes e o manual do jogo. Eles tinham que encontrar os pares “palavra-imagem”, como pode ser visto na imagem 4. No quarto momento, conversamos sobre estrutura frasal na Língua Portuguesa. Posteriormente, em grupo, foram reescritas algumas frases de acordo com as estratégias dadas no momento anterior, por meio do jogo que chamamos de construção frasal, como mostra a imagem 5. E finalizamos o encontro com espaço aberto para cada um expressar como foi.

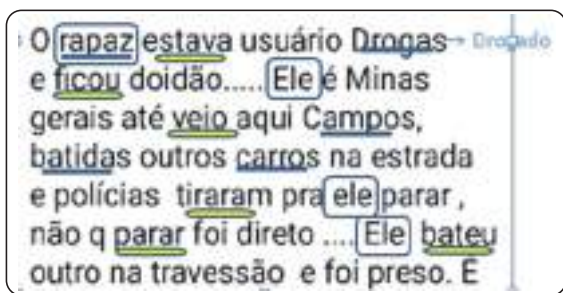


Imagem 3 – Análise do texto-imagem

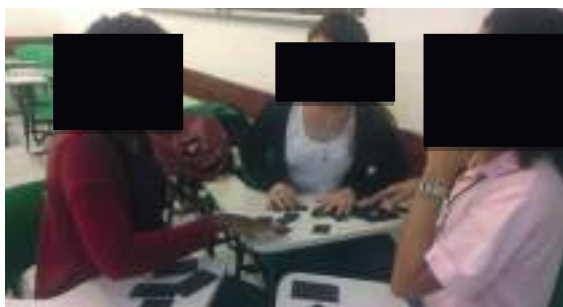


Imagem 4 – Jogo da memória. Fonte: imagem cedida.



Imagem 5 - Jogo construção frasal. Fonte: imagem cedida.

Todos os participantes do encontro têm acesso a um computador com internet em casa e na escola. Cada um possui um aparelho celular com acesso à internet e tem pelo menos uma conta nas mídias sociais.

Pudemos obter, como resultado, que os cursistas preferem, para contato direto com pares surdos, usar o Whatsapp com chamada em vídeo ou com envio de vídeo em Libras ao texto escrito; porém, a opção de palavras oferecida pelo corretor automático, chamado pelos surdos participantes por “ajuda de escrita” pois facilita a escrita de palavras e a formação de frases.

Eles, também, sinalizaram que o uso das mídias sociais os “obriga” de forma não padrão (instrução) ao aprendizado da Língua Portuguesa, principalmente de palavras, uso de verbo de ligação, artigo, preposição e conectivos em construção de frases/orações.

Assim, os resultados encontrados no presente estudo sugerem que a utilização desses gêneros textuais no certame diário possibilita a aquisição da Língua Portuguesa para os surdos e que é relevante a sua aplicabilidade nas aulas de Língua Portuguesa.

Porém, somente um encontro não é suficiente para desenvolver todo o processo necessário com esse grupo, todavia, pudemos perceber a validade desse estudo; como os sujeitos que participaram do encontro puderam perceber as possibilidades que há na escrita da

Língua Portuguesa e puderam aprender mais sobre construção frasal de forma prazerosa. Portanto, os usos das redes sociais podem ser um mecanismo de aprendizagem de uma segunda língua e um meio estratégico adotado pelos docentes.

5. CONCLUSÃO

O processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua perpassa por fases de aprendizagem de leitura e depois de escrita, mas isso só é possível quando o aluno possui aquisição de primeira língua e tem as defasagens de desenvolvimento supridas.

Em consonância com todo o estudo abordado, para os surdos que têm aquisição de primeira língua, no caso a Libras, esse processo de aprendizagem de segunda língua se torna mais leve, cooperando para a minimização das dificuldades de aprendizagem escolar.

Assim, as mídias sociais que nos envolvem em uma cibercultura podem ser utilizadas como recursos estratégicos de ensino da Língua Portuguesa para surdos. Esses colaboradores são recursos que despertam o prazer, gerando de um jeito informal a aprendizagem, que podem ser adotados pelo docente da Língua Portuguesa como instrumento de ensino formal da língua.

REFERÊNCIA

ALVES T. P.; ARAÚJO, R. O Moodle e o Facebook como espaços pedagógicos: percepções discentes acerca da utilização destes ambientes. **em teia**, Olinda, v. 4, n. 2, p.3, 2013.

ARIMA, K.; MORAES. M. O futuro da web está no Facebook? **Revista Info Exame**, n. 300, Editora Abril, fevereiro/2011.

BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou lógica?** Os surdos e sua produção linguística. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

BRASIL, Decreto nº 5.626, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2005, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, 2005.

BRASIL. Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000 - Art. 18. Brasília, 2005. Disponível

em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em: 06 ago. 2021.

CARITÁ, E. C.; PADOVAN, V. T., SANCHES, L. M. P. **Uso de redes sociais no processo ensino aprendizagem**: Avaliação de suas Características. Ribeirão Preto, SP. Abr. 2011. p. 8. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/61.pdf> Acesso em: 20 jun. 2018.

QUADROS, R. "O BI" em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (org). **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre, Mediação p.31, 2015.

NOGUEIRA, A. C. Z. **Cultura, língua e valores surdos em uma escola inclusiva**: a sala de recursos. 2007, 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de

Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

PETTENATI, M. C.; RANIERI, M. Informal learning theories and tools to support knowledge management in distributed CoPs. in: **Innovative Approaches for Learning and Knowledge Sharing**, EC-TEL. Workshop Proceeding, 2006.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Art-med, 1997.

RAMIREZ, A. R. G., MASUTTI, M. L. (org.) **A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue**, uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas. Santa Catarina: Ed. da UFSC, 2009. p. 23.

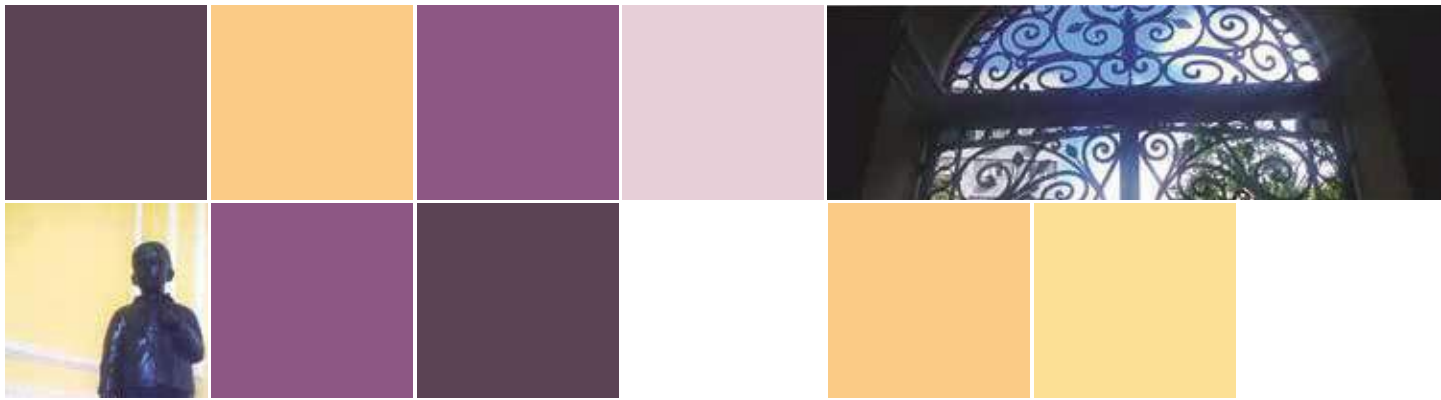
SANTANA, A. P. **Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007, p.33.

SANTOS, R. S. Cibercultura: redes educativas e práticas cotidianas. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v.04, n.7, p. 159-183, jan-jul 2012.

SAUTCHUT, A. **Prática de Morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática**. 2.ed. São paulo: Monole, 2010. pp. 50, 76, 77.

SKLIAR, C. (Org.). **Educação & Exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1997.

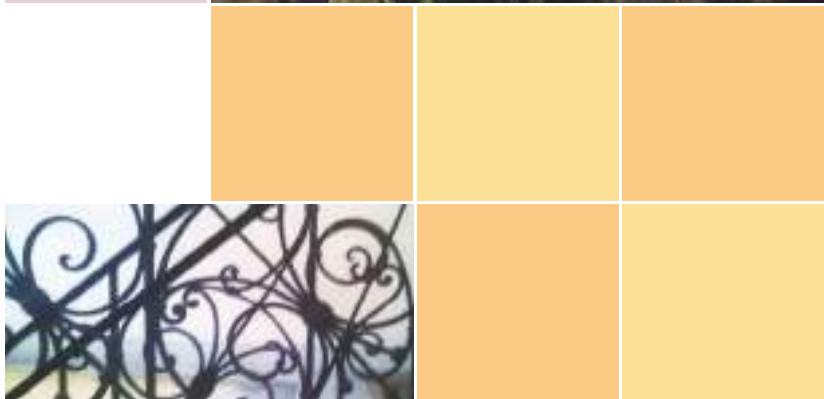
SILVA, A. P. S. S.; COGO, A. L. P. Aprendizagem de punção venosa com objeto educacional digital no curso de graduação em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre/RS, v. 28, n. 2, p.185-192, 2007.



REVISTA

Arqueiro

PERIÓDICO DE DIVULGAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS
EM EDUCAÇÃO DE SURDOS



Nesta edição, a Revista Arqueiro traz artigos com foco nos seguintes temas: Análises de textos sobre a Comunidade Surda, Análise de discurso sobre/de surdos, estratégias e recursos de ensino-aprendizagem para surdos na pandemia, musicalidade e surdez e mídias sociais, educação de surdos e cidadania. E, ainda, nos presenteia com uma enriquecedora entrevista com a professora e pesquisadora Cássia Sofiato.

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

